

Lilian Dallastra

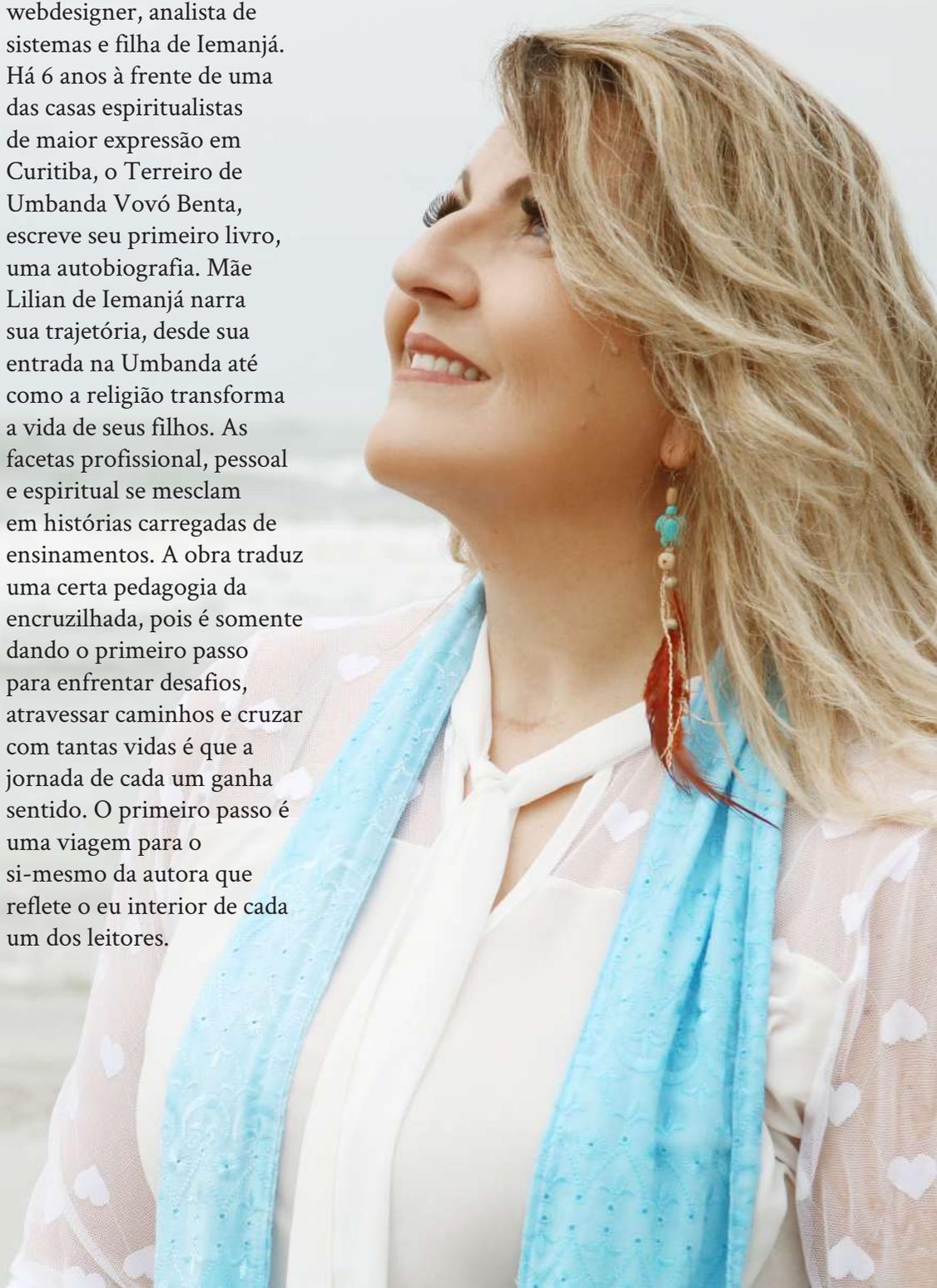


O primeiro passo



SYNTAGMA

Lilian Dallastra é chef confeitadeira, professora, técnica em informática, webdesigner, analista de sistemas e filha de Iemanjá. Há 6 anos à frente de uma das casas espiritualistas de maior expressão em Curitiba, o Terreiro de Umbanda Vovó Benta, escreve seu primeiro livro, uma autobiografia. Mãe Lilian de Iemanjá narra sua trajetória, desde sua entrada na Umbanda até como a religião transforma a vida de seus filhos. As facetas profissional, pessoal e espiritual se mesclam em histórias carregadas de ensinamentos. A obra traduz uma certa pedagogia da encruzilhada, pois é somente dando o primeiro passo para enfrentar desafios, atravessar caminhos e cruzar com tantas vidas é que a jornada de cada um ganha sentido. O primeiro passo é uma viagem para o si-mesmo da autora que reflete o eu interior de cada um dos leitores.





Este livro te convida a pensar em todos seus passos até o dia que você foi presenteado com esse conjunto de histórias de almas e sentimentos. Mãe Lilian de Iemanjá traz em seu primeiro livro a chave de seu coração, mesmo que guardado em um cofre seguindo a uma das tantas lições de nosso saudoso mestre Pai Fernando Guimarães de Ogum. Sem melindres e sem rodeios, essa Mãe de Santo nos convida a acompanharmos seus desafios pessoais, os obstáculos que a vida lhe deu e como um a um foram se transformando em oportunidades, logo, em degraus para uma escalada de fé e devoção aos Orixás. Dar o primeiro passo, como Mãe Lilian nos fala nessa obra, nem sempre é um começo, mas, na maioria das vezes, um recomeço, uma nova oportunidade que Deus nos dá em nossas vidas. Aqui encontrará histórias de Mãe Lilian, de outros pais e mães de santo, de filhos de santo, de pessoas que sofrem como todos, que têm dificuldades, têm dádivas, perseverança e determinação. Empurrados ou impulsionados pelas forças celestiais dos movimentos divinos, que chamamos Orixás, conseguem se superar e obter a vitória nesses momentos difíceis. Difícil não se emocionar com os desencarnes, com as curas, com os relatos de superação, de não rirmos de alguns encontros e desencontros, de compararmos esses relatos aos nossos. O livro é um registro de passagens marcantes e reveladoras na formação dessa filha de Iemanjá.

Lilian Dallastra

O primeiro passo



SYNTAGMA

© Lilian Dallastra

Capa

Fotografia: Hertz Wendell / Hair, make up: Brayham de Almeida

Tratamento de Imagem

Célio Olizar

Revisão

Fabiano de Queiroz Jucá

Diagramação

Syntagma Editores

Produção Digital

Syntagma Editores

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

D145 Dallastra, Lilian. 1976 –
O primeiro passo / Lilian Dallastra. – Londrina : Syntagma Editores,
2019.
200 p.

ISBN: 978-85-62592-58-4

1. Umbanda. 2. Religião. 3. Autobiografia. I. Título.

CDD: 200

CDU: 2-4



SYNTAGMA

Syntagma Editores Ltda.

Rua Guararapes, 60 – Jd. Higienópolis, Londrina, PR

www.syntagmaeditores.com.br

Dedico este livro ao meu marido e meus filhos, ao Pai José de Aruanda que me encorajou a escrever, à Vouó Benta minha mãe-mestra e a todos os espíritos que me acompanham, orientam e fortalecem com o conhecimento necessário para seguir adiante na missão de viver significativamente. Agradeço a Deus pela oportunidade e alegria em ser mãe, por estar neste plano e servir os espíritos.

Mãe Lilian de Iemanjá

Sumário

Aprendi através da experiência amarga a suprema lição: controlar minha ira e torná-la como o calor que é convertido em energia. Nossa ira controlada pode ser convertida numa força capaz de mover o mundo.

Mahatma Gandhi

8	<i>Prefácio</i>
11	<i>Introdução</i>
14	<i>O primeiro passo</i>
29	<i>Preconceitos: machismo e intolerância religiosa</i>
38	<i>Pelo amor ou pela dor: a Umbanda</i>
47	<i>Crianças na Umbanda</i>
55	<i>Materializações</i>
62	<i>Pai Fernando</i>
67	<i>A chance</i>
74	<i>O sopro da vida: libertação</i>
80	<i>O voo do meu ídolo</i>
85	<i>Grandes batalhas</i>
90	<i>O Terreirinho</i>
101	<i>O Camboninho</i>
112	<i>A cura</i>
135	<i>Curumataí: índio guerreiro</i>
142	<i>Ego: uma auto-obsessão!</i>
149	<i>Gratidão e ingratidão</i>
156	<i>Sanidade Mediúnica</i>
161	<i>A Lua de Tata Caveira</i>
168	<i>Cambone, a quarta energia</i>
175	<i>O encontro</i>
181	<i>Um grito de liberdade</i>
186	<i>A engoma</i>
192	<i>Memórias de terreiro</i>
198	<i>Leituras sugeridas</i>

Esse conjunto de histórias de almas e sentimentos

Prefácio

Pai Caetano de Oxóssi

Prefácio

Ler *O Primeiro Passo* te convida a pensar em todos os seus passos até o dia que você foi presenteado com esse conjunto de histórias de almas e sentimentos.

Mãe Lilian de Iemanjá traz em seu primeiro livro a chave de seu coração, mesmo que guardado em um cofre, seguindo a uma das tantas lições de nosso saudoso mestre Pai Fernando Guimarães de Ogum. Sem melindres e sem rodeios, essa Mãe de Santo nos convida a acompanharmos seus desafios pessoais, os obstáculos que a vida lhe deu e como um a um foram se transformando em oportunidades, logo, em degraus para uma escalada de fé e devoção aos Orixás.

Dar o primeiro passo, como Mãe Lilian nos fala nessa obra, nem sempre é um começo, mas, na maioria das vezes, um recomeço, uma nova oportunidade que Deus nos dá em nossas vidas. Aqui encontrará histórias de Mãe Lilian, de outros pais e mães de santo, de filhos de santo, de pessoas que sofrem como todos, que têm dificuldades, têm dádivas, perseverança e determinação. Empurrados ou impulsionados pelas forças celestiais dos movimentos divinos, que chamamos Orixás, conseguem se superar e obter a vitória nesses momentos difíceis.

Difícil não se emocionar com os desencarnes, com as curas, com os relatos de superação, de não rirmos de alguns encontros e desencontros, de compararmos esses relatos aos nossos. O livro é um registro de passagens marcantes e reveladoras na formação dessa filha de Iemanjá.

Aliás, fica claro perceber as forças dessa grande Orixá nas histórias de acolhimento, de preocupação, de controle e acompanhamento de cada tarefa, de cada detalhe da vida do Terreiro de Umbanda Vovó Benta, atuando na coroa de Mãe Lilian. Fica claro, também, a importância de Ogum na formação dessa sacerdotisa que não esmorece, que se recria, que se levanta e, quando menos se espera, constrói forças a partir de suas decepções e lágrimas. Iemanjá e Ogum moldando junto com os demais Orixás uma história de vida, que acaba por se entrelaçar por tantas outras milhares de almas, deixando claro como cada um de nós está interligado, como somos nós em uma rede conectada de almas criadas por Deus.

Certa vez me disseram que alguns creem que a preparação de um pai ou mãe de santo não se dá nos dias que antecedem sua feitura, mas que a verdadeira formação nessa vida é a própria vida quem dá. Observar a história de Mãe Lilian é a comprovação desse ditado. *O Primeiro Passo* é sim um livro de memórias, de registro, mas também de muita

inspiração. E sobre isso, relato aqui uma mensagem ditada por Pai Tobias de Guiné desde há muitos anos:

“O tempo não só avança, não andamos só para frente, o que vocês passam hoje, suas dores, sofrimentos, dificuldades, já passamos tempos atrás. Na sabedoria do povo bantu, dizemos que o tempo é circular, e quem entender isso aprenderá a sair desse ciclo de provas e provações. Olhe para o relógio, agora pode parecer dez horas, mas daqui a doze horas o relógio marcará de novo dez horas, e teremos o sol como companhia e não mais a lua. Assim aprenderá que tudo é passageiro, e se escutar os ancestrais que já saíram desse ciclo, compreenderá o que é ser livre e feliz.”

Quando aprendemos com os relatos de outros, descobrimos formas de superarmos aflições, de encurtarmos os caminhos da paz e da alegria. Não precisaremos passar pelas mesmas provações. Que possamos escutar mais os mais velhos. Mãe Lilian, que haja muitas idas ao quarto para escutar a Vó Benta. Que todos aqueles que lerem e entenderem essas mensagens possam parar e ouvir, ouvir a sabedoria dos pretos-velhos, dos caboclos, dos Exus e Pombagiras, pois quantas vezes, ao ouvirmos os guias, ganhamos em luz e em oportunidades?

Neste livro encontrará muitas situações em que Mãe Lilian e outros personagens, ao ouvirem os mais velhos, tiveram oportunidades belíssimas de luz, amor e fé. Desejo que cada leitor e leitora possa viajar, aprender, sorrir, chorar e se deliciar com os causos. Porém, rezo para que cada página virada seja o primeiro passo de novas oportunidades de ascensão aos Orixás, à luz e, portanto, ao amor divino incondicional.

Pai Caetano de Oxóssi

Dirigente do Terreiro de Umbanda, Luz, Amor e Paz
Curitiba, primavera de 2019

Introdução

Nenhuma caminhada se inicia sem o primeiro passo.

Edmundo Rodrigues Ferro

Histórias

Tantos outros ilustres escritores já passaram por esta terra e deixaram suas obras com amor e sabedoria para que possamos beber do conhecimento já aprimorado e posto à mesa. Seria um grande desperdício falar da Umbanda sabendo que já existem tantas obras que relatam a sua origem em 15 de novembro de 1908, com Zélio Fernandino de Moraes, no Rio de Janeiro, mas também seria uma heresia não citar seu nome no primeiro parágrafo deste livro.

Recontar histórias não é insignificante, porém, me detenho na missão que me foi empenhada pela Vó Benta em grafar o presente, pouco mais de um século depois do brado do Caboclo das Sete Encruzilhadas, ano em que completo 26 anos como umbandista e seis anos como mãe de santo e fundação do Terreiro Vovó Benta.

Falar da Umbanda além da sua origem também seria magnífico e muito rico, explanando suas vertentes e ramificações que hoje encontramos em terreiros de todo o Brasil e em terras estrangeiras. Entretanto, não quero conceituar a Umbanda pela sua prática, pois não a vejo assim. Não me permitirei jamais julgar qual Umbanda é a mais fidedigna, mais “raiz”, mais bela, mais magística, mais branca, mais sagrada... Quero apenas grafar o que a Umbanda proporcionou em 25 anos de caminhada em minha vida até aqui. Desejo que você, querido leitor, possa enxergar a Umbanda através dos meus olhos, do meu coração e da minha alma. Meu objetivo com este livro é acender a sua fé em Deus e nos espíritos.

O que uma religião é capaz de fazer por alguém? Muita coisa. Até o impossível. E aqui cito a religião como um todo, e não a Umbanda, pois não creio que a melhor religião seja a Umbanda. Ela é com certeza a melhor religião para mim, mas pode não ser para você. Como descobrir? Conhecendo. Certamente ao menos o preconceito instituído pelas mídias e demais pessoas sem visão realista do que é a Umbanda não ficará enraizado em você. Então conheça... Não se baste com poucas informações. Busque, indague, experimente e só então tire suas conclusões.

Obviamente você conhecerá um pouco da Umbanda que vivemos e praticamos no Terreiro Vovó Benta, casa que fundei com todo o amor, auxílio e conhecimento da Preta Velha que batiza o nome da casa.

Aprendi que a fé precisa ser praticada e o que aprendemos na prática precisa ser ampliado. Por esta razão não deixo passar nenhuma

solicitação dos espíritos, arregaço as mangas, anuncio o projeto e início a execução do que foi planejado no astral. A Vó Benta me disse antes mesmo de fundarmos o terreiro que esta casa de fé foi planejada há 130 anos, mais ou menos. Uma filha, recentemente, me alertou em uma questão, de que a abolição da escravatura também completou 130 anos em maio de 2018. Acredito em coincidência, evidente que sim. Mas não nesta! Acredito que assim que foi bradada a abolição da escravatura no Brasil, novos planejamentos espirituais iniciaram.

Em 1908, apenas 20 anos após a abolição, a Umbanda foi bradada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas e de lá para cá os pretos velhos se tornaram os abraços acolhedores dos necessitados. Em 2013, apenas 105 anos depois, mais uma casa de Umbanda é aberta em terras brasileiras, o Terreiro Vovó Benta. Não melhor ou mais importante, porém, mais uma casa de reza, de fé, de luz.

Por isso, neste livro você vai vivenciar comigo a Umbanda que vive em mim, que passou pela minha vida nestes 25 anos e conhecer um pouco desta prática no TVB (sigla do Terreiro de Umbanda Vovó Benta). Os capítulos são independentes, não precisa ler em sequência. Leia com total liberdade, pulando capítulos, do primeiro ao último ou de trás pra frente.

E não se esqueça, nada que está aqui escrito é a verdade absoluta. Nossa verdade é construída pelo caminhar ímpar de cada um de nós e lapidada perante cada acontecimento e aprendizado. Que este livro possa expressar um pouco do que a Umbanda é e faz por mim.

Saravá Vovó Benta!
Saravá todos os espíritos!
Saravá você!

Mãe Lilian de Iemanjá

O primeiro passo

Até que enfim, nega! Demorou, mas veio!

Dona Maria Padilha das Almas

1.

Minha vida desde a infância foi esquisita. Nunca tive boa saúde e já aos seis meses de idade meus pais quase me viram desencarnar. Convulsões por alergia ao medicamento indicado para tratamento de uma severa desnutrição quase me levaram mais cedo. Minha mãe não tinha a informação de que o leite de vaca era inadequado para recém-nascidos e, diante da falta do leite apropriado, era o que me ofertavam. Por um fio minha vida se segurou neste plano, mas esta não seria a única vez.



Mãe Lilian no colo de sua irmã mais velha, Patrícia.

(Foto: arquivo pessoal)

Desde pequena diziam que eu era sonâmbula. Mas nunca fui. Sentava na cama para conversar com meus “amigos imaginários” e também sofria muitas vezes pelas primeiras conversas. Imagine uma criança de oito anos deitada para dormir e uma voz lhe chamando pelo nome? Eu cobria meu rosto com a coberta e bem devagarinho espiava para encontrar quem estava a falar comigo. Pensava às vezes que seria meu próprio pai que ficava na sala até tarde vendo TV, então procurava ver se ele não estava pela fresta da porta do meu quarto. Minhas duas irmãs sempre dormiam e eu ficava a matutar com as vozes.

Lembro claramente de uma vez pensar que tinha ladrão em casa e eu fingi que estava dormindo para que não me pegassem acordada. Hoje rio só de lembrar da cena, mas sei que foram momentos de pa-

vor. Conforme eu crescia, percebia que a voz não era externa, ou seja, não era uma voz falada e ouvida pelos meus ouvidos, mas sim uma voz dentro da minha cabeça, uma diferente da outra, como se fosse a voz da pessoa mesmo.

Meu pai era católico não praticante, aliás, só carregava o nome “católico” mesmo. Não tinha paciência e nem gosto pela igreja ou qualquer outra religião. A única missa que ele me acompanhou foi a da Primeira Comunhão e lembro que uma missa antes desta data ele até tentou. Na metade da missa saímos porque ele não tinha mais paciência, passamos num bar para comprar uma carne assada e fomos pra casa, felizes. Pela Umbanda e qualquer outra religião que não fosse a católica ele tinha total aversão. Penso que pelas atitudes que ele tinha nesta época, até mesmo da católica ele tinha aversão, só ele que não sabia.

Minha mãe, ao conhecer meu pai, era evangélica convicta da sua fé, mas logo que casaram meu pai a proibiu de continuar sua prática religiosa. Minha mãe falava em línguas na igreja e ela relata até hoje essas experiências com muita alegria.

De um policial militar católico não praticante e uma evangélica nasceram três meninas. Eu sou a do meio. Estudar é algo que sempre me trouxe muita felicidade e o orgulho das minhas notas na escola me faziam mais feliz ainda. Sempre pensei em ser uma grande profissional com a conta bancária farta, que teria não só dinheiro para tudo o que quisesse, mas certamente, além de um apartamento (cobertura, lógico!), um carro do ano e todas as demais vontades satisfeitas pelo dinheiro.

Aos 17 anos de idade tinha convicta ideia de que não precisava casar e quiçá ter filhos. Aproveitar a vida com tudo o que ela tem de bom era o objetivo. Guarde esta frase, querido leitor! Vou inclusive repeti-la: aproveitar a vida com tudo o que ela tem de bom.

Não querendo justificar a visão materialista, mas para que seja possível entender, cito uma passagem que me marcou muito: meus 15 anos. Faltando um dia para meu aniversário, meu pai e minha mãe conversavam na sala sobre como fariam com o meu aniversário. Dinheiro curto, contas sempre apertadas, tentavam alguma saída para comemorar a data. Lembro da frase: “Não pode passar em branco”. Meu maior presente não seria uma festa como tantas debutantes ganham. Mas certamente seria não ver meus pais pensando em como não deixar esta data passar em branco.

Eles entraram em meu quarto, de onde eu ouvia a conversa, e minha mãe com toda a doçura do mundo me disse que eles não tinham

dinheiro para fazer uma festinha, mas que ela iria dar um jeito para ao menos termos um bolo. Ela fazia panos de prato pintados a mão arrematados com delicado crochê. Vendeu pra vizinha no mesmo dia algumas peças e isso foi o que comprou os ingredientes para uma cuca. E assim, no dia seguinte cantamos parabéns pra mim com uma cuca na mesa. O amor empregado naquele bolo era imenso, incalculável. Já a minha revolta por ver meus pais contando as moedas para fazer um bolo me marcou muito. Esta não foi uma cena isolada na minha história. Várias vezes dividimos um ovo frito que era a única “mistura” para o arroz. Singelo? Muito, mas jamais passei fome. Meus pais sempre deram um jeito de nos amparar.

Vi muitas vezes meu pai trabalhar em dobro para poder pagar as contas e tantas outras situações que me fizeram ser totalmente materialista aos 17 anos. Eu só queria saber de estabilidade financeira, não queria casar e nem ter laços que me prendessem a ninguém. Dirigir sempre carros caros e do ano era um dos objetivos. Frio pensamento de pessoa extremamente materialista. Obviamente que eu não tinha noção do porquê vivia e muito menos do que era felicidade plena. Esta visão pequena que eu tinha, credito não só aos poucos anos vividos na época, mas também por não ter me aproximado de Deus da maneira correta. Passei pela infância e adolescência como um ser estranho, que falava com o invisível. Amigos que me rodeavam eram raros por causa do meu comportamento estranho. Por ser rejeitada pela maioria dos colegas da escola, eu me dedicava aos livros e pela busca constante da nota máxima. Meu objetivo era ser a primeira aluna da classe. Minha disputa era com uma menina loira, de olhos azuis, a Cristiane. Quando a nota era um décimo abaixo de 10 já ficávamos nos olhando para ver quem seria a melhor, já que o 10 não fora alcançado. A burrice da comparação com o outro desde cedo! A busca desenfreada pela perfeição era tão grande que aos 14 anos fui diagnosticada com arritmia cardíaca por estresse. Quando a mente está doente o corpo paga.

Enfim, depois de tantas vezes deixada de lado pelos amigos me acostumei com os poucos que permaneciam e segui em frente. Nesta caminhada eram constantes conversas com os espíritos, principalmente uma voz doce e serena (Vó Benta) e um amigo mais duro, direto e até algumas vezes ríspido (S. Tata Caveira). Me recordo bem da época que meus pais acreditavam que eu tinha um amigo invisível. Meu pai dizia para minha mãe que logo iria passar “essa fase”. Incrível que com 42 anos de idade ainda não passou. Continuo falando com os meus amigos invisíveis e hoje não são apenas dois, são vários.

Porém, na infância eu falava em voz alta com eles, fato que constrangia meus pais em público. Vou recordar para você, querido leitor, uma das passagens que me marcaram muito por ter me dado a certeza de que não sou louca e de que os espíritos e todo o astral não só existem mesmo, como nos comprovam isso materialmente.



Gira de praia.

(Foto: arquivo pessoal)

Meu pai era catarinense. Acordamos bem cedo num certo dia para irmos para Blumenau, cidade onde morava boa parte de nossa família. Meu pai era caçula de 14 irmãos, então imagine o tamanho da família. Iríamos até a casa da Dindinha, minha avó paterna, e em seguida visitaríamos todos os demais tios e primos. Malas feitas, meu pai se ocupava em aquecer o motor do carro e guardar nossa bagagem para que partíssemos em seguida. Eu, minha mãe e minha irmã mais velha estávamos na cozinha tomando café.

Eu tomava o café preto e comia um pedaço de pão caseiro, e minha mãe com um copo de farinha de milho branca com leite (tem gosto pra tudo, não é mesmo?). Enquanto eu tomava o café, também conversava com o S. Tata Caveira, que até então não tinha nome, era apenas o “meu amigo”. Minha mãe brigava comigo quando eu falava em voz

alta, então, um pouco antes daquela época comecei a conversar com eles pelo pensamento, pois já havia notado que eles entendiam e me respondiam mesmo que eu não verbalizasse o que queria comunicar. Eu brigava com o meu amigo, dizia que ele não existia e que era “coisa da minha cabeça”, como bem minha mãe falava. Ele teimava comigo, bravo, dizendo que não e que poderia me provar. Eu então pedi que provasse mesmo! Ele avisou: “Vou bater na porta pra sua mãe abrir”. Claro que eu não acreditei que isso iria acontecer, apenas sorri. Minha mãe percebeu o meu sorriso e perguntou o que aconteceu que eu estava rindo. Eu disse que não era nada, mas que meu amigo iria bater na porta pra ela abrir. Na mesma hora houve a batida na porta, aqueles toques normais de quem quer entrar. Minha mãe sabia que meu pai estava na garagem, ficou pasma e com medo. Ela, assustada, levantou e abriu a porta. Não tinha ninguém? Tinha sim, era S. Tata Caveira, que só respondeu: “tô entrando”.

Minha mãe não acreditava, mas depois deste episódio ela começou a me levar em centros espíritas e terreiros para que pudesses explicar o que estava acontecendo. Num dos terreiros que ela me levou, lembro que era uma gira que os erês estavam em terra (hoje sei que eram erês, na época eu via apenas corpos adultos agindo estranhamente). Porém, neste dia eles começaram a falar comigo e diziam pra minha mãe (incorporados em médiuns do terreiro) que eu era diferente, que eu podia ouvi-los. A partir daí minha mãe parou de dizer que eu era sonâmbula e começou a acreditar que algo de diferente realmente acontecia. A dúvida sempre pairou no ar, ela só veio a acreditar mesmo quando viu este meu amigo em carne e osso, ou melhor dizendo, em osso e espírito, ao meu lado em minha casa. Meu marido também viu... S. Tata Caveira se mostra aos mais chegados; talvez pelo nosso passado incrédulo aos olhos de muitos, hoje ele se dá ao capricho de comprovar a sua existência.

Não ter nada para provar que os espíritos lhe falam é complicado. Só mesmo o tempo para deixar claro o que é e o que não é. Aquele que mente ser clarividente ou clariaudiente está em maus lençóis, pois jamais poderá ser coerente com o que é verdadeiro. Porém, não aconselho colocar à prova a mediunidade de ninguém. Tem espírito muito mais esperto do que a gente. A pegadinha retorna e ficaremos com cara de bobos.

Acredito que até aqui você já conseguiu imaginar um pouco do que foi a minha infância. Nada fácil, por sinal, por ser discriminada pela clariaudiência que não foi detectada, mas tolhida e crucificada como

se fosse algum problema psicológico corriqueiro para crianças e que logo passaria. Por esta razão, lhe imploro que jamais desdenhe do que uma criança fala. Preste atenção e ajude ela a entender o que acontece. Leve ela até uma casa de fé que possa lhe entender e auxiliar. A caminhada de uma criança ou adolescente que vê ou fala com os espíritos não precisa ser difícil. Com apoio dos pais e acompanhamento específico, será de grande aprendizado e ajuda. Caso contrário esta criança terá grandes chances em acreditar que é louca e pode até pensar em atentar contra a própria vida ou então ter confundida a mediunidade com uma doença psiquiátrica e ser medicada de algo que não é real. O medicamento para quem tem estas formas mediúnicas é conhecer, equilibrar e trabalhar com este dom. Não há outra forma.

Como meu pai sempre mandou em todos da casa, com toda delicadeza de um policial e ainda por cima filho de Xangô (o que é lei, é lei e ponto), éramos católicos. Fiz a primeira comunhão, participava do coral da igreja, grupo de amigos, e fiz a crisma. Já como catequista, aos 16 anos, ajudava também com as capelinhas (imagem de Nossa Senhora ou outro santo que percorre as casas entre vizinhos de mesma rua) e estava sempre envolvida nas festas para ajudar a igreja. A barraca do pastel era minha tarefa! Tudo corria bem, até que comecei a analisar o rito, as pessoas e os propósitos. Não estou aqui falando mal da Igreja Católica, não mesmo! Mas é bom deixar claro que para mim não bastava. Eu perguntava coisas para o padre e ele me respondia sempre a mesma frase: “são os mistérios da fé”. Cansei de ouvir esta frase quando perguntei por que todas as igrejas precisavam seguir a mesma leitura, a mesma homilia etc. E lá veio a famigerada resposta: “são os mistérios da fé”. Naquele dia, então, decidi que precisava conhecer mais sobre as religiões. E assim fiz, fui em busca da Igreja Evangélica, uma vez que minha mãe seria praticante desta fé se assim meu pai tivesse permitido que ela continuasse quando casaram. Entrei na igreja feliz, pois fui muito bem recebida. Todos que me olhavam chegando, diziam “a paz de Cristo, irmã!”. Eu, feliz e sem saber como responder, só repetia “a paz de Cristo!”.

Na Igreja Evangélica gritei louvores ao senhor com todos que estavam lá. Vi que alguns choravam tamanha era a ligação do Divino. Lindo. Comecei a perguntar por que usavam saia e cabelo comprido. As respostas mudaram, não eram mais os mistérios da fé... Agora era porque Deus assim mandava. Não quis acreditar que Deus fosse tão cruel a ponto de negar um corte de cabelo ou uma roupa quentinha para o frio. Percebi ainda que naquele lugar em específico que fui, ha-

via algo muito similar que já observava na Igreja Católica: a comparação física e monetária. Ao entrar na igreja alguns já olhavam de cima a baixo o que estava sendo trajado, se o sapato era de boa apresentação, se a bolsa era de marca e se os cabelos estavam bem arrumados. O perfume também era algo para ser elogiado. Não curto comparações, mas aqui preciso observar que prefiro o pé descalço, todos de vestes brancas e o melhor perfume na minha opinião é o da defumação! Pra mim é, para você pode não ser e respeitarei isso para todo o sempre. Os fatores da comparação física e as ordens de Deus naquela prática religiosa não me deixaram satisfeitas.

Cansada de procurar dentro da igreja católica que eu frequentava assiduamente e na evangélica quadrangular, comecei uma peregrinação entre as religiões. Sem participar ativamente, mas assistindo as cerimônias para identificar onde eu me sentiria melhor. Meu objetivo era entrar e admirar. Porém, a avaliação seria analisar como eu sairia. O local de onde eu sáisse com mais amor, mais serenidade, ali eu ficaria. Passei por várias religiões, até missa em alemão eu ouvi. Gritei “aleluia” com os irmãos evangélicos, local onde a fé é fervorosa e senti as pessoas em grande entrega espiritual e devoção a Deus. Mas não saí de lá melhor do que entrei, embora acredite que seja, como todas as outras, uma ótima religião.

Visitei a Adventista, Batista, Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus, Mórmon, o salão das Testemunhas de Jeová, entre tantas outras. Destas, me decepcionei apenas com uma, que me fez sair de lá muito brava. Enfim, o que não é bom pra mim, pode ser para os outros. Depois que visitei os lugares mais comuns, ainda não tinha encontrado o lugar ideal, aquele que tocasse meu coração. Então resolvi partir para as religiões espíritas e de matrizes africanas. Dispensando maiores detalhes para as religiões visitadas, vou me ater a descrever meu encontro com a Umbanda.

Minha irmã mais velha tinha iniciado há pouco tempo num terreiro de Umbanda em São José dos Pinhais. Então fui lá conhecer, acompanhada de um primo meu, hoje também umbandista. Ao entrar, já na porta, senti uma cortina quente em minha volta; eis que olho para o lado e vejo um monte de imagens escuras, velas pretas, vermelhas... E minha mente já me prega a primeira peça: “que marmota é essa? Quem é que acredita nestas coisas? É o fim do mundo mesmo...”. Era o quarto dos exus. Alguém gritou comigo e disse: “mais respeito com aquilo que te pertence”. Voz conhecida, de muitos anos atrás. Eu ainda não sabia quem era o dono daquela voz, mas certamente era meu

amigo que me acompanhava desde a infância. Fiquei quieta sem entender nada, mas decidi entrar e ver mais.

Entrei e continuei minhas observações. Vi um altar com os santos católicos, pessoas vestidas apenas de branco, com uma faixa de cores vibrantes na cintura. Cada um tinha a sua cor na faixa. Colares no pescoço, gente deitando na frente do altar, gente beijando as mãos uns dos outros e sorrisos de felicidade. Sentei e aguardei o início da cerimônia. Pessoas pegavam uma senha que eu nem sabia qual era a serventia. Perguntaram se eu iria consultar. Não sabia o que era, então disse que não.

Um cheiro maravilhoso tomava conta do lugar. Um misto de perfume com cheiro de coisa queimada. Era o defumador que estava sendo preparado. Lembro que de início o cheiro me pareceu estranho, mas ao respirar por mais alguns minutos aquele cheiro me fez transcender e comecei a ver as coisas ali dentro já com outros olhos. Como sempre fui desconfiada, cheguei a pensar se não havia alguma droga ilícita sendo queimada para alucinar a galera... (risos); hoje dou risada dos pensamentos que eu tinha, mas me perdoem a sinceridade em contar as peripécias de uma jovem de 16 anos pisando pela primeira vez num terreiro de Umbanda.

Começou o movimento! Algumas pessoas tocavam uns chocalhos barulhentos, feitos apenas de lata! Imaginei que poderia ser falta de dinheiro para comprar um bom chocalho, mas hoje não vivo sem a vibração do adejá. Começaram os cantos e os atabaques. A partir daí entrei em constante duelo com tudo o que eu via e ouvia, tanto dos encarnados que ali cantavam, quanto dos amigos espíritos que eu já ouvia. Não fazia ideia de que os espíritos eram espíritos, ou seja, para mim ainda eram coisas da minha cabeça.

Orixás foram sendo chamados e, de todos, só conhecia Iemanjá. Lembro de ir na casa de uma policial, colega de trabalho do meu pai, e na sala nós aguardávamos ela, que estava se despedindo do marido antes de sairmos, pois eles iriam trabalhar e eu ficaria na escola. Na sala de estar havia um quadro de Iemanjá, daquele tradicional. Eu, hipnotizada, perguntei ao meu pai se ele conhecia aquela moça bonita. Ele disse que era Iemanjá. Então comecei as perguntas... Mas, para minha infelicidade, ele matou a minha curiosidade na raiz, dizendo que não era nada, apenas um quadro pintado.

A imagem do quadro da sala da policial e as músicas que eram cantadas dentro do terreiro se uniram. Senti a leveza de quando estávamos dentro da água do mar, o cheiro da água salgada e sua imensidão.

Cada canto que iniciava, a vó me falava o nome do espírito. Na época eu chamava a vó Benta de mãe, pois ela me chamava de “fia”, então eu retribuía na mesma entonação. Eu não piscava e tremia de frio. Então percebi que minhas mãos suavavam, e como poderia estar sentindo frio? Encerraram os trabalhos e anunciaram um intervalo para então retornarem com os trabalhos da “esquerda”.

Eu não entendia nada, mas a palavra esquerda soou como um tambor nos meus ouvidos. Nesta hora, eu desafiei a Umbanda pela segunda vez, pois a primeira foi aos oito anos quando eu disse ao meu amigo, S. Tata Caveira, que ele não existia e ele provou que sim, batendo na porta da cozinha da nossa casa. Disse aos espíritos que me acompanhavam que tudo o que estavam a me explicar poderia ser algo da minha cabeça. Eu disse que se isso ali tudo era verdade, algum dos espíritos encarnados viria falar comigo, incorporado em algum médium. Essa seria a minha comprovação.

O trabalho iniciou com cantos específicos e veio ao terreiro um espírito de mulher no pai de santo da casa. Era a contente Maria Padilha das Almas, que, com sua dança e encantos, agradava a todos no local. Ela parou e olhou para trás e gritou “demorou, mas veio, né, nega?!”. Me levou até seu “canto” e lá me disse que eu estava ali para procurar um lugar para me encontrar. Dúbia a mensagem, mas foi exatamente o que ela me disse. Eu estava realmente procurando um encontro comigo mesma. Ela relatou a minha caminhada nas outras casas, e também a minha dúvida com tudo o que estava acontecendo naquele lugar. Pediu que eu levantasse e deu ordens para os meninos que estavam nos atabaques. Uma linda música cigana começou a tocar e eu, sem entender nada, sumi do mapa! Não era mais eu, pois rodava com trejeitos sensuais e suaves, até que eu tentei segurar os movimentos para tomar pé da situação.

Foi a pior coisa que eu fiz! O que era uma dança a duas, virou uma luta de boxe! Devo ter nocauteado alguns filhos daquela corrente, pois lembro de cair, levantar, derrubar pessoas, e por aí afora. Depois de uma grande luta, Maria Padilha me olha e pergunta: “acredita agora, mulher?”. Respondi com um simples e sonoro “acredito!”. Para selar a noite ela me fala que os “absurdos da cabeça não são absurdos, somos nós falando com você”.

Não levou um mês e eu estava de branco na gira. A partir daí é um novo capítulo da minha vida, pois antes eu era a maluca rotulada por mim mesma e passei a ser uma jovem querendo viver Umbanda. Nos primeiros meses de terreiro meu pai de santo jogou os búzios para

saber qual o meu orixá regente. E, não surpresa, tive a grata satisfação de saber que sou filha do mar, filha de Iemanjá, daquela mesma figura que me encantou no quadro da sala da amiga policial do meu pai.



Mãe Lilian preparando Amaci no TVB.

(Foto: Célio Olizar)

Meu primeiro pai de santo foi Pai Décio, do Terreiro Cigana Conchita, em São José dos Pinhais, Paraná. Aprendi com ele a não ser “banana”. Sem arrogância, ele colocava ordem no terreiro. A gira iniciava às 16 horas, porém eu já chegava no terreiro às 14 horas. Praticamente viajava de ônibus da minha casa até o terreiro, mas cada viagem valia muito a pena. Chegava na esquina do terreiro e já sentia o cheiro das ervas, pois Pai Décio preparava o banho de ervas para os filhos dentro do terreiro, num fogão simples de quatro bocas, num baita panelão. Tomávamos o banho no terreiro e em seguida colocávamos a roupa branca, firmávamos as velas necessárias e girávamos até por volta das 22 ou 23 horas.

Fato é que na primeira gira em que participei de branco, girei tanto que vomitei após a gira. Por isso, queridos irmãos iniciantes, o estômago sofre mesmo. Não é comum para todos, mas não é algo que fique por muito tempo. Com alguns meses de terreiro, ainda na corrente, sem muito saber sobre os exus, pombagiras, marinheiros, ciganos e etc, uma cigana veio falar comigo. Ela parou em minha frente

e, colocando as mãos na lateral do meu pescoço, me disse que eu precisava ver uma grande inflamação que me acometia. Eu, sem entender, retruquei dizendo que nada sentia. Ela me olhou firmemente nos olhos e repetiu: “vá ver esta inflamação”. Confesso que não dei bola pois nada sentia, então, por que iria até um médico?

Passados dois meses meu braço esquerdo começou a formigar das pontas dos dedos até o cotovelo. Como trabalhava com a área tecnológica, pois eu era analista de sistemas (já contratada nesta função aos 17 anos) e graduanda da mesma área, tanto eu quanto o médico pensamos ser apenas uma tendinite pelo tempo excessivo no computador. Saí do médico com o braço engessado para evitar movimentos, o que já não é mais praticado hoje, obviamente. Passados pouco mais de 20 dias, meu braço só piorava. Então foi retirado o gesso e o médico me pediu uma radiografia do pescoço. Fiz e o resultado do exame, constatado pelo radiologista, dava conta de que estava tudo bem, em ordem. Porém, o médico, ao olhar as radiografias, me disse que via algo estranho que o radiologista não observou. Me pediu outro exame, uma tomografia. Fiz e retornei ao consultório. Foi então que a notícia da Cigana Esmeralda se fez valer e pela primeira vez senti o aviso de um espírito que, por merecimento ou não, não havia dado ouvidos.

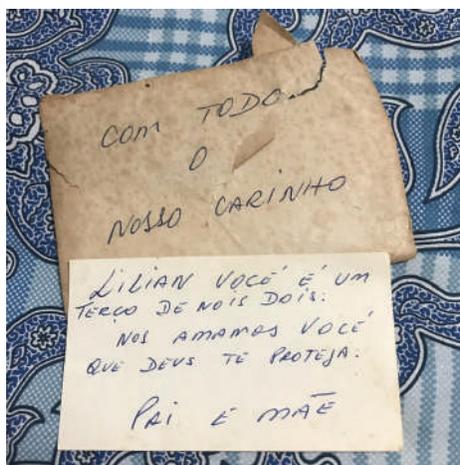
Recebi o diagnóstico de que eu tinha um tumor na coluna, na lâmina C4, e que o tumor já teria englobado uma das veias principais que liga o cérebro ao coração. Como não sei quase nada de anatomia, me apego somente às palavras ditas pelos médicos na época. O médico, especialista em membros superiores, me olhou assustado e me instruiu a procurar um médico especialista em coluna com urgência, colocando meu caso como gravíssimo. Me deu um cartão de visitas e encerrou a consulta. Certamente ele esqueceu que eu não tinha ainda 18 anos de idade para me dar tal diagnóstico sozinha, sem companhia de meus pais. Lembro ainda que meu pai não estava na cidade, estava pescando com amigos no Mato Grosso. Perdi o chão, não sabia o que fazer, pois o médico foi claro ao dizer que eu poderia parar de andar a qualquer momento.

Marquei a consulta com o médico indicado e a notícia deste foi ainda pior. Me deu um prazo para retirar o tumor ou então eu ficaria tetraplégica (sem movimento do pescoço para baixo). Prazo dado, veio também o valor da cirurgia que, mesmo que meu pai vendesse seu carro, não daria o dinheiro. Pelo sistema de saúde da polícia militar fiz os exames que precisava, e com o Dr. Edson Pudles tive mais uma consulta. Ele confirmou a urgência da cirurgia. Marcamos e, de

uma delicadeza e serenidade esplêndidas, ele me atendeu e inclusive respeitou a minha fé, deixando que minhas guias pudessem estar na sala de cirurgia, devidamente embaladas, protegendo o espaço. No dia da cirurgia meus pais estavam bem preocupados. Eu não, estava tranquila e feliz, pois se os espíritos me deram a chance de saber do problema, mesmo que eu não tivesse dado ouvidos, era por merecimento que eu passava por aquele momento.

Tudo o que eu tinha como certo em minha vida se desfez. Nada eu poderia fazer com um apartamento em cobertura e um carro lindo e maravilhoso se fosse tetraplégica. O dinheiro que eu tanto imaginava ser o fator da felicidade se transformava em nada diante do que eu tinha no momento: poder caminhar para apreciar a vida como ela fosse.

O marido e os filhos que eu não queria passaram a ter outro sentido. Minha profissão que era para ser lucrativa para meus sonhos materiais passou a ter outro sentido, apenas para o sustento.



Cartão do meu pai recebido com flores no hospital

(Foto: arquivo pessoal)

Olhar meus pais aflitos e com medo exacerbado estampado nos olhos foi muito pior do que a conversa entre eles que ouvi quando não tinham dinheiro para me dar uma festa de aniversário de 15 anos. Depois de pouco mais de dois anos, aquela cuca que ganhei de aniversário teve sabor de vida. Como eu queria só aquela cuca na mesa, com o café preto (não tínhamos dinheiro para comprar leite), e minha família ao meu lado.

O que fazer com o dinheiro que eu tanto sonhava e percorria em busca, se eu nem poderia ao menos continuar meus estudos com tranquilidade? Quantas barreiras eu teria para realizar meus sonhos?

Todos estes questionamentos passaram em minha cabeça neste dia. A caminho da sala de cirurgia me entreguei ao que Deus me permitiria. Não importava o que fosse, eu aceitaria de bom grado e seguiria. Quando não se tem filhos é mais fácil pensar assim, hoje não sei se teria a mesma tranquilidade de pensamento. Com um filho pequeno de oito anos peço a Deus todos os dias que eu tenha vida neste plano até ao menos ele se formar.

Já na sala de cirurgia, com música clássica tocando, sou abordada por um médico lindo. Parecia ator de novela, com aspecto egípcio. Observei que não havia crachá ou nome no jaleco que vestia, mas ele era muito amável e me acalmava só com o seu olhar. Ele pegou em minhas mãos e disse: “não há o que temer, Deus nos prepara para o que precisamos viver. Tudo dará certo!”. Eu respondi agradecendo o apoio. Pra minha surpresa, outro rapaz pergunta: “já anestesiou?”. O rapaz que estava ao lado direito da maca, colocando acessos no meu braço para anestésiar, responde: “ainda não”. E então vem a outra pergunta: “mas ela já está delirando?”. Como já era frequente em minha vida, fiz cara de paisagem e segue o baile!



Encerramento de gira no TVB.

(Foto: arquivo TVB)

Entendi depois, com o tempo, que o espírito que me acalmou ali era S. Tata Caveira. Os espíritos usam a roupa que precisam para trabalhar e neste dia ele precisava estar a contento de um hospital. Se trajou como médico para me amparar sem me assustar. Laroyê, meu querido amigo guardião! Seu sorriso e luz me deixaram tranquila para a cirurgia, que a princípio teria enxerto ósseo da bacia para a coluna cervical. Era certo que meus movimentos no pescoço seriam limitados e os médicos temiam pela artéria que já estava envolvida pelo tumor.

Quando voltei da cirurgia, eu tremia muito. E lá estava meu amigo me dizendo que tudo ocorrera da maneira esperada e que em breve eu estaria recuperada da cirurgia. Eu reclamava a ele que não conseguia enxergar, tive um princípio de desespero por conta disso, imaginando que eu não iria mais enxergar, que algo dera errado. Então ele me informou que era uma pomada que haviam passado em meus olhos e exigiu que me acalmasse.

Enquanto conversávamos, eu e meu amigo, o S. Tata Caveira, um enfermeiro entrou na sala de recuperação e me questionou: “com quem você está falando, menina?”. Respondi que falava com meus pensamentos... Esta resposta eu tirei da cartola e usei muitas vezes a partir de então.

Não foi necessário fazer o enxerto, não tive limitação de nenhum dos movimentos. O médico disse que era uma visão nos exames, e quando abriu, era outra. E como eu era muito jovem o osso teria ainda um crescimento mínimo, mas teria. Por milímetros não foi necessário o enxerto. Me pediu apenas que não engordasse, que não engravidasse cedo e que cuidasse com esportes radicais por um bom tempo.

Engordei até os 135 quilos (obesidade já controlada hoje em dia) e tive três filhos. Esportes radicais ficam por conta das incorporações da Dona Maria Padilha das Almas e do S. Zé Pelintra! (risos)

Dessa maneira, minha primeira experiência com a ajuda dos espíritos se encerra aqui. Primeira e uma das mais importantes, se não for a maior. Pois o que eu teria construído nestes 25 anos sem poder andar ou ao menos me alimentar sozinha? Certamente menos do que pude fazer até agora. Gratidão imensa a Deus e aos espíritos por me permitirem tal graça, seja por merecimento ou resgate.

Preconceitos: machismo e intolerância religiosa

*Enquanto você morar debaixo do meu teto,
será como eu quero!*

Sr. Artur, meu pai

2.

Depois de um tempo de cama me recuperando da cirurgia da coluna cervical, me joguei com mais força aos trabalhos espirituais no terreiro. Até então meus pais não sabiam o que eu fazia nas tardes de sábado, achavam que eu estava com amigos. Porém, com o passar de alguns meses ficou evidente que eu vinha de algum trabalho diferente, pois chegava em casa sempre perto da meia-noite e cheirava “macumba”, que nada mais era do que o cheiro da defumação nas roupas.

Num sábado, ao chegar em casa, atravessando a sala de estar, meu pai me interpela e questiona de onde eu estava chegando. Não iria mentir, obviamente, e falei que vinha de um terreiro. Pronto, o mundo caiu. As inferências começaram e tudo o que para mim era sagrado, divino e mágico, para meu pai era tão somente adoração do diabo e enganação.

Entendo hoje a visão que ele tinha, pois com o tempo descobri passagens dele na magia negra, na qual foi alvo de trabalho de amarração. Meus pais estavam em vias de fato para a separação. No dia da assinatura final para o desfecho do casamento, Dona Maria Padilha das Almas tomou minha mãe por possessão dentro do elevador para não permitir que a magia encomendada tivesse êxito. Perambulou com ela pela cidade de um dia para o outro, mas não deixou o trabalho de amarração se concretizar.

No dia seguinte ao marcado para a confirmação da separação perante a lei, ela chega na casa de meus tios, onde moravam, fumando e pedindo bebida. Meu tio rapidamente entendeu que ali estava um espírito e que algo estranho acontecia. Dialogou com a pombagira, solicitando que ela fosse embora. Ela disse que não iria, pois estava ali protegendo o cavalo. Afirmou ter se intrometido e que iria embora depois de mais um cigarro.

Meu tio, com total sabedoria, conversou e convenceu Dona Maria Padilha das Almas a fumar seu último cigarro e deixar o corpo da minha mãe após algumas horas de diálogo. Minha madrinha de batismo católico era umbandista. Minha mãe a procurou logo após este acontecido e, incorporada em minha madrinha, Dona Maria Padilha das Almas afirmou para minha mãe: “fui eu que te tirei de lá!”

Enfim, meus pais não se separaram e no mês seguinte, minha mãe engravida e cá estou eu, fruto deste casamento protegido por Dona Maria Padilha das Almas, minha rainha da esquerda.

Diante deste episódio e de ter visto tantos despachos esdrúxulos nas encruzilhadas da vida, fiéis sendo enganados com adivinhações, trabalhos inventados para arrancar dinheiro de pessoas ignorantes e desesperadas, meu pai criou um verdadeiro ranço pela Umbanda, Candomblé ou Espiritismo, colocando todas estas religiões num mesmo balaio e as condenando. Como então ele poderia ficar feliz sabendo que eu era adepta da Umbanda? Com a sua maturidade, embora sem conhecimento da religião em questão, certamente imaginou que eu estava sendo enganada e que seria vítima de algum bruxo enganador.

Sabendo que o meu sustento e abrigo eram obras dele, a ameaça foi certa: “enquanto você morar debaixo do meu teto, será como eu quero!”. Estas palavras ecoaram dentro da minha cabeça a noite toda e eu não encontrava outra resposta que não fosse: “preciso de um teto”.

Com o amanhecer do dia procurei pelo meu pai, que ainda estava na cama, adormecido. Sentei ao lado da cama e o acordei. Pedi para conversar e ele me olhou fixamente nos olhos, esperando o que eu teria de tão importante para lhe acordar. Fui firme, porém, bem-educada, e afirmei que se a condição para eu ter autonomia de escolhas fosse não estar sob o teto dele, eu sairia, então, e procuraria um para mim. A resposta dele foi tão dura quanto a minha afirmação: “se acha que pode, te bote...”.

E eu fui! Saí na mesma hora em busca de casas ou apartamentos para alugar. Não só pela minha religião, mas muito mais pelo respeito próprio e momento em que a vida me propusera muito mais do que só buscar bens materiais. Eu me propus viver, e entendendo que a vida para mim era muito mais ao espírito do que ao corpo, não abriria mão desta oportunidade de entender meus amigos invisíveis até então, e me entender como indivíduo nesta dimensão.

Fui para uma loja de móveis, comprei o que precisava em suaves e eternas prestações, pois já trabalhava e não ganhava mal, por me dedicar muito bem aos estudos. Me instalei num apartamento próximo à casa de meus pais. Minha mãe chorou por dias, lembro das olheiras roxas de tantas lágrimas que ela derramou. Meu coração, mesmo partido, saiu de casa, mas foi morar bem pertinho para que o coração da minha mãe não sofresse tanto.

A primeira intolerância religiosa eu sofri em casa, com meu pai. Entretanto, são nas dificuldades e desafios que crescemos com mais vigor. Não foi fácil, mas o aprendizado foi imenso. Em pouco tempo casei e tive minhas filhas. O casamento não durou, adivinha o moti-

vo? Intolerância religiosa e machismo. Hoje sou feliz em saber que minha decisão em separar me proporcionou a felicidade e ao meu ex-marido também. Ótima pessoa, de coração imenso. É na dor que o crescimento floresce!

Uma das atitudes intolerantes foi quando um dia cheguei em casa e vi minhas guias e roupas queimadas na churrasqueira.

Outra passagem foi quando eu estava pronta para ir ao terreiro e, saindo de casa, ouço a ameaça: “se você sair, nosso casamento está acabado e você nunca mais verá as meninas”. Enquanto somos nós ameaçados, é uma coisa. Quando ameaçam envolvendo nossos filhos, aí o bicho pega. Cedi e me afastei do terreiro.

Meu primeiro casamento foi morrendo a cada dia e minha infelicidade só crescia. Ouvia os espíritos, me consolavam, mas eu não conseguia ser feliz me sentindo presa. Eu sofria aqui a intolerância religiosa, o machismo e o sexismo.

Com o passar do tempo caí em depressão, a qual permitimos uma vez que conseguimos entender que estamos deprimidos e não fazemos nada para melhorar. Minha mãe, embora tenha sido sempre uma mulher permissiva às vontades de meu pai e totalmente submissa, me levantou da cama e me questionou o que acontecia. Eu explicava que não tinha mais vontade de viver e nem mesmo cozinhar para minhas filhas. Ela me deu uma injeção de ânimo e disse para que eu fosse buscar tudo o que me faltava, não importava o que fosse. Certamente minha mãe ali estava incorporada, pois ela não tem este perfil, nunca teve.

Refletindo nas palavras da minha mãe, ou canalizadas por ela, entendi que devia buscar o que me dava prazer e que fosse benéfico para aquele momento. Decidi voltar a estudar. Fiz o vestibular novamente e passei em pedagogia. Quando fui fazer a matrícula, meu marido, na época, me desafia com a seguinte frase: “se você sair por esta porta, nosso casamento está acabado”. Da primeira vez eu relutei com meus princípios e não agi. Mas desta vez não poderia deixar acontecer novamente. Saí, fiz minha matrícula e, decidida em me separar, planejei contar primeiramente para minha mãe, pois meu pai, como bom conservador, não iria aceitar.

Minha mãe entendeu, mas ficou com receios do que a sociedade (e parentes) iriam dizer. Não me interessei no que os outros pensariam, mas pensei apenas em mim e nas minhas filhas tão pequenas que estavam assistindo à mãe definhar em tristeza.

Aos domingos o almoço era sempre na casa dos meus pais e, decidida com a separação, busquei informar meu pai. Já fui pronta para

sair de lá arrasada e pisoteada. Enfim, tudo evolui, graças ao bom Deus. Quando o comuniquei, meu pai olhou para mim e disse com uma frase bem curta que estaria ao meu lado e que já tinha demorado tempo demais para esta minha decisão.

Fui então para a minha segunda faculdade, separando-me de meu companheiro e com duas filhas pequenas para cuidar. Trabalhei em dois empregos e fazia a faculdade. Não bastasse, ainda comecei uma pós-graduação aos sábados, que durava o dia todo.

Não conseguia ver minhas filhas durante a semana diante de tantas tarefas e, aos domingos, era dia do pai delas aproveitar. Me sentindo egoísta em ter a guarda de minhas filhas, mas não conviver com elas, tomei uma das decisões mais doloridas da minha vida: deixar elas ficarem com o pai e a avó durante a semana, e comigo apenas no domingo. Fiz terapia pra acomodar os sentimentos e entendi que não importa quanto tempo ficamos com alguém, mas a qualidade deste tempo. Meus terapeutas foram Vovó Benta e um querido psicólogo que não me recordo mais o nome. Há quem conviva debaixo do mesmo teto e não se fale. Há quem se encontre apenas uma vez ao ano e o sentimento é de proximidade eterna. Isso se chama amor, e não posse. Quando se está com alguém, o tempo precisa ser para este alguém e não para o celular ou televisão. Permanecer no mesmo espaço não é convivência, é divisão de ambiente apenas.

Diante desta nova fase, com total independência novamente, decidi voltar para o terreiro. Afinal, estava morando debaixo do meu próprio teto de novo, sem nada dever para ninguém. O problema foi que quando entrei no terreiro ao qual eu estava antes, não me encontrei mais. A energia não era mais a que eu buscava. Então fui visitar um terreiro a convite de uma amiga, a Ana Paula, que ia na assistência deste terreiro, mas não fazia parte da corrente mediúnica. Entrei pela primeira vez no terreiro do Pai Maneco, de Pai Fernando de Ogum.

Era uma gira de quarta. A partir daí conheci todas as demais giras, mas o receio de entrar era grande. Comecei com o curso de canto que acontecia aos sábados e, quando percebi, já estava envolvida com a gira de sábado, ao comando do Pai Bitty de Ogum.

No Terreiro do Pai Maneco conheci a Umbanda pés no chão, sem mirongas de congá. Conversando com Pai Fernando, tive a clara certeza de que a Umbanda é uma religião ritualística, que é libertadora, baseada nas forças cósmicas que nos propiciam a vida neste planeta (orixás), e que a teoria do medo não pode jamais fazer parte da nossa religião. Entendi que não tinha como desligar a minha clariaudiência,

que este botão milagroso não existe. Como ele bem me disse com uma piscadela de olho marota: “você não precisa estar incorporada para saber o que os espíritos dizem. Aproveite!”.

Eu trabalhava num grupo educacional e católico. Todos sabiam da minha religião, pois eu não empunhava isso como uma bandeira de afronta. Respeitavam e isso me bastava. Mas não foi sempre assim. Logo que fui cruzada mãe de santo as coisas mudaram. Uma das pessoas passou a ver com negatividade a minha vida sacerdotal. Não vou relatar os acontecimentos aqui, pois mesmo que pudesse procurar os direitos na justiça, sempre fui grata aos demais sócios da empresa pela postura, oportunidade e confiança que tiveram em mim. Não quis atirar pedras em uma pessoa sabendo que acertaria três e duas delas nada haviam feito contra minha fé. Duro foi ouvir a seguinte frase: “você tem que escolher, ou é mãe de santo ou é minha funcionária”. Minha indignação foi muito grande e a resposta, bem curta: “sou mãe de santo e sua funcionária e a única opção que pode ser alterada por você é a segunda”. Como eu tinha cargo de confiança na empresa, demorou seis meses, mas me dispensou do cargo. Mais uma vez o preconceito contra minha religião estava fortemente presente em minha vida.

A ligação entre minha filha e eu é muito grande. No dia que recebi a notícia da demissão, do emprego em que fiquei por 12 anos, voltei para a minha sala, que era ao lado da sala do diretor, que não admitia a minha fé ao mesmo tempo que eu fosse sua funcionária. Sentei e comecei a chorar, na verdade tentei chorar, pois não deu tempo. Minha filha Luane, hoje Mãe Pequena no terreiro, entrou em minha sala e perguntou: “tá tudo bem, mãe?”. Contei a ela o que houve e ela, com total inocência e extrema sabedoria (não deixe de ler o capítulo das crianças na Umbanda e me entenderá com estes termos), me olhou e disse: “ah, nem liga, mãe! Vamos fazer bombom pra vender e ficará tudo bem”.

Minha primeira análise da sua fala era de que ela não tinha consciência alguma da gravidade da situação. Meu salário na época era em torno de seis mil reais. Segui o conselho da minha filha, abençoado pela Vó Benta e pela Cigana Paloma. Considerando que eu já tinha experiência e muitos cursos na área, pois para pagar a primeira faculdade tive que vender muitos bombons, parti com confiança para a jornada, investi meu acerto em atualização profissional com novos cursos e me equipei novamente. Como eu já conhecia a profissão e seus apetrechos, projetei e executei.



Cake Designer da Confeitaria Dallastra

(Foto: arquivo pessoal)

Eu só precisava da coragem e do conhecimento. Como eu tinha os dois em mãos e uma família maravilhosa para me ajudar, coloquei as mãos na massa! Tudo convergia para dar certo. O marido era padeiro por formação, além de vigilante. A filha disposta a ajudar. Meu amigo e filho de santo, Fabrício, me deu apoio crucial na reforma do espaço e, também como padeiro e ex-proprietário de uma panificadora, me ajudou com muito amor. Hoje ganho mais que o valor que ganhava antes e com tranquilidade, trabalhando com arte em açúcar, com bolos e doces de casamento, aniversários, formaturas, eventos. Deixei de trabalhar com os problemas, comuns na área de T.I. (Tecnologia da Informação). Agora tenho a satisfação de trabalhar com a inspiração e a criatividade a serviço das pessoas em momentos maravilhosos (festa!). Antes era estresse, agora é alegria. Claro que isso demanda muita técnica e fui buscar, não achei guardado em uma gaveta. Meu marido teve a sorte de se formar padeiro, mesmo antes de me conhecer. Se é coincidência ou não, hoje trabalho em família junto com a minha filha (sim, aquela lá do conselho incoerente) e somos uma equipe nota dez! Sou a *cake designer* e meu marido, o masseiro, que além de assar todas as massas faz os recheios. Minha filha, a doceira chefe, sabe fazer e decorar todos os doces. E juntos trabalhamos pela nossa empresa, a Confeitaria Artística Dallastra. Minha filha é graduanda na Universidade Federal do Paraná, no curso de Terapia Ocupacional. Com isso meu coração se conforta, pois, além de uma profissão linda na área de saúde, ela também já tem uma profissão arte na área gastronômica, com formação internacional. O impossível só existe para quem não quer buscar. Pense nisso!



Na preparação de um bolo de casamento.

(Foto: arquivo pessoal)



Resultados do trabalho intenso na confeitaria.

(Foto: arquivo pessoal)

Do preconceito sofrido em meu emprego anterior, a mágoa e o sofrimento poderiam ser eternos. Mas não é isso que guardo, tenho gratidão pelo momento, pois eu não teria a coragem de largar um emprego estável e bem remunerado para me aventurar na área gastronômica de eventos. Sou grata e muito feliz com o que cons-

truímos em família. Em contrapartida tenho ainda a liberdade de horários para atender o terreiro, meus filhos de sangue, meus filhos de santo, os projetos do terreiro e qualquer evento externo referente à Umbanda, sem empecilhos ou amarras de horário e preconceito. Sou muito feliz assim!

Cheguei a ouvir de um amigo da área de eventos, também umbandista, que eu iria sofrer muito preconceito com as “concorrentes”. Que elas usariam da minha religião para inferiorizar a minha imagem. Pasmem, mas não escondo de ninguém e muito menos saio gritando a minha religião. Fornecedores, parceiros e clientes que sabem da minha religião agem de maneiras diferentes. Alguns se entusiasmam e perguntam mais sobre. Outros se assustam e já dizem: “eu também sou!”. Outros sabem e nada dizem e tem aqueles que correm como o diabo da cruz e ainda dizem: “não vou querer meu bolo de casamento com macumba!” (gargalho só de pensar no temor estúpido que uma pessoa pode sentir com estas palavras; logo em seguida tenho pena da ignorância que assola as pessoas).

Outro tipo de preconceito, além da raça, credo ou qualquer outra classificação, é também o social, que discrimina, além do poder aquisitivo, também as profissões. Como pode uma gerente de tecnologia da informação, graduada e pós-graduada, trocar o computador pelo forno e batedeira e manter uma vida financeira estável? Infelizmente o julgamento pautado na ignorância faz pessoas serem perversas. Talvez por não terem coragem ou determinação para tal ação, imaginam ser impossível alguém ter sucesso, supondo então que não é sucesso, é trapaça. Claro que é mais fácil então julgar, condenar e difamar do que assumir que a própria incapacidade ou descrédito delas mesmas as fazem pensar assim, tão pequeno.

Minha resposta a esse preconceito chulo é o desprezo. Afinal, eu seria tola em desperdiçar tempo e meu português com este tipo de energia. Prefiro continuar me aprimorando e sendo feliz com meu trabalho e minha família.

Finalizo dizendo para você que passa por algo assim: continue sua trajetória, segue o teu caminho e não carregue a energia da frustração do outro. O veneno sempre é servido em taça de ouro, bebe quem quer. Você certamente tem algo bem melhor para fazer do que dar de graça a sua energia para quem não merece. Aproveite sua força com coisas que agregam, afinal, cada minuto de nossa vida é muito valioso.

Pelo amor ou pela dor: a Umbanda

*Não quero você em outra raiz.
Você é desta casa!*

Pai Fernando Guimarães

3.

Numa tarde de sábado, dentre tantas que passei no Terreiro do Pai Maneco, Pai Fernando estava sentado no terreiro assistindo nosso ensaio das curimbas. Ele então me chamou e disse que eu iria ser mãe de santo. Eu sorri e perguntei se ele estava brincando, pois eu não levava jeito para isso e minha vida não condizia com tal situação.

Ele disse que não era brincadeira, mas que se fosse mais fácil eu encarar desta forma, que assim fosse, e deu uma larga risada.

Afirmou que eu seria mãe de santo e que não gostaria que eu seguisse a raiz da minha tia. Ora bolas, como assim?! Ele sabia que eu tinha uma tia-avó mãe de santo? Quem lhe contou se eu não falava da minha vida no terreiro pra ninguém? Não me atrevi a perguntar, pois é ridículo imaginar que um clariaudiente precisa de um encarnado para contar alguma coisa. Não sei quem foi, mas certamente foi um espírito!

Eu disse que não tinha interesse em ser mãe de santo, muito menos seguindo a linha de minha tia-avó. Ele disse que não queria que eu fosse de outra raiz, que ali era a minha casa. Entendi, aceitei. Mas só na questão do Terreiro do Pai Maneco ser a minha casa, pois ser mãe de santo não estava em meus planos, por mais que eu já tivesse deixado a questão material de lado desde o episódio da minha coluna aos 17 anos. Viver intensamente a espiritualidade sim, responsabilidades perante outros espíritos, não.

Uma das entidades que sempre incorporei foi o S. Tata Caveira, aquele amigo imaginário da cabeça de meus pais, porém tão presente em minha vida, inclusive em momentos decisivos. As consultas no toco com ele eram muito solicitadas. Nas giras de Exu a procura por ele já começava antes da gira iniciar. S. Tata Caveira atendia e os agradecimentos posteriores eram certos. Eu fazia parte da gira de sábado e terça, porém, na sexta-feira a mãe de santo que dirigia a gira também recebia um espírito com nome S. Tata Caveira. No entanto, nunca identifiquei o espírito que ela recebia, e recebe até hoje, como sendo o mesmo espírito que me guia.

Certo dia veio a ordem do meu pai de santo, Pai Bitty, dizendo que eu não poderia receber S. Tata, que o espírito que eu recebia era outro. Me indignei, pois como poderia um espírito mentir seu nome pra mim por tantos anos? Entendi que a justificativa era de que o espírito com este nome tinha obrigações com uma mãe de santo da casa, mas era em outra gira e ela não era a diretora geral e espiritual da casa. Porém,

na casa em que se está, segue-se as ordens ou então devemos deixar a mesma. “Minha casa, minhas regras”, bem diz o ditado.



Mãe Lilian, Pai Bitty e irmãos de gira.

(Foto: arquivo pessoal)

Meu pai de santo na época quis inclusive firmar um outro exu em mim ou me convencer de que não era S. Tata Caveira quem eu recebia. Naquele dia cantaram infinitamente para Exu Cainana. S. Tata ficava ao meu lado, indignado. Assim que pararam de cantar para Exu Cainana, ele arriou. Colocou as mãos por baixo da guia de exu que eu usava e arreventou no meio do terreiro. Neste momento pensei: “serei banida daqui”. Ele foi para o toco atender, como de costume. Os demais exus arriavam e passavam para cumprimentar ele, pelo seu nome de costume, é claro, saudando Tata Caveira.

Lembro-me de meu padrinho incorporado à frente do S. Tata Caveira, incorporado em mim e sentado ao toco, olhando fixamente para ele, dizendo: “querem te dar nome do que, meu nobre compadre?”, no que S. Tata Caveira respondeu: “podem me chamar do que quiserem, até de Exu Peludo, mas não me confundam, sou Próculo!”.

Acabou a gira aquele dia e meu pai de santo sentia-se aliviado. Veio em minha direção e disse que o exu que recebi era muito forte, que a incorporação tinha sido perfeita. Então lhe perguntei se ele identificou o S. Tata Caveira, e ele disse que não, que ele olhou a tábua após o trabalho e não viu caveira desenhada. Sim, não havia, pois ele não desenha, ele tem uma caveira em cima da tábua. Para meu pai de santo, não poderia ser Tata Caveira. Então pedi com todo respeito que ele me compreendesse e que eu não iria mais trabalhar na linha dos exus

na casa, que eu preferia ficar cantando na engoma, como já era de costume. Dessa forma o problema estava resolvido, eu não incorporaria mais o S. Tata Caveira e não incomodaria mais ninguém. Ele aceitou de pronto, dando como resolvido o problema.

Na engoma, então, fiquei feliz da vida, sem perturbar ninguém, cantando para meus amigos exus e pombagiras. Porém, não por muito tempo. Me entreguei aos trabalhos no terreiro e, como toda pessoa que trabalha, apareci mais como um prego sobressalente, alvejada com traçoeiras fofocas. Não ligava para elas, mesmo que me cansassem. Porém, com o tempo não consegui manter toda a minha força, e de muitas atividades no terreiro fui me distanciando. Mas, serelepe como fui, ainda participava da engoma geral do terreiro, na gira de sábado como médium e samba, na gira de terça também como médium e samba, e planejei o herbário do Caboclo Akuan como Pai Fernando me pedira em conjunto com mais irmãos. Organizei a oficina de informática, angariando computadores e formatando com Linux para ensinar à garotada o mundo da tecnologia. Entretanto, numa noite ladrões entraram no terreiro e roubaram todos os computadores. Fui professora de confeitaria dentro do terreiro, pois Dona Ieda, esposa de Pai Fernando, havia solicitado isso a ele e carinhosamente atendi. Formei duas turmas em bolos para festas.

Numa das tardes na cozinha do terreiro, enquanto eu ensinava, Pai Fernando passou por lá. Experimentou um pedaço muito pequeno de bolo já com discurso punitivo pela gula, me olhou com certo sorriso e me perguntou o que eu esperava do futuro. Respondi que esperava tão somente viver feliz. Ele disse que, além de feliz, eu era útil. Não entendi no dia. Anos após entendi, pelas palavras do S. Curumataí, caboclo de Ogum que me guia e dirige nosso congá no Terreiro da Vovó Benta, que a utilidade é o que nos move. Sermos úteis é a verdadeira razão de estarmos nesta terra.

Pai Fernando se foi, como era de costume nestes sábados que ele aparecia por lá; antes de anoitecer ele já não estava mais no terreiro. Eu ficava das oficinas direto pra gira, passava o sábado todo a serviço do terreiro em alguns sábados. Pela manhã ora estava na revitalização dos jardins dos orixás, ora estava no herbário, ora estava na cozinha ou na oficina arrumando os computadores.

Na gira tudo parecia normal naquele dia, porém, Pai Fernando estava conosco e de branco, ou seja, para girar. Primeira parte da gira normal, cantei como de costume e trazia a força de Ogum, o S. Curumataí, quando S. Caboclo do Mar (incorporado no Pai Bitty) assim determinava.

Na segunda parte da gira, que no dia era gira de exu, mesma história. Vamos cantar que assim não criamos problema! E eu seguia a gira, feliz. Havia duas pessoas para tratamento no meio do terreiro, e Pai Fernando estava incorporado com Exu Morcego. Pai Bitty com o S. Tiriri e o Pai Jussaro com o S. Sete Encruzilhadas. Estavam agachados, como se cochichassem. De repente, se levantaram e o S. Morcego me chama pelo nome. Paralisei, mas entendi que queriam algum ponto em específico para o tratamento de quem estava ao meio. A presença do S. Tata Caveira no terreiro para mim era muito evidente, mas me mantinha firme no propósito de não criar problemas, afinal, era o acordo que eu tinha feito com meu pai de santo.



Amaci de Mãe Lilian no Terreiro do Pai Maneco.

(Foto: arquivo pessoal)

Mas eu estava equivocada, S. Morcego não queria um ponto cantado, ele queria a mim no meio do terreiro. Larguei o microfone e, já sabendo da encrenca que me esperava, cedi ao chamado com todo respeito. Pai Fernando, incorporado com S. Morcego, caminhou até o congá, em frente à imagem de Oxalá e, olhando ao alto, S. Morcego me pede para chamar S. Tranca Ruas das Almas. Então bradei: “quando o galo canta, as almas se levantam...”. A mão de Pai Fernando tremelicou e ali estava, comigo de mãos dadas, S. Tranca Ruas das Almas.

Rapidamente soltou minha mão e exigiu que eu chamasse S. Tata Caveira. Gelei. Não conseguia ao menos pensar em chamar o início do

ponto. Não queria passar por uma sabatina como havia passado para “firmar” Exu Cainana, ainda mais com tantos pais de santo presentes e o terreiro cheio. Mas não teve jeito, S. Tranca Ruas das Almas deu uma trombada no meu ombro e chamou S. Tata desta forma sutil. Ele veio, como de costume, trazendo a força da terra, agachando meu corpo e subindo com a sua força da calunga. Sem sorrisos, como sempre se apresentou, mas determinado no que faz. Saudou S. Tranca Ruas das Almas, fitando seus olhos no Pai Fernando, e disse: “até que enfim o careca veio resolver a questão!”. Cumprimentou os demais exus e foi para as costas das pessoas em tratamento ao meio do terreiro e começou o seu trabalho.



Pai Fernando de Ogum

(Foto: arquivo pessoal de Mãe Lilian)

Jamais me esquecerei. S. Tranca Ruas das Almas, incorporado em Pai Fernando, lá do congá, apontando em nossa direção, minha e de S. Tata Caveira, bradando: “Tata Caveira, nesta médium, pode trabalhar em qualquer gira nesta casa!”. Meu coração aliviou e o desconforto em não poder deixar o meu grande amigo trabalhar na casa que tanto amava deu lugar à certeza de que os espíritos não param e são justos. Ao tempo deles, jamais no nosso, mas eles trabalham conforme a lei e o merecimento de cada um.

Neste dia tive a certeza de que jamais entrei na Umbanda pela dor, foi pura e simplesmente pelo amor. Amor aos espíritos, ao cheiro encantador da defumação, aos pontos cantados e ao toque dos atabaques que sempre ecoaram em meu coração. Entretanto, tudo o que a Umbanda me ofertou e ainda oferta garante que nos momentos de

dores eu não me desequilibre e permaneça firme no propósito da vida, que é simplesmente evoluir.

Aos que entram pela dor, entendo e não recrimino. Ao contrário, muitas vezes é o alerta que Deus nos faz para que paremos e pensemos em nossos propósitos, conceitos, pensamentos e atitudes. Assim, eu, já na Umbanda mesmo que por muito pouco tempo, aos 17 anos de idade, tive todos os meus sonhos colocados em prova. Tudo o que eu sonhava materialmente não tinha valor algum para a minha existência, afagava apenas o meu ego pelas privações que passei ou achava que passava na infância.

O valor da vida muda quando entendemos por que respiramos, por que estamos neste planeta com oportunidades incríveis de aprendizado e crescimento. Aceitamos e agradecemos todas as dificuldades quando entendemos a dádiva da vida. Compreendemos que as dificuldades, as dores e os dissabores são tão somente para superarmos o que já somos e seguir além do que já foi agregado. Cada encarnação é um presente e não devemos desperdiçar. Mas não se engane, isso não quer dizer que você precisa dançar todas as festas, sorrir todos os sorrisos, comer tudo o que há de melhor, ter os melhores carros e amizades célebres. Ao contrário, quer dizer que a vida precisa estar em equilíbrio e que, quando preciso for, temos que chorar sim, mas não se afogar nas próprias lágrimas. Refletir sobre a situação e reiniciar as atitudes com novos conhecimentos. Aceitar a transformação diária que precisamos fazer e, sem orgulho ou ego exacerbado, entender que somos falhos e que todos os dias aprendemos. Como uma criança pequena que aprende a caminhar, os joelhos sofrem... Como adultos, sofrem os corações. Sofre menos quem menos alimenta o ego. Sorri mais quem enxerga as coisas simples da vida, como as folhas balançando na árvore, o aroma de um café fresco, o perfume das flores, o sorriso do seu filho...

Esta essência da simplicidade com felicidade plena é efeito cósmico da Umbanda. Digo que é um efeito cósmico porque, com o tempo, em doses homeopáticas, a cada gira, seja como cambone, ogã, samba, médium incorporado ou na missão de hierarquia (organização dos trabalhos), estamos em contato direto com a sabedoria e o amor. Os guias, espíritos benevolentes, se prestam a este trabalho árduo. Digo que é árduo, pois muitas vezes eles repetem a mesma coisa e não compreendemos. Balançamos a cabeça em sinal de entendimento, mas já no dia seguinte não lembramos mais a mensagem ou, mesmo que lembremos, as atitudes não mudam.

Se é pelo amor ou pela dor, não importa. O que importa é a mudança positiva que a Umbanda causa, este efeito cósmico! Todos os reinos naturais dos orixás nos proporcionam grandes lições, vai muito além do espaço físico do terreiro. Nossa experiência com a Umbanda não pode se prender nas paredes do templo, pois a energia em supremacia está fora, está na criação de Deus, a Natureza. Por esta razão os trabalhos de praia e mata no Terreiro Vovó Benta são muito importantes. Muito mais que uma confraternização dos próprios espíritos, é um girão de desenvolvimento no maior polo energético possível.

Mesmo que alguém entre pela dor, fica pelo amor. Amor aos orixás, elementos naturais do planeta Terra. E este amor está refletido no zelo e cuidado que temos com toda a natureza. Na zona urbana nossos amalás (oferendas) são realizados dentro do próprio terreiro, no Jardim dos orixás, esta lição bem aprendida em nossa raiz, no Terreiro do Pai Maneco.

As giras de praia em nossa casa acontecem na Ilha do Mel, litoral paranaense, cercada pelo mar, por se tratar de uma ilha, com pedreiras em volta e rio com nascente no meio da mata da ilha. Qual energia falta num local destes? Nenhuma. Qual direito temos de chegar acendendo velas e deixando dejetos neste paraíso? Nenhum. O respeito com a natureza é premissa para todo umbandista. Quando fazemos nossas entregas o amor é um item essencial. Muitas vezes a dor está presente pelo momento que passamos e o amalá serve exatamente para que os elementais sejam utilizados pelos guias para nos ajudar, nos iluminar. E o amor? De mesma maneira, não só nos amalás de agradecimento pelas graças alcançadas, mas de mesma maneira com o zelo pelo espaço natural, não deixando nada, absolutamente nada que degrade a beleza natural do reino do orixá. É bom ressaltar que todo lugar é um reino de algum orixá, devemos respeitar.

Há inclusive uma passagem muito interessante que aconteceu na Ilha do Mel, em nosso tradicional trabalho de praia. S. Tata Caveira nos mostrou o que é o poder da fé. Mas dedicarei um capítulo para esta história, pois há muita reflexão embutida nela.

Nos trabalhos de mata, que realizamos em Morretes - PR, numa linda chácara particular, ao lado do rio, giramos com amor e devoção a todos os orixás; também próximos do mar, sentimos a energia de Iemanjá. Os amalás nestas giras de mata não fazemos no chão. Montamos nosso congá somente com flores que depois deixamos para serem plantadas na chácara. Os amalás são montados em uma grande mesa, com as frutas dos orixás, água e velas, para completar os elementais

necessários: terra, ar, água e fogo. Após a gira, depois de todos os alimentos abençoados pelas sete linhas, pretos velhos, caboclos, crianças, exus e linhas neutras, lavamos a cabeça no rio (alguns aproveitam para um grande descarrego) e em seguida lanchamos todos juntos. O que comemos? As frutas que já foram previamente oferecidas aos orixás e que não devem ser desperdiçadas. Amalá consciente e sustentável. Não consigo imaginar tanta comida indo para o lixo e pessoas passando fome em algum lugar do mundo. Muitas vezes a dificuldade está na nossa própria corrente, estampado no rosto de algum filho. Sem desperdício, com consciência, respeito e muito amor. Assim é a Umbanda no Terreiro da Vovó Benta.

Crianças na Umbanda

Mãe, posso ir rezar com você?

***Mãe Luane de Iemanjá,
minha filha carnal***

4.

Há muito preconceito dos próprios umbandistas quando falamos de crianças participando nas giras de Umbanda. Há terreiros que inclusive proíbem. Eu incentivo e muito! Os motivos que me apresentaram até hoje sobre a não permanência de crianças na gira não me convenceram. Tenho pra mim que são apenas para não terem trabalho ou talvez até porque não gostam das crianças por perto. São inconvenientes? Às vezes até são, mas não por afronta, e sim por ingenuidade. Como podemos querer que nossa religião não seja açoitada com o preconceito se já iniciamos de maneira errada com nossos pequenos?

Onde uma criança não puder estar, também não quero ficar, pois boa coisa não é.



Escolinha de Umbanda do TVB.

(Foto: Raphael Ramirez)

Vejo a criança como qualquer outro espírito, apenas não detentor das regras e conhecimento que a maturidade vivida em anos lhe dará. Exigir de uma criança um comportamento adequado a um adulto é ridículo. Cabe aos pais orientar e zelar pela segurança física da criança dentro de uma gira de Umbanda. Não deixar as crianças expostas a fatores de risco, como é comum a qualquer outro lugar. Zelar para que ela não mexa em velas, ou se atenha a assuntos não propícios à sua idade (ouvir consultas em toco de exu, por exemplo).

Dentro da tríade da Umbanda (preto velho, caboclo e erê), as crianças têm papel importante. Possuem a sabedoria disfarçada com ingenuidade, porém, são espíritos de grande evolução que se apresentam na roupagem infantil. Como todos os demais espíritos, aproximam-se de uma das encarnações marcantes ou eleitas como a melhor para o trabalho necessário e se apresentam tomando a forma infantil. Porém, é bom ressaltar que é só o exterior infantil, seu vocabulário e trejeitos pertencem aos primeiros anos de vida carnal, mas o espírito que se apresenta desta maneira já teve tantas outras encarnações que lhe fundamentam a experiência necessária para alcançar a ascensão espiritual.

Partindo deste pressuposto, nossas crianças encarnadas são o quê? A mesma teoria se aplica, em minha opinião. Uma criança tem toda a sabedoria de outras encarnações, mas está adormecida. A ingenuidade disfarça a existência anterior, como se realmente não pudessem ter sido ou conhecido mais nada além do que seus pais carnis possam ter visto. A idade do espírito jamais é a idade carnal. Hoje possuo quase 42 vividos nesta dimensão, mas quantas vezes já vivi? Quantos anos encarnada sou ao total? Há quantos anos existo no plano espiritual? E a soma disso?

Ver a criança como um indivíduo totalmente inexperiente é um grande erro. Devemos potencializar as crianças, propiciar o conhecimento e instigar a curiosidade com cautela. Assim teremos grandes professores, cientistas, artistas etc. Entretanto, precisamos respeitar a sua ingenuidade! É uma linha tênue entre respeitar e limitar. Amar intensamente sem permissividade extrapolada. Proteger sem sufocar a autonomia delas. Toda criança possui sabedoria e ingenuidade, esteja ela encarnada ou não. Lembre-se disso toda vez que seu filho desafiar algo. Eduque com firmeza sem deixar o amor de lado, respeite a opinião do seu filho e, sempre que possível, tente fazê-lo entender o seu pensamento. Proteja-o sem privá-lo da autonomia. Afinal, você não estará ao lado dele todos os minutos da vida.

É por isso que as crianças são muito bem-vindas no Terreiro da Vovó Benta. Tanto é que já vimos muitos bebês nascerem das barrigas que são abençoadas em nosso chão e lá estão, dando os primeiros passos, batendo palminhas e cantando os pontos aos poucos. Para atender a necessidade de conhecimento dos pequenos, temos a Escolinha de Umbanda no Terreiro da Vovó Benta, um dos projetos da casa. O objetivo deste projeto é propiciar o crescimento das nossas crianças sem o preconceito pré-estabelecido, promovendo o conhecimento da religião, mas não a impondo como única ou a melhor. Certamente es-

tamos cultivando adultos desprovidos do preconceito, independente de escolherem outras religiões ou se tornarem umbandistas convictos da sua escolha.

Só vejo o combate contra o preconceito desta maneira, não havendo dentro do próprio grupo que se intitula vítima. Exigir isso de nós mesmos é premissa para um mundo melhor. E sendo assim, nunca deixei minhas filhas de fora do terreiro, mas também nunca as obriguei a ir. Tanto é que minha filha mais velha gosta, mas não tanto quanto a minha filha do meio.

Uma criança que cresce com amor, religião e educação não está exposta às mazelas da vida mundana, não sendo vítima tão fácil de ser corrompida. Enfim, vou relatar o início da Luane na Umbanda, minha filha do meio, hoje Mãe Pequena do Terreiro Vovó Benta e minha herdeira espiritual na casa.

Era dia de Amaci na gira de sábado. Minhas filhas já tinham jogado obi, já sabiam seus orixás. Mas a Luane, minha filha do meio, hoje com quase 19 anos, já demonstrava grande interesse pela religião. Apaixonada pelas minhas guias, volta e meia eu tinha que ralar com ela por estar mexendo nelas.



Mãe Lilian e Mãe Pequena Luane na engoma do Pai Maneco em festividade.

(Foto: arquivo pessoal)

Eu me preparava para a gira, ia ajudar na engoma mais uma vez e incorporar quando solicitado. Mas aquela noite seria diferente, pois ela me pediu para fazer o Amaci. Com seu jeito de falar, típico de uma criança de sete anos de idade, ela me pediu que a levasse junto para ser batizada também. Liguei para Pai Bitty, que prontamente disse que poderia, pois de preceito ela já estava.

Neste dia vi minha filha fazer seu Amaci, consciente do que estava fazendo, mesmo tão criança. Desde então ela me acompanhou na engoma durante as giras e nas festas do terreiro também. Caminhou sem preconceitos aparentes, talvez pela minha foice tão afiada desde adolescente em abrir caminho. Certamente ela já viveu algum ato de intolerância religiosa, mas, sábia como é, constrói sua defesa com palavras arrebatadoras e com serenidade.

Muitas vezes os ensaios da engoma aconteciam na minha casa ou na casa do Pai Bitty. Quem estava lá, quase como que um chaveirinho ao meu lado? Minha filha Luane. Pequena na idade, mas determinada. Até hoje se mantém com a mesma atitude. Quando vou atender algum filho ou até mesmo pai de santo que me procura, ela vem serenamente e senta-se por perto para acompanhar a conversa, como quem quer ouvir mais, aprender mais para então discernir melhor no futuro.

Confesso que em algumas horas esta maturidade dela me assusta, embora saibamos que a idade do espírito nada tem a ver com a idade material de nosso corpo. Conheço crianças com 55 anos e sábios com menos de 20! E o contrário também é verdadeiro.



Mãe Lilian e Mãe Pequena Luane, mãe e filha de sangue.

(Foto: arquivo pessoal)

Nestas buscas pelo conhecimento, ela me acompanha e me enche de orgulho. Quiçá eu tivesse tido o apoio que tento dar a ela. Teria sofrido menos, com certeza. Todavia, não teria também a bagagem que trago hoje e posso proporcionar a ela. Tudo tem seu preço, seu merecimento e seu objetivo!

A escrita dela me cria admiração e orgulho. Admiração pela forma com que alinha os pensamentos e as palavras tão bem escolhidas. Orgulho por ser minha filha. Toda mãe ou pai tem seu momento besta, este é o meu. Babar pelos filhos que tenho, todos eles.

Para que você, querido leitor, possa entender um pouco do que falo, pedi a ela que relatasse algo interessante que ela viveu nos últimos tempos, e ela relatou uma passagem de psicodigitação (psicografia, porém digitada e não escrita, uma vez que não tenho a mediunidade da psicografia mecânica, mas pela clariaudiência, ou seja, reproduzo as palavras que são ditadas). Leia:

“Essa memória que carrego não faz com que eu ‘tenha mais fé’ na Umbanda ou nos guias, muito pelo contrário, pois vivendo a Umbanda como eu vivo, entregar e confiar não se fazem necessárias provas. A Mãe Lilian, minha mãe de sangue também, faz psicografias (ou psicodigitações, como gostamos de chamar) de Pai José de Aruanda... Ele havia comentado que queria que ela tivesse junto dela, nas horas das digitações, água para que ela tomasse, e uma vela acesa. Sabendo disso, Joana, uma filha de santo, muito devota a este espírito, deu para a Mãe Lilian um ‘kit’ para psicografias: um copo de vidro com belos arabescos, velas de cera e incensos. Certa vez ela começou a psicodigitar na sala da nossa casa, mas pela aglomeração de energias que se faziam presentes (Pai José falando serenamente com ela, meu pai e meu irmão brincando e correndo para lá e para cá e filhos de santo que não paravam de mandar mensagens e ligar), ela disse que ficava difícil ser fiel ao que ele dizia, pois perdia a conexão com ele ao se distrair... Então peguei o copo carinhosamente dado, coloquei água e entreguei a ela, mas não achei as velas, e por não querer distraí-la ainda mais, desisti de procurá-las e fui até o terreirinho (na época não girávamos mais nele, mas ele ainda estava intocado), acendi uma vela para preto velho aos pés da imagem que temos do Pai José, agradei pelas palavras que ele passava à minha mãe, pedindo também para que a conexão fosse mais fácil pra ela, e voltei pro meu quarto, pra continuar o que quer que eu estivesse fazendo. Cerca de vinte minutos depois, da sala, minha mãe

pergunta: ‘você acendeu alguma vela?’ e eu respondi afirmando que sim, e expliquei que não queria atrapalhá-la mais ainda, e que ao invés de acender a vela ao seu lado como de costume, a acendi lá atrás, sem ela ao menos saber. A resposta que tive foi: ‘ah, bom... É que Pai José pediu-me: agradeça a ela pela vela que me acendeu’.”

Acredito que você tenha entendido um pouco o motivo desta mãe babona. Saravá você, minha filha! Que Zambi lhe proteja e lhe propicie uma caminhada linda de construção dentro da utilidade que nos justifica viver.

Aproveito ainda para descrever um pouco da trajetória da minha filha Luane. Além de me acompanhar na Umbanda e na minha profissão, por muitas vezes é meu colo de acolhimento. Nossos ombros por horas cansam de toda a maratona e precisamos de um aconchego para respirar fundo e então continuar.

Como ela sempre esteve desde pequena caminhando ao meu lado, sabe tão bem quanto meu marido, Pai Wilhiam, tudo sobre o terreiro. Sabe como penso, onde está tudo, como proceder, como agir, o que falar. Realmente é minha continuidade.



Mãe Pequena Luane de Iemanjá em seu cruzamento.

(Foto: Sionelly Leite)

Recentemente ela foi cruzada Mãe Pequena. Meu coração de mãe, coração bobo, pensa que ela é muito nova para tudo isso, que deveria curtir mais a vida material e social, etc. Porém, percebo que ela ama o que faz. Tanto que ficou aborrecida várias vezes que não pôde ir ao terreiro comigo por ter que ficar em casa cuidando do irmão mais novo. Quando vou atender alguém, ela já senta ao lado interessada no assunto, mas não por curiosidade, e sim na intenção de ajudar e aprender ao mesmo tempo.

A religião precisa estar na formação de todas as crianças, mas não pode ser obrigatória. Por isso sempre me preocupei. Veja este exemplo: no exato momento em que escrevo estas linhas, em retiro no meio da mata em chalé confortável, com chuva calma lá fora, escrevendo este livro, após ter tomado um chimarrão ao final da tarde com raios de sol aquecendo as costas... Onde está minha filha? No Terreiro Vovó Benta, comandando a gira de pretos velhos que hoje acontece. Com certeza está com apoio dos demais pais de santo da casa. E a gira? Tá linda, com toda certeza. Tenho maior orgulho dos meus filhos que hoje são dirigentes, são formados com amor e firmeza. Uma das mãos tem muito amor, na outra um chinelinho de pano para as horas necessárias! Analogia alegre que faço apenas, pois sou totalmente contra violência. Ninguém educa ninguém com exemplo de violência.

Materializações

O silêncio não é somente a melhor resposta, mas também a oportunidade de reflexão para os que não te compreendem. E para quem silencia, é um despertar!

Vovó Benta

5.

Depois que me separei do pai das minhas duas filhas, me detive ao comprometimento profissional e a encerrar meus estudos (segunda faculdade e pós-graduação). Neste sentido, pouco pensei em namorar e casar novamente. Mas o destino prega peças. Peças maravilhosas, por sinal!

Morava em apartamento e minhas duas filhas eram cuidadas pelo pai e pela avó paterna delas. Eu as via aos domingos, dia que eu dedicava a estar com elas na casa dos meus pais.

Porém, numa noite, chegando do trabalho, me deparei com o William. Menino, muito jovem ainda. Com apenas 19 anos, e eu com 29. Ele demonstrava interesse em mim, mas eu não correspondia nenhum olhar por entender que ele era muito novo! Claro que era muito novo, mas apenas para os preconceituosos com a idade física. E a idade espiritual dele não conta? Enfim, não contava pra mim porque sabia que meu pai jamais aprovaria. O que diriam sobre isso? Bom, terrível foi o comentário de um amigo próximo que, quando soube que estávamos nos conhecendo melhor, já detonou minha fé em um relacionamento sério com esta máxima: “claro que você só está passando o tempo com ele, né? Assim que ele enjoar de você vai te trocar por uma mulher novinha”. Enfim, tantas energias negativas trabalharam contra nossa união. Até e-mail anônimo dizendo que ele era um mau-caráter e que só queria me usar. Espero que ele continue me usando então, pois já se vão quase 12 anos que estamos juntos e somos felizes em plenitude.

Importante citar inclusive que, junto com a minha determinação em equilibrar-me financeiramente, foi o William em minha vida que proporcionou a reconstrução da minha família novamente. Minhas filhas voltaram a morar comigo após dois anos morando com o pai.

Porém, como eu tinha receios por ele ser dez anos mais novo que eu, não quis me envolver. A cigana Paloma, espírito que também se manifesta em minha caminhada, interpelou meu medo. Era véspera de Natal e o William, que morava com a família de sua prima no mesmo condomínio que eu, estava de partida para o litoral, onde passaria o período das festas.

Dias antes nossa vizinha havia passado mal e eu era a única no condomínio que estava com automóvel disponível. Por essa razão acabamos trocando telefones para contato mais fácil, haja vista que na ocasião me chamaram por vários minutos e eu não ouvia por estar

com fones de ouvido. Ele me mandava mensagem e eu com receio de responder, devido ao preconceito que, mesmo sem ter a certeza de que existiria, já me curvava e não me permitia viver. Cigana Paloma então me questionava, e eu tentando convencê-la de que não seria adequado, me avisou que a felicidade estava bem ao lado, eu que não queria aceitar e viver!

Então comecei a responder as mensagens e segui o conselho da cigana. Fui até o litoral buscá-lo na mesma noite de Natal. Estamos juntos desde então, com todo amor e carinho que é possível entre um casal.

Como na vida nem tudo são flores, meses após começarmos a nos conhecer melhor o Wilhiam ficou com receio de quão séria estava nossa relação e optou por voltar para o interior de Santa Catarina, sua terra natal. Meu coração se partiu, mas enfim. São escolhas. Duro foi que no mesmo dia em que fiquei sabendo desta decisão dele, meu ex-namorado (capitão no terreiro do Pai Maneco) acabou com sua vida, dando fim a um sofrimento que o consumia. No mesmo dia, duas tristes notícias. Meu ex tinha acabado com a própria vida e meu namorado foi embora da cidade.

Fui para o terreiro, muito triste com ambas as notícias. Era gira de segunda-feira. Pai Fernando me deu um abraço sem falar nenhuma palavra. O sentimento de todos era de desolação. O meu era em dobro, por ter a tristeza em dobro. Era gira de exu e fui chamada pelo S. Pimenta para conversar. Ele me perguntou se eu estava muito triste pela partida dele. Eu não sabia de quem ele falava, do ex que tirou a própria vida ou do atual namorado que tinha ido embora. Respondi que não sabia nem o quanto eu sentia. Ele então me revela que “ele” voltaria em até sete dias. Entendi então que ele falava do Wilhiam. Não criei esperanças, mas jamais duvidei dos espíritos.

Passados os sete dias, lá estava eu à noite no terreiro, na gira de terça-feira. Quando abriu a gira lembrei de todas as palavras do S. Pimenta e pensei: “é, bem que o senhor queria e eu também, mas a felicidade dele deve estar por lá mesmo... E segue a vida!”.

Nunca me permiti sofrer mais do que 15 dias por nada. Então me daria o direito de mais uma semana de luto emocional e fim. Acabou a gira e eu fui para meu carro, peguei meu celular para ver se tinha alguma mensagem... E havia 14 mensagens e mais de dez ligações perdidas! Eram todas do Wilhiam, avisando que estava voltando e que tinha certeza dos seus sentimentos e agora, além de tudo, também tinha a benção dos pais para nosso relacionamento. Não nos desgradamos nem um dia sequer após esta data. Saravá S. Pimenta, que, além

de grande amigo, é também pai na esquerda de meu querido marido e Pai Pequeno William.

Dentre as conversas com os espíritos que tive e tenho, gosto muito das materializações. São especiais, pois fazem com que as pessoas que convivem comigo possam compartilhar com certeza do que vivo com os espíritos.

Minha mãe sempre me ajudou na organização do meu apartamento, sempre às terças-feiras, dia de gira também. Ela chegou bem cedo numa terça e eu ainda estava em casa, no escritório, mexendo no computador. Ela entrou e, quando me viu, não viu apenas a mim. Avistou também S. Tata Caveira com sua tradicional capa com capuz em pé ao meu lado. Ela voltou até o corredor com medo da presença e, me chamando pelo nome, entrou novamente na sala. Neste momento ele não se fez mais visível pra ela.

Outra aparição do S. Tata Caveira foi no mesmo apartamento, quando eu e William estávamos adormecidos. Meu marido acordou no meio da noite, sentindo a presença de alguém. Ele relata que se sentia observado e então acordou, incomodado. Ao abrir os olhos, aos pés da cama, avistou S. Tata Caveira, com a mesma capa que minha mãe me relatou da outra vez, olhando pra ele. O William não sabia que minha mãe já o tinha visto, e como ele não conhecia a Umbanda e morria de medo das sessões, não sabia como ele se apresentava.

Logo que ele avistou S. Tata, com medo, se escondeu debaixo das cobertas e pensou: “não pode ser, não é verdade, não tem ninguém aqui, não pode!”. Então resolveu se imbuir de coragem e olhar novamente. Ele continuava lá e mais uma vez meu marido se escondeu nas cobertas. Pediu para que, fosse quem fosse, que o poupasse desse momento e, quando foi olhar mais uma vez, já não estava mais lá.

Quando conto eu esta história, não tem a mesma valia e riqueza de detalhes como quando ele conta, porém, meu marido detesta escrever. Por isso fica apenas o meu registro.

Outro acontecimento foi com meu violão, o qual tentei por algum tempo tocar e, como não levo jeito com cordas, sou mais do teclado, acabei por abandonar o instrumento em cima do guarda-roupa. Era uma noite reflexiva para mim, pois passava por algumas provações das quais eu não tinha respostas. Sempre que temos grandes desafios o coração e a mente se manifestam euforicamente, impedindo que a comunicação com os espíritos seja fácil e clara. Percebo isso hoje, após décadas de prática, pois antes me irritava em não conseguir conversar com os guias nos momentos fatídicos. Agora, com

sabedoria, sei que a comunicação não acontece devido à mente inquietada, pois não há espaço para a conexão do espírito. Aquietar a mente e o coração é necessário para que os espíritos possam falar com o médium clariaudiente.



Fonte: Fanpage do Terreiro de Umbanda Vovó Benta.

Nesta noite reflexiva, e por que não dizer, de questionamentos com o coração irritado, eu queria respostas e não conseguia uma só palavra. Chamava pela Vó Benta, S. Curumataí, S. Tata Caveira... E o silêncio se mantinha. Porém, as palavras eram ditas pela Vó Benta; eu que, na minha constante insensatez e euforia, no tormento emocional, não conseguia ouvi-la.

Eis que uma sonora nota musical sai do meu violão, lá de cima do meu guarda-roupa. Entendo que o instrumento pode sofrer qualquer interferência física comum que faça a corda vibrar. Para entender o momento, racional e questionadora como sempre fui, perguntei em voz alta se era algum espírito se fazendo presente, e que então tocasse mais três vezes qualquer nota. E as três notas foram tocadas. Então me ajoelhei no quarto e pedi perdão pela minha insensatez. Acalmei meu coração e liberei minha mente de qualquer pensamento frustrado e ansioso. A mensagem veio clara e serena. Palavras da Vó Benta, que mais uma vez me colocou no seu colo e me acolheu num momento de indecisão profissional, me fazendo tão somente pensar com coerência para escolher o que fazer.

De mesma maneira, não muito tempo atrás, eu vivia um momento de sofrimento familiar. Nestes dias minha mente estava inquieta e confusa com tantas coisas que precisavam de aceitação e entrega.



Fonte: Fanpage do Terreiro de Umbanda Vovó Benta.

A pessoa que mais me acalmaria com as palavras sábias não estava mais entre nós nesta dimensão. Meu pai faleceu em 2013, fato predominante que me levou a aceitar a missão como zeladora e mãe de santo. Contarei nas próximas páginas. Mas por ora, me atenho à materialização que meu pai fez. Estava deitada em minha cama, com tristeza ao coração. As lágrimas rolavam e meus pensamentos sofriam. William, meu marido, estava deitado ao meu lado. Em frente à nossa cama, a penteadeira, e nela estava o carrinho de controle remoto do meu filho, sem pilha. Este carrinho começou a andar pra trás e pra frente, de fora a fora à extensão do móvel, sem cair. Esta intervenção do espiritual no físico me fez perceber que alguém ali estava e não conseguia falar comigo porque eu, tola, estava com a mente tão ocupada em me sentir vítima que não deixava a conexão acontecer.

Aquietei a mente e então senti a presença do meu pai de sangue, Artur. Ele me passou a mensagem, acolheu meu sofrimento e exigiu de mim a força que sempre tive. Entendi o que meu pai quis dizer e, assim, ressurgi das lamúrias para a determinação. Kaô, meu pai! Você e sua força sempre me ensinaram a ser determinada além da coragem. Aprendi a lição. Gratidão!

Tem uma passagem que me assustou muito. Foi alguns meses após o desencarne do Pai Fernando. Estava na empresa trabalhando, e quando eu chegava perto do meu celular, ele tinha um comportamento estranho. Assim foi o dia todo. A tela do celular parecia uma tela de TV fora do ar. No final da tarde aconteceu mais uma vez, mas desta vez apareceu uma figura de um senhor; era Pai Fernando, com semblante sério. Me arrepiei inteira! Peguei o celular para ver se conseguia ver mais alguma coisa, mas ele desligou no que eu toquei nele. Como de costume, perguntei se algum espírito precisava se comunicar e, em resposta instantânea, a luz do prédio caiu. Tivemos que religar na chave geral.

Meu desalinho com o acontecido foi grande. Nem esperei o horário comum da gira no terreiro do Pai Maneco, que seria às 20 horas. Parti para lá com ansiedade. Lembro que encontrei no estacionamento do terreiro a Mãe Tânia, minha mãe pequena na gira de terça. Com dificuldade expliquei a ela o que aconteceu. Ela e Pai Jussaro entenderam o que havia acontecido e me relataram que não estava acontecendo só comigo e que as formas de comunicação com outras pessoas do terreiro também eram por aparelhos eletrônicos. Tempos depois, no terreiro, iniciaram-se estudos sobre a comunicação de espíritos em meios eletrônicos.

O que Pai Fernando queria comigo? Provavelmente chamar a minha atenção para algum fato que, por medo ou receio, não fui capaz de ouvir. Hoje em dia ouço ele no terreiro Vovó Benta com clareza, me dizendo: “faça isso, tire isso daqui, isso aqui não pode...”, e obedeço, sem pestanejar.

Pai Fernando

Guarde seu coração num cofre!

Pai Fernando Guimarães

6.

Não posso falar de Umbanda sem falar de Zélio de Moraes. E também não posso falar da minha caminhada na Umbanda sem citar Pai Fernando. Não é porque partiu deste plano que virou santo, não! Ele era duro quando precisava. Aprendi com ele também a ter este pulso firme. No Vovó Benta ninguém fala mais alto que eu. O último timbre é o meu. Aprendi com meu avô de santo, Pai Fernando.

Uma das lições que ele quis me ensinar em vida, mas não tive a oportunidade de aprender na prática, é guardar o coração num cofre. As decepções vêm, são composições da caminhada como zeladora, e não é só comigo, é comum para todos os pais e mães de santo. Acolhemos, abraçamos, rezamos, ajoelhamos com o filho. Da mesma forma também felicitamos as glórias. Entretanto, muitas vezes, ao menor descontentamento diante de melindres ou opinião contrária entre mãe e filho de santo, já não somos mais a referência daquele que acolhemos, e num piscar de olhos passamos de “pais” para “bruxos”. Todo o amor que sempre dedicamos, aos olhos do filho não existe mais e somos, na visão do melindrado, os mais perversos seres do planeta.



Mãe Lilian de Iemanjá e Pai Fernando de Ogum.

(Foto: arquivo pessoal)

Esta lição, que meu avô de santo quis me passar, eu só consegui compreender durante a caminhada após três anos de sacerdócio, direcionando os filhos de santo no terreiro Vovó Benta. As decepções e traições que sofremos não são poucas, mas se tornam nada diante de

tantas bênçãos que assistimos, os sorrisos que colhemos, as curas e libertações que acontecem diante de nossos olhos.

Por isso o coração num cofre é determinante. Quem não sabe fazer essa guarda sagrada, ou aprende, ou desiste da caminhada. Aprendi e ninguém mais arranha meu coração agora.

Lendo o livro de Pai Edmundo Ferro, *Eu e a Umbanda*, descobri que esta lição de guardar o coração num cofre vem de antes! Pai Fernando já havia sido orientado de mesma maneira pelo seu pai de santo. Então, aos que lerem este livro e se tornarem zeladores, absorvam esta experiência assim que seus corações sangrarem. Sem a dor a lição não é totalmente compreendida, a gente só acredita que aprendeu. A práxis, lembre-se da práxis!

Pai Fernando tem grande influência na minha forma de pensar e gerenciar o Terreiro Vovó Benta. Não tivemos muitas oportunidades de conversar sobre um terreiro enquanto ele vivia entre nós, pois eu fugia do assunto rapidamente. Como citei antes, conversamos muito mais após seu desencarne sobre uma casa de Umbanda, do que antes, por pura falta de coragem de minha parte em encarar o que ele já sabia.

Certa vez Pai Fernando adoeceu, mas como eu não era de questionar sobre a vida particular das pessoas, sabia que ele estava adoecido, mas não que estivesse tão mal de saúde. Muitos já haviam afirmado que sabiam que ele iria morrer muitos anos antes, afinal, todos vamos morrer, não é mesmo? Mas sempre há adivinhos espertinhos e Pai Fernando não escapou de ser vítima destes.

Era uma terça-feira e, como de costume, estava no terreiro, na gira do Pai Jussaro. A primeira parte já havia acontecido normalmente e eu voltava para a engoma, passando por trás do congá no terreiro do Pai Maneco. Eu ouvi claramente Pai Fernando conversando com outro homem. Parecia calmo, mas era incisivo ao passar informações, parecia recomendar algumas coisas.

No mesmo momento Pai Jussaro vinha do quarto dos exus. A segunda parte da gira seria da esquerda. Então, feliz em ouvir Pai Fernando, sorrindo eu olho para Pai Jussaro e digo: “Pai Fernando está aí!”, e pelo rosto do Pai Jussaro percebi que algo estava errado. Ele me disse que não era possível, mas eu insisti que era sim, que não só era como eu tinha certeza que ele estava ali, em frente ao congá. Pai Jussaro então me conta que Pai Fernando estava internado em estado de saúde muito delicado. Baixei minha cabeça e não me atrevi a dizer nenhuma palavra, pois eu já sabia o que tinha acabado de acontecer.

Fui pra engoma e começamos a gira de esquerda. S. Sete Encruzi-

lhadas desceu como de costume, firmou seu ponto e começou os atendimentos. Em questão de minutos uma das pessoas próximas, não me recordo se foi a Mirtes ou a Denise, se direcionou até S. Sete Encruzilhadas e cochichou alguma coisa.

S. Sete Encruzilhadas só me olhou e confirmou o que eu já sabia com um balançar de cabeça. Paramos a gira de esquerda, todos os exus e pombagiras subiram. Foi então que a gira se tornou o Humaitá de Pai Fernando, plena força de Ogum! Cantamos para S. Akuan com todo amor e fervor que se é possível nesta dimensão. Não senti meus pés no chão e, mesmo não incorporando, senti toda a egrégora que se formou. Cantei com o coração, determinada em homenagear o homem que em vida me mostrou a Umbanda que eu amo. Antes de terminarmos a gira entendi com quem Pai Fernando conversava, era com S. Tranca Ruas das Almas. As determinações eram para a proteção da casa e sua sucessão com S. Caveirinha.

No velório de Pai Fernando fui incumbida de uma pequena missão pelo S. Tucuruvu, que falava comigo apenas em espírito. Enquanto Mãe Eli, emocionada, fazia uma linda homenagem ao Pai Fernando, com corpo presente, cantando uma linda canção nascida de um poema composto por ela para Pai Fernando e S. Akuan, S. Tucuruvu foi direto: “aprenda, quero que cante no próximo trabalho”.

Fiquei tensa! Nunca tinha ouvido aquela bela canção, mas fui atrás. Dois dias após o desencarne de Pai Fernando, liguei para Mãe Eli e pedi com carinho que me cantasse a música ao telefone para que eu pudesse gravar a letra e reproduzi-la quando fosse solicitado. Aprendi a música em poucos dias.

Na primeira terça-feira após o desencarne de Pai Fernando, exatamente no sétimo dia, S. Tucuruvu, incorporado no Pai Jussaro, vem até a engoma e me pede para cantar “para o Fernando”. E nós cantamos. A partir de então a música entrou no ritual da gira. Linda música que reproduzo aqui neste livro e sempre que sinto a necessidade canto no Terreiro Vovó Benta, não só por ser bela, mas também para homenagear este grande homem que não apenas desmistificou a Umbanda, como também a propagou e a fez crescer grandiosamente.

Esta letra que Mãe Eli compôs é lindíssima. Muito feliz o momento desta inspiração que hoje nos permite sentir nosso amado Pai Fernando pertinho sempre que precisamos. Como lembro do Pai Fernando? Sempre com sorriso no rosto, com aquela piscadela de um olho só, como quem ri do que é impossível, na simplicidade de apenas ser e estar.

Babalaô de Ogum, e o
Babalaô, Ogunheô [Bis]

Se a rosa é do jardim
Pai Fernando é do Terreiro
Abram alas minha gente
Aqui está Ogum Guerreiro
Quando a noite é de luar
No astral quanta magia
Mas o céu está escuro
Tranca Ruas vigia

Babalaô de Ogum, e o
Babalaô, Ogunheô [Bis]

O terreiro iluminado
Quanta luz nesse Congá
Vem trazendo Akuan
Pro Pai Fernando trabalhar
Akuan chefe guerreiro
Com as armas a brilhar
Foi exemplo de soldado
Hoje é chefe de Congá

Babalaô de Ogum, e o
Babalaô, Ogunheôôô [Bis]

Akuan Akuan
Pai Fernando é de Ogum [Bis]

A chance

*Aceitar a dor, querer ajuda e o merecimento são
premissas para qualquer cura.*

Pai José de Aruanda

7.

Há pessoas que não conhecemos, reencontramos. E muitas vezes não entendemos qual a razão de tamanha afinidade ou amor. É gratuito, é imenso, é mútuo. Uma destas pessoas, que prefiro preservar sua identidade por ainda entender que nossa sociedade é preconceituosa e ignorante, surgiu em minha vida como um anjo.

Em uma tarde, no cemitério, por ocasião do velório de um parente de médium da corrente mediúnica do Terreiro Vovó Benta, eu estava observando as árvores e senti que S. Tata Caveira estava me chamando a atenção. Fiquei em silêncio, me concentrei e então consegui com facilidade entender o que ele queria. Pudera, estávamos em seu reino, o cemitério.

Ele queria que eu conversasse com o cônjuge desta pessoa que também tanto estimo. A conversa não seria tranquila, pois ele queria que eu desse a notícia de que sua cara-metade estava doente e prestes a não ter mais nenhuma chance de recuperação, deixando claro que não haveria mais do que três anos de vida.

Sem entender exatamente o que acontecia, me aproximei da pessoa e disse: “meu anjo, S. Tata Caveira está aqui e me pede para perguntar como está a saúde de vocês...”. A resposta foi de quem acreditava estar tudo bem. Mas meu amigo exu não concordou e mandou que eu perguntasse com mais clareza se eles tinham controle sobre a saúde sexual de ambos, se teriam feito ultimamente exames de diagnóstico para doenças sexualmente transmissíveis. Então recebi a notícia de que nunca tinham feito enquanto estavam casados pela confiança entre eles e isso jamais foi colocado em prova. Porém, relacionamentos anteriores eram o que S. Tata Caveira apontava como problema.

Na mesma semana eles fazem o exame e descobrem que um deles estava infectado com o vírus HIV. O que mudou na vida desta pessoa? Tudo. Não só aprendeu a viver como também mudou a sua visão de mundo. Tratou do seu corpo e hoje convive tão somente com o vírus incubado e não com o tormento da doença, assim como tantas outras doenças que inspiram aceitação ou adaptação.

O quanto esta pessoa já construiu após esta descoberta? Muita coisa, muito além do que sua imaginação possa viajar. Construiu e constrói todos os dias, respeitando seu corpo e zelando pela saúde. Posso até afirmar que hoje, devido ao vírus descoberto, vive bem melhor do que vivia antes, não só pela saúde que o corpo apresenta, mas com

toda certeza pela forma como vê o mundo, sua existência e a relação das suas atitudes com as escolhas e pensamentos do dia a dia.

Desta ocasião me perguntei por algum tempo, qual seria o merecimento deste espírito em receber tão sublime presente divino em saber de algo que iria lhe destruir fisicamente, sem mesmo haver a preocupação consigo mesmo? O amor. Esta pessoa é tão bondosa que, acima de si própria, doa tudo o que tiver por aquela que precisa. Ela só não tinha o amor próprio na proporção que precisamos ter. Na minha humilde opinião, esta proporção precisa ser máxima (sem o ego ou cultura perfeccionista do corpo). O amor dedicado aos outros é louvável, mas a falta de amor próprio é condenável. Esta pessoa é portadora de muito amor e compreensão com o próximo. Qual seria a benevolência maior para um espírito de tamanha grandiosidade? O merecimento de uma segunda chance.

Hoje o casal goza de boa saúde, julgo dizer, até mais do que muitos que se acham “virtuosos atletas da indústria cosmética”. Por descobrirem o vírus a tempo, não houve a infecção do outro cônjuge. Por não estar o vírus ativo, com os cuidados necessários a imunidade se normalizou.

Deus é bom, basta sermos dignos da sua bondade para que recebamos este presente sempre. Por falar nisso, eu também fui agraciada. O que me levou a este merecimento? Não faço ideia, mas deve ser pela doação de tempo e amor ao terreiro, aos filhos de santo e assistência. Na verdade, não procuro saber o que me fez merecer, apenas me ajoelho e agradeço.

Vou lhes contar a história tal como ela é, a qual exames laboratoriais e de imagem podem atestar. Em 2004 eu já havia retirado a metade da minha tireoide. Por questões práticas e por não ter convênio médico, a cirurgia aconteceu no Hospital Erasto Gaertner. A recuperação da cirurgia foi normal e o resultado da biópsia acusou bócio. Tudo tranquilo até então e a vida seguiu.

Em 2008, ao refazer os exames, novos nódulos surgem na parte da tireoide que restou. Naquela época o protocolo era de retirar apenas a parte (lóbulo direito ou esquerdo) que estivesse acometido por nódulos. Neste período eu estava no Terreiro do Pai Maneco e lembro que na tarde em que consultei com o endocrinologista, fui para o terreiro, indignada, por ter ouvido do médico a seguinte frase: “se você tivesse operado hoje, não teria que operar novamente, pois agora o protocolo é retirar a tireoide toda, justamente por ser histórico o ressurgimento de novos nódulos no lóbulo restante”. Enfim, eu teria que fazer a ci-

rurgia novamente devido ao conhecimento da ciência médica na época (quatro anos antes) não estar completo. Mas quando está?! Esta era a minha indignação.

Cheguei no Terreiro do Pai Maneco, mas não era dia de minha gira. Era uma quinta-feira e eu precisava apenas formatar alguns computadores. O projeto de ensinar informática para adolescentes carentes era algo que me foi solicitado e eu trabalhava para isso. As máquinas estavam no barracão das oficinas, parte inferior ao terreno do terreiro. Cheguei depois que a gira já havia iniciado, ninguém me viu entrar com o carro até lá.

Para meu espanto, uma médium da gira entra no barracão das oficinas perguntando se “a Lilian” estava por ali. Me identifiquei e prontamente ela me fala: “Dr. Victor está no terreiro e manda lhe chamar para conversar”. Segui a médium rapidamente, pois nem sabia quem seria o médium que incorporava o Doutor Victor no terreiro. Cheguei ao espaço das giras e lá estava o médium Rodrigo Fornos incorporado com este espírito amigo. Ele olhou para mim e perguntou o porquê da revolta. Explanei minha indignação e ele apenas sorriu e me pediu para deitar na maca. Passaram-se longos minutos que eu não consigo quantificar, mas tenho a certeza de que muito foi mexido em minha garganta sem sequer eu ter sido tocada pelo médium. O calor no local era muito grande e, ao terminar a sessão, eu sentia dor. Ele me disse que o que precisava ser feito estava a contento. Ele então se despediu, e quando fui cumprimentá-lo, ouvi minha voz rouca, como da vez em que fiz a cirurgia no hospital retirando um dos lóbulos da tireoide.

Depois que me casei novamente, em 2010, eu engravidei de meu filho João Victor e logo fui refazer os exames — interessante ressaltar que com quatro semanas de gravidez eu já sabia que era um espírito masculino e de Oxóssi, pois sentia a sua companhia como que flutuando em minhas costas desde a concepção.

Nos exames de ultrassonografia o médico não localizou mais nenhum dos nódulos que os exames anteriores tinham apontado. Inclusive o médico disse que não poderia haver nódulos em exames anteriores, pois minha tireoide, ou o que sobrara dela, estava perfeita.

Fato é que ganhei meu filho João Victor sem problema algum na minha tireoide, e desde então não mais pensei no problema, tendo certa a cura pelo sumiço dos nódulos atestados em exames de imagem.

Em 2014, após sair do banho, Pai José de Aruanda me chama para conversar. Como de costume, quando um dos guias me chama e percebo que o assunto é sério, me recolho até meu quarto para então

conversar. Sentei na minha cama e com calma escutei Pai José. Ele me pediu para colocar a mão direita sobre a garganta e engolir uma quantidade farta de saliva. Fiz, mas não entendi. Pediu então que eu repetisse o procedimento com firmeza, com a mão um pouco mais abaixo de onde estava. E foi nesta hora que senti um caroço na minha garganta. Ele me orientou que buscasse ajuda com o médico da terra e assim eu o fiz.

No posto de saúde, ao relatar a antiga cirurgia, me encaminharam ao mesmo hospital anterior, o Erasto Gaertner. Fiz todos os procedimentos para diagnosticar o que era, inclusive a pulsão do nódulo que não atestou nada de maligno, mas pelo tamanho que tinha, a médica resolveu retirar. Marcada a cirurgia, ia eu mais uma vez para um conserto.



Mãe Lilian no Hospital Erasto Gaertner pós cirurgia.

(Foto: arquivo pessoal)

Retirado o nódulo e enviado para a biópsia, eu esperava o mesmo resultado de dez anos atrás, que seria o mais óbvio, o bócio. Mas não, veio com resultado inconclusivo. A médica pediu então para que o exame fosse repetido. Voltei na data marcada para saber a causa e mais uma vez o resultado foi inconclusivo. A médica então me pediu que retornasse em outra data, que iria pedir que o exame fosse refeito, mas desta vez com outro método. No retorno veio a notícia: o que eu tinha era um nódulo benigno, porém, dentro dele havia um nódulo muito

pequeno e novo, mas... maligno. Foi aí então que eu não entendia, como poderia isso acontecer comigo?! Se o Dr. Victor tinha me curado na gira de Umbanda? Saí do hospital chorando pela notícia ruim que eu acabara de receber. Dias depois marcaram o iodo radioativo. Entrei na clínica e me preparei para tomar o tal remédio. Quando o enfermeiro veio me tratar, logo percebi que algo nele não estava normal. O semblante estava diferente, típico de alguém mediunizado, porém, não incorporado. E ele, com todo jeito do Pai José de falar, me diz: “sabe, filha, se você pudesse escolher um lugar no seu corpo para ter um câncer e se você tivesse conhecimento do que isso representa, certamente você escolheria que fosse a tireoide. Então tome aqui este remédio e esta história acaba aqui e agora”. Ele me deu um copinho descartável de café com um líquido que parecia água e virou as costas. Tomei o remédio, me ajoelhei, bati minha cabeça e agradei a todos os espíritos que me guiam e a Deus, pois só então entendi que o que fizeram por mim através do Dr. Victor foi protelar algo que eu precisava passar de qualquer maneira, mas que antes a graça de ser mãe novamente estava sendo me dada e, além disso tudo, me curei de um câncer sem sofrer emocional ou psicologicamente por ele. Quando eu soube que tinha, na verdade não tinha mais, já tinha sido extirpado e tratado.

O mais incrível foi a médica ao ler o resultado naquele dia pra mim, com cara de espanto, afirmando que ela daria o dedo mindinho da mão se alguém afirmasse que meu nódulo era maligno, pois foi ela quem fez a cirurgia e, pelos longos anos de prática ela dava como certo que era benigno, e mais, ela ainda me disse que pelo tamanho e forma que o nódulo maligno tinha, ela não teria mais do que 30 dias de existência. Minha cirurgia foi marcada com dois meses de antecedência, ou seja, quando eu já estava pronta para operar, o câncer ainda não estava lá.

Mas por que razão então eu tinha que passar por isso? Também compreendi. E vou lhes contar. Entre a notícia de que era um câncer e o iodo radioativo há papéis a serem preenchidos, e como o sistema de saúde do governo não propicia agilidade, eu passava mais de cinco horas para pegar uma simples ficha no hospital. Não há o que reclamar dos funcionários, são anjos! Mas é muito mais demanda do que podem suportar.

Neste dia eu estava sentada no ambulatório com meu marido, indignada. Tentava entender qual era a razão de eu ter que passar por aquilo, onde errei, qual o resgate que eu precisava entender.

Enquanto eu questionava tudo e todos, entra na sala e senta-se bem à minha frente um menino da mesma idade de meu filho, carequinha

pelo tratamento que fazia, a quimioterapia. Os pais sentaram-se com ele, mais magros impossível. A criança sorria e brincava ao celular, mesmo debilitada. Já os pais pareciam mortos-vivos, tamanha era a cruz que deviam estar carregando.

Nesta hora eu chorei, um dos choros mais doloridos da minha vida, pois constatei que eu estava sendo totalmente egoísta e sem noção. Invés de agradecer a Deus pela dádiva de uma doença como o câncer ter passado por mim sem sofrimento eu estava irada em querer saber o porquê de tudo isso. A resposta é simples: em mim a dor é muito menor, muito inferior do que se fosse em um dos meus filhos. Precisou um menino de mesma idade sentar-se à minha frente para me mostrar o quanto sou abençoada com filhos saudáveis e cheios de vida.

Caso você esteja passando pela doença do câncer, entenda: ela é uma doença como qualquer outra que irá vencer você se houver desânimo ou displicência. Para vencer qualquer doença você precisa de três coisas: determinação, reflexão e fé. Com a determinação você vai buscar meios de cura, com a medicina e todo o conhecimento dos médicos. Não deixe de ouvir mais opiniões e busque saber mais, seguindo o tratamento dos médicos à risca. Aproveite a determinação e também busque terapias complementares, elas aliviam a tensão do momento de dificuldade e auxiliam o corpo para a cura, bem como suavizam a mente para bons pensamentos. É um ótimo complemento para o trabalho dos médicos. A reflexão é sensacional, não só para colocar os pensamentos em ordem, mas para entender o momento que se vive e aparar as arestas do peso que carregamos sem necessidade. É hora de apreciar a vida com as coisas simples. Aliada à reflexão e à determinação com o tratamento médico está a fé, pois se você não acreditar que é possível, complica. Se você acreditar que é possível e que acima de tudo existe um Criador que tudo conhece, e pode, dentro do nosso merecimento, nos abençoar com uma segunda chance... É possível a cura? Então vamos buscá-la com determinação, reflexão e fé. Não é possível? Então que possamos ter uma boa passagem com abnegação da matéria, reflexão e fé.

Mas não para aí a minha lição, não... Com o sacerdócio tenho contato com muitas pessoas em minha caminhada. Histórias de luta, histórias com vitórias na cura ou na libertação. Há inúmeras histórias de curas, das quais vou dedicar um capítulo. Porém, há histórias de desencarnes, seja pela forma que for, o motivo é sempre o mesmo, hora da libertação. E é este o assunto a que dedico o próximo capítulo.

O sopro da vida: libertação

*Por que temos tanta pressa de viver?
A vida precisa ser apreciada!*

Luciana Bornemann

8.

Tem pessoas que nos ensinam muito com um simples olhar. Mas tem uma pessoa em especial que me ensinou muito além.

De tantas pessoas que chegam no terreiro sedentas pelo desenvolvimento mediúnico, uma família inteira ganhou meu coração: a família folha. Fabrício e Luciana, pais da Yasmin e da Luana. A Mãe Luciana de Iansã e todos os demais de Oxóssi, por isso o apelido carinhoso de família folha.

Luciana era superativa e, como boa enfermeira, trabalhava em turno dobrado, dando duro para arcar com todas as despesas em conjunto com seu marido. Ela amava a sua profissão, era perceptível em cada palavra e nas fotos do seu celular, explicando os procedimentos realizados no último plantão. No terreiro era uma médium exemplar. Além das quatro horas de gira também atuava na marmita solidária com toda dedicação, muitas vezes sem dormir, virando o dia todo para concluir suas tarefas.

Luciana se preocupava com minha saúde, pois acompanhou a época após minha cirurgia de retirada do câncer de tireoide e, além da profissão lhe proporcionar o conhecimento, tenho certeza que ela me amava. A gente sente no olhar e no abraço das pessoas quando o amor proporciona doação mútua. Ela já havia passado pelas duras penas do câncer, na pele, em suas costas. Fez a cirurgia mais de uma década antes do fato que conto agora. Recuperou-se bem naquela ocasião anterior.

Luciana se tornou minha amiga, além de filha de santo. Ao sair do plantão do Hospital do Trabalhador ela passava em minha casa para tomar um chimarrão e assim falávamos de nossos maridos e filhos, assuntos comuns entre mulheres. Ela era uma mulher linda, cheia de vida e muita alegria.

Certo dia, numa quinta-feira, por volta das 14 horas, a sua filha Luana me liga chorando, apreensiva porque via sua mãe gemer de dor. Eu, sem entender nada, larguei o telefone e num piscar de olhos já estava dentro do carro em direção à casa delas que, por sorte, era bem perto da minha. Meu marido me acompanhou como é de costume.

Chegando na casa da família folha, me deparo com a cena da Luciana sentada, imóvel, com o corpo molhado pois tinha acabado de sair do banho, enrolada em um roupão. A dor que ela sentia era tão intensa que ela nem piscava, as lágrimas rolavam no seu rosto facilmente. Com muita dificuldade ela me explicou que estava com muita

dor no ombro e que não conseguia se mexer. Na hora me prontifiquei a levar ela para o hospital, mas ela não quis. Me pediu pra levar ela pra minha casa e, não querendo discutir, aceitei a solicitação e a levei para casa, mas não onde eu residia, levei ela para a casa onde reside a minha fé, o Terreiro Vovó Benta. Chegamos lá e, com muita calma e cuidado, colocamos ela sentada no meio da firmeza do terreiro. Vovó Benta e Pai José estavam comigo e me orientavam a fazer um forte banho de ervas específicas e, com uma toalha, embeber deste banho bem quente e colocar sobre os ombros e coluna cervical.



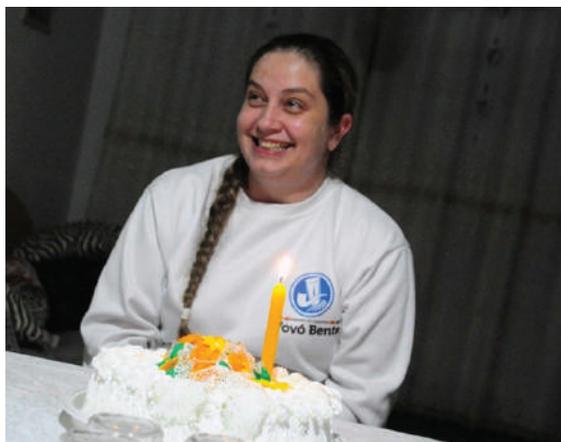
**Família Folha no casamento de seus pais Fabrício e Luciana,
junto das meninas Luana e Yasmin.**

(Foto: arquivo TVB)

Nesta tarde estavam no terreiro duas senhoras fazendo doce de abóbora com coco com doações que haviam sido entregues no terreiro. Pedi ajuda para a Denise, uma das senhoras, também minha amiga e ombro amigo de vários anos. Ela me ajudou fazendo o banho de ervas enquanto eu conversava com a Luciana.

Nesta conversa eu respondia ora ela, ora pai José ou a Vó Benta. Até que Pai José me diz algo mais ou menos assim: “Lia, Luciana está com lesão de alta complexidade na C2, que está sequestrada. Ela precisa ir para o atendimento médico de urgência ou ficará tetraplégica”. Meu coração acelerou de tal forma que pensei passar mal. Não tenho certeza das palavras que ele usou, até porque o nervoso com a notícia me deixou perplexa. Revivi cenas de quando eu tinha 17 anos, pois ouvi a mesma frase de um ortopedista! Nesta hora deixei a Luciana com meu marido no meio do terreiro e fui até o vestiário ligar para o Fabrício, seu marido, e dar a notícia de que algo grave acontecia. Transmiti as palavras de Pai José e como ele também já atuou na área de saúde, sabia que não era algo simples.

Enquanto Fabrício não chegava, embora estivesse perto em horário de trabalho, eu conversava com a Luciana. Disse com palavras mais doces que as de Pai José, mas lhe dei a notícia.



Luciana Bornemann recebendo um bolo surpresa que Mãe Lilian fez de presente em seu aniversário.

(Foto: arquivo TVB)

Como ela era irredutível, eu não poderia deixar de comunicar que ela corria sérios riscos de ficar tetraplégica se não fosse para o hospital. Pai José complementou a minha fala dizendo que “ela já atendeu muitas almas como enfermeira, agora é a vez dela ser paciente”, palavras que repeti com total exatidão. Fabrício chegou e levou ela para o hospital, com muita dor.

A hora da gira se aproximava e eu com o celular na mão, em oração na minha sala, aguardando notícias da minha amiga e filha de santo. Então Fabrício ligou e me confirmou tudo o que Pai José já havia descrito. Ele me informou que estava vindo para o terreiro. Pensei em não abrir a gira, ou pedir que o pai pequeno abrisse. Mas o que fazer num momento desses, melhor do que rezar? Iniciei a gira e assim que Seu Curumataí chegou no terreiro, Fabrício foi falar com ele.

A bravura de Ogum às vezes me dá medo, mas é certo que eu já estava envolvida emocionalmente com a situação. S. Curumataí olhou fixamente para o Fabrício e disse que ele era um guerreiro e que ele precisava honrar esta confiança em estar ao lado da Luciana neste momento. E assim foi, por alguns meses a batalha se deu bravamente.

Numa das visitas que fiz para a Luciana em sua casa após a descoberta da doença, que era metástase do câncer de pele que ela tivera há mais de uma década e que já estava nos ossos, ela me chamou na cozinha, sentada na cadeira de rodas, e começamos a conversar. Ela me dizia o quanto tinha evoluído naqueles meses de batalha, sendo que o maior aprendizado dela não estava na doença, mas fora dela. Ela me perguntava: “por que temos tanta pressa em viver, mãe?”. No seu discurso ela insistia em dizer que havia errado a vida toda por tanto correr e não observar as coisas simples. De tanto trabalhar e não ver as filhas se arrumando pra ir pra escola, a chuva cair, o cheiro do café. E nessa pressa desenfreada não olhou pra ela mesma, para sua saúde. Os olhos da Luciana eram de felicidade, por mais que pudesse parecer um momento triste, mas ela trazia em si a consciência que antes não tinha. Era evidente o crescimento que ela teve com a doença. Para muitos espíritos a doença não é a causa da morte, a doença é tão somente um fator que eleva a maturidade espiritual no nível que faltava para se libertar do corpo físico. Assim foi com Luciana.

Num final de tarde Pai José me anuncia a proximidade do desencarne da minha amiga e filha de santo e me pede que vá avisar o Fabrício, que estava com ela lá no hospital, para que ela pudesse escolher se gostaria de ser sedada e para que se despedissem com tranquilidade.

Dura tarefa, não desejo isso a ninguém. Mas me dirigi até o hospital Erasto Gaertner com meu fiel marido e companheiro William. Entrei para a visita e lá estava Fabrício, atencioso e amoroso com a Luciana. Aqui cabe ressaltar o amor dele, não só pela mulher que ele escolheu para viver ao lado ou pela mãe de suas filhas, mas o amor extremo que ele devotou a ela em todos os momentos. Foi guerreiro, da forma com que Seu Curumataí disse que ele seria. Quando entrei no

quarto, Luciana estava bem lúcida, sem sinal algum de desencarne, embora sedada para não sentir dor. Eles conversavam normalmente. Como eu poderia dar tal notícia? As enfermeiras, na função que tanto Luciana já esteve, entraram no quarto e pediram para que saíssemos, pois iriam trocar as roupas dela e fazer a higiene.

Aproveitei a oportunidade e levei Fabrício até a capela que há dentro do hospital. Com toda delicadeza do mundo disse ao meu filho querido que a sua amada esposa faria a passagem nas próximas horas. Lembro que entre as minhas e as suas lágrimas ele me disse que precisava avisar as filhas, pois todas as vezes que saía de casa para tratamento da Luciana, ele prometia retornar com a mãe das meninas e desta vez não seria possível. Era uma quarta-feira à noite. Sofrer a passagem de alguém que amamos não é fácil. Vi minha filha de santo, minha amiga, mãe de duas lindas meninas e esposa de meu amado filho, que com tanta garra lutou para viver mais entre nós, fazer a passagem da forma com que Pai José disse que seria, com serenidade e com o direito da despedida. Fabrício me ligou no dia seguinte pela manhã, avisando que o médico havia passado de madrugada dando a mesma notícia que eu dera na noite anterior a pedido de Pai José, e que as próximas horas seriam da partida de Luciana. Fui ao hospital me despedir definitivamente da minha amiga, mas ela já não tinha mais consciência física para responder nada, seu corpo já estava adormecido. Ao lado dela estava Pai José, que me contou estar ali por mim, que acompanharia ela até sua consciência pós-desencarne. Isso me confortou. Senti o espírito de minha amiga tenso pelo momento. Conversei com ela, da mesma forma que aprendi a conversar com os demais espíritos, pelo pensamento... E me despedi da minha querida amiga, me predispondo a qualquer coisa para seu marido e suas filhas.

E assim a Luciana Bornemann ganhou a libertação da matéria. Para nós, ficou um escrito de Pai José, “Abnegação da matéria”, o qual ele escreveu um mês antes e só me permitiu publicar uma hora antes do desencarne da Luciana. Este texto consta no site¹ do Terreiro Vovó Benta.

Minha amiga evoluiu, e nós aqui na terra também, apesar da dor da saudade que é imensa. Vez ou outra sinto ela no terreiro, não só nas giras de Iansã, orixá que a regia em terra, mas em momentos específicos, como quem me dá um beijo no rosto pra mostrar que está presente. Saravá você, Lu! Gratidão pelo enorme aprendizado ao seu lado.

1 www.vobenta.com.br

O voo do meu ídolo

Vamos recolher seu pai. Decida.

S. Tata Caveira

9.

Era final de ano e, como de costume, sempre estive perto de meus pais. Passei o Natal de 2012 e a virada de ano para 2013 com eles, em nossa casa no litoral. Fomos todos pra lá, meu marido, eu e as crianças.

Foi um ótimo Natal. Meu pai, que antes era totalmente avesso à Umbanda, se mostrava interessado e fazia perguntas. No último trabalho de praia em que eu ainda estava no Terreiro do Pai Maneco, antes de ser cruzada mãe de santo, meu pai queria saber detalhes após o trabalho. Havia interesse verdadeiro em saber mais sobre aquela religião que ele mesmo me disse ter feito muito bem para mim, diante de tantas provações que passei na vida.



Mãe Lilian e Artur, seu pai carnal.

(Foto: arquivo pessoal)

Meu pai também foi muito feliz em falar para meu marido naquele dia de Natal que, no início do nosso relacionamento, ele achava que meu marido só queria se aproveitar de mim, que seria apenas um passatempo. Mas que o tempo mostrava que, além dele estar errado, ele considerava o William um maravilhoso pai, além de marido exemplar e homem trabalhador. O fato dele ser dez anos mais jovem que eu simplesmente não tinha mais nenhum efeito sobre meu pai, nem mesmo o preconceito com a minha religião.

Passado o dia primeiro, voltei para Curitiba com minha mãe, que precisava fazer um tratamento dentário, enquanto meu pai ficou na

casa da praia, em Pontal do Sul, no Paraná. Conversávamos diariamente pelo aplicativo Skype. Raro era o dia que não nos comunicávamos. Eu tinha uma empresa de tecnologia, produzíamos sites e sistemas web. Éramos eu e um sócio. Descobri coisas na empresa que me desmotivaram da sociedade e decidi terminar. Marquei reunião com o sócio para as 20 horas. Tomei um banho próximo do horário e, ao terminar de me arrumar, S. Tata Caveira se fez presente e disse: “sua reunião é comigo hoje”. Como de costume, vou para meu quarto no silêncio para poder entendê-lo fidedignamente.

Ele então me diz que eu não deveria acabar a sociedade naquele momento. Na minha burrice, insisti e disse que eu não aceitaria mais o que vinha acontecendo. Ele, de maneira direta e nada sutil, me avisou que iriam recolher meu pai e que as consequências seriam difíceis para mim se eu teimasse com o fim da sociedade. E realmente, não havia mais ninguém para segurar a administração da empresa em caso de minha ausência. Me assustei. Eu não estava preparada para o desencarne do meu pai, embora ele fosse cardíaco há mais de vinte anos. Ele aparentava boa saúde, estava falante e mais sereno do que o vi durante toda a vida. Nunca estamos preparados verdadeiramente para o desencarne dos que amamos.

Era dia 5 de janeiro de 2013. Meu sócio estava na empresa, que era nos fundos da minha residência, me aguardando para a tal reunião. Chamei meu marido e expliquei o que tinha acabado de ocorrer e, em prantos, pedi a ele que avisasse ao meu sócio de que não teríamos mais a reunião, que Seu Tata tinha anunciado o falecimento em breve de meu pai. Eu só não esperava que fosse tão rápido. No dia 8 de janeiro, apenas três dias depois, o telefone tocou às 23 horas. Era um vizinho de meus pais, dando conta de que meu pai teria passado mal e que precisavam de alguém por lá. Eu já sabia que ele não tinha passado mal, sabia que já tinha desencarnado pois o aviso já havia sido dado. Acordei meu marido, que dormia naquele momento, e partimos para o litoral, eu e ele. Prometi para minha mãe que traria meu pai, mesmo sabendo que ele já havia desencarnado.

Cheguei no local onde estava o corpo do meu pai, no trapiche de partida para a Ilha do Mel, em Pontal do Sul. Abracei aquele corpo que tanto me protegeu durante minha vida e chorei. A despedida é sempre dura. Depois que o carro fúnebre chegou, pedi que fôssemos até a casa de meu pai antes de seguir para o Instituto Médico Legal, em Paranaguá. Entrei na casa dos meus pais, peguei a arma dele para não correr risco de assalto (comum no litoral na zona de residência

de policiais após a morte), e também o papagaio da família para não morrer de fome até ajustar a situação com minha mãe.

Entrei na casa. Ao abrir a porta da sala de estar, me dei conta do tamanho da dor maior do mundo. Presenciar em espírito alguém que você ama muito, sabendo que não poderá sentir e nem ver a pessoa. S. Tata Caveira estava com meu pai e mais um espírito, que julgo ser guardião de meu pai. Ele me disse apenas uma frase, a qual ele repetiu por duas vezes: “você tem força e agora vai usar!”.

Abracei uma parede da sala e chorei só até esta frase dele ecoar dentro de mim. Retomei o discernimento, desliguei o computador do meu pai que ainda estava ligado e no Skype, na conversa que tivemos horas antes. Peguei os documentos e demais itens que precisava e parti para os trâmites necessários para velório e cremação.

Não foi fácil, foi minha vivência mais dolorida de desencarne até então, por se tratar de espírito tão próximo de minha caminhada. Minha referência de pessoa, meu ídolo.

Minha mãe permaneceu muito triste, até que um dia a levei até o terreiro do Pai Maneco. Lá chegando, encontrei Pai Jussaro, incorporado com o Seu Urubatão da Guia. Fui me consultar com ele, e junto de mim estava minha mãe, bem apática. O caboclo, entendendo a minha angústia, me perguntou se eu queria que ele provocasse a situação. Eu disse que sim, mas que queria escolher o cavalo para fazer a intermediação. No fundo eu queria ter a certeza de que não haveria falha na comunicação e queria me certificar de que o cavalo não fosse alguém em desenvolvimento. Seu Urubatão concordou e perguntou quem eu queria; pedi que fosse o Rodrigo Fornos, cavalo do Dr. Victor, que já havia me atendido anteriormente. Ele concordou. Chamou o caboclo Arariboia, que se utilizava do médium, e pediu licença para que ele pudesse me atender. O caboclo cedeu gentilmente, sem reclamar.

O médium Rodrigo Fornos se colocou então atrás de mim e da minha mãe e recebeu o espírito de meu pai. Eu, na minha incredulidade, queria certificações de que seria meu pai mesmo e já fui pensando: se me abraçar de forma comum não é ele! Meu pai sempre nos abraçou com um braço só, segurando a gente pela nuca e beijando nossa testa. Este seria o primeiro sinal, o qual foi feito à risca! Ainda não estava convencida de que seria mesmo meu pai, pois poderia ser uma coincidência e eu não queria deixar minhas emoções me envolverem a tal ponto de me fazer confundir e aceitar que ali estaria meu pai, mesmo com pouco tempo de desencarne, apenas alguns meses.



**Sr. Artur e Dona Eliane, pais carnis de Mãe Lilian,
com João Victor (neto) no colo.**

(Foto: arquivo pessoal)

Lembrei então que meu pai não chamava minha mãe de “meu amor”, mas como “minha velha”. E foi exatamente desta maneira que ele a cumprimentou, com o mesmo beijo na testa e com o sonoro “minha velha!!!”, e ainda arrematou entregando ela pra mim, dizendo que antes de dormir ela ficava com uma foto 3x4 dele, chorando e chamando por ele, que a foto ela guardava na primeira gaveta do guarda-roupa novo!

Cobrou ainda por que ela não fazia mais os bolos! Todo sábado minha mãe fazia pão e bolo e depois que meu pai desencarnou ela não fez mais nenhum. Ouvi meu pai dizer que estava aprendendo muitas coisas novas com os velhos índios, que a serventia das ervas era magnífica e que tudo o que ele achava que era loucura da minha cabeça, agora ele tinha certeza de que existia, pois estava do outro lado!

Nos despedimos de meu pai. Minha mãe ficou bem melhor e até eufórica por ter conseguido falar com ele. Ao chegarmos na minha casa, pois ela passou a morar comigo naquela época, a primeira coisa que fui conferir é o que havia na primeira gaveta do guarda-roupa novo que ela comprou. Lá estava a foto 3x4 dele e ela, sem jeito, confessou que chorava todas as noites com a foto nas mãos.

Hoje sinto meu pai no terreiro, principalmente quando cantamos para Xangô. Já tive experiências em desdobramentos com ele, além dele se comunicar através de um brinquedo de meu filho.

Grandes batalhas

Por que continuar insistindo, mãe?

Edilene Machado

10.

Edilene tem uma história muito linda. Conheceu a Umbanda através de sua amiga, hoje também minha filha de terreiro e capitã. Da mesma maneira que relatei a história da Luciana Bornemann, não vou me ater aos momentos de lágrimas, mas aos momentos de aprendizado.

Mãe de um lindo menino, Edilene foi diagnosticada com câncer no intestino. Como ela mesma fez seu relato para o jornal do TVB, me valho das suas palavras para contar a sua história:

“Em 2013 fui convidada por uma grande amiga para ir ao TPM (Terreiro Pai Maneco). Eu já conhecia ‘alguma coisa’ sobre a Umbanda, mas confesso, tinha medo, já tinha ido em alguns terreiros, sentia um arrepio, uma ‘coisa diferente’ quando ia. Acompanhei essa amiga em algumas giras, e um dia ela me disse: hoje você consulta uma entidade, ‘ai que medo’. Quando fui chamada, sentei na frente, comentei sobre minha vida profissional, e, pela insistência dessa entidade, acabei falando que tinha fortes dores, que não estava bem de saúde, e essa entidade me falou: ‘tá bom, filha, não precisa dizer mais nada, já entendi, e apesar de você não acreditar que esse é seu verdadeiro problema, leve essa ponteira que, hoje, tudo que está escondido, tudo que os médicos não enxergam, será revelado’. Fazia exatamente oito meses que eu ia em médicos, exames, dores... Muitas dores... E ‘coincidentemente’, na segunda-feira fui internada e na quarta-feira, numa cirurgia de emergência altamente de risco, tiraram um tumor do meu intestino. Diagnóstico: câncer, daqueles muito agressivos. Começou a minha prova: de fé, de vida, de esperança. Graças àquela consulta eu não morri, porque o tumor já estava estourando... Na quarta eu tinha horas de vida. Foi então que prometi que se me curasse eu entraria pra um terreiro e cumpriria o que eu sempre tive certeza, tinha que fazer parte dessa fé.

Fiz o tratamento, com promessas a todos os santos, meu pai muito católico ia nas novenas, eu acompanhava, mas meu objetivo era vestir o branco para agradecer o que aquele Exu fez por mim, e poder fazer o mesmo por outras pessoas. Uau, em 2014 tive alta dos quimios, como se eu tivesse sido curada!!! Alegria imensa, Oxalá me deu uma segunda chance, e a primeira providência foi procurar

um terreiro. Eu e essa grande amiga fomos em alguns, mas quando entrei no Terreiro Vovó Benta bateu o amor, inexplicável o que eu senti. Entrei para as giras, e comecei fervorosamente a estudar, ler, e todas as quintas colocava meu branco e participava da corrente, para fazer parte de alguns milagres que acontecem naquele chão. No final de 2014, novamente a doença se manifestou, dessa vez o diagnóstico era de seis meses de vida. Eu não consigo expressar o que eu senti quando recebi esse resultado, não revolta, mas uma sensação de que não era possível, eu não queria morrer. Passados uns dias de muito choro e desespero, fazendo testamento e guarda do meu filho, uma sensação bateu muito forte em mim: moça, agora que já se lamentou, já chorou, já se desesperou, tá na hora de começar a lutar!!! Só depende de você!!! Você é minha filha, guerreira, e não vai se entregar.

Parei de ir nas giras, com muito pesar, mas comecei a ir na assistência, o chefe da casa me colocava na maca toda quinta-feira, fazia cirurgias, as entidades me faziam passes, me mandavam velas, água, e assim se passaram seis meses, oito meses, dez meses. Nas dores, nas quimios, eu sozinha no meu quarto cantava os pontos, e sentia calma, a presença dos guias me cuidando. Eu digo com toda certeza, foi a fé que me deu esse sopro de vida. O câncer não tem cura, sei que a luta é imensa e pro resto da minha vida, mas sei que se continuar com fé, eu vencerei e cumprirei o que me foi delegado. A minha fé, a fé da corrente que me mandava energia, a fé desses grandes amigos e irmãos que tenho no Terreiro, e a fé do meu pai de que tudo isso iria me ajudar.

E, pasmem!!! Hoje na consulta médica, a doutora me disse: ‘estarei em um congresso nos EUA, e levarei seu prontuário, posso usar para estudo??? Porque a resposta do seu tratamento foi incrível!!!!’ Estou de alta da quimio, mas continuo com medicação e monitoramento. Mal sabe ela o que realmente fez com que o câncer se tornasse inativo. Foram as orações, os cuidados que recebi no Terreiro Vovó Benta, que se uniram às muitas orações de todas as fés das pessoas que me amam. Volto pra corrente na próxima semana, e a vida continua, com outra perspectiva, outra esperança, com a missão de contar e dar esperança para as pessoas que nos procuram, com qualquer tipo de problema, porque com fé e na direção certa, os problemas se resolvem.

Jamais esquecerei das palavras do chefe da casa. Seu Curumataí numa certa ocasião me olhou e disse: ‘filha, eu com flechas nas co-

xas, nos ombros e nas costas continuei lutando; você é minha filha, guerreira, depende de você, não há morte enquanto se continua na luta!!!!' Saravá à fé que sustenta, ao amor fraterno, e às pessoas que abdicam da sua vida para ajudar a quem precisa."

A doença retornou e mais uma vez nossa guerreira se pôs a lutar. Muitas vezes ela desistia; seu pai, o Sr. Gabriel, amoroso ao extremo, ia até minha residência e me pedia para ir falar com ela. Eu ia, ficávamos por horas conversando no seu quarto e eu a convencia a lutar, lembrava ela a todo momento do que S. Curumataí havia lhe dito, que não importava a hora da passagem, mas sim como estaríamos neste momento, se lutando ou desistindo como derrotados.

Ela seguia meus conselhos e retornava ao tratamento, para alívio de seu pai. Em seu aniversário, amigos em comum prepararam uma festa surpresa para ela. Fabrício, meu filho de santo, esposo da Luciana Bornemann, me convidou e lá fui eu fazer parte da surpresa para a Edilene. Foi uma tarde muito linda, ela não esperava por aquela surpresa. Entretanto, a doença foi avançando. Ela foi internada e ficou vários dias no hospital. Fui visitá-la algumas vezes. No dia 24 de dezembro, véspera de Natal, fui me deitar para entender o que estavam tentando me falar. No que quietei meus pensamentos, Pai José se fez presente e me comunicou que eu precisava ir rapidamente até ao hospital ver a Edilene.

Liguei para o Sr. Gabriel, pai da Edilene, e ele me confirmou que ela não estava nada bem. Fui para o hospital, mais uma vez com meu fiel companheiro e marido, cheguei lá e vi a minha filha guerreira com muita dificuldade para respirar. Peguei nas suas mãos e comecei a rezar com ela. Ela estava sedada, não podia responder fisicamente, mas espiritualmente eu a entendia. A preocupação dela era o seu filho. Mas eu lhe dizia que além de um avô maravilhoso, Sr. Gabriel também era pai e não haveria de faltar braços para o Eros.

Conversei um pouco com Sr. Gabriel, ele mesmo não aguentava mais ver a filha sofrer e pedia a Deus que a livrasse de tamanha dor. Uma hora depois que eu saí do hospital, Edilene fez a passagem. Fizemos seu funeral com muito amor, tanto quanto o da Luciana, com os atabaques emanando nosso amor por elas.

Em ambos os rituais sentimos a libertação da dor, a vitória alcançada com a libertação física. Duas filhas de Iansã que ecoam no plano espiritual e continuam a sua caminhada evolutiva, agora sem a dor física.

Em seis anos de caminhada sacerdotal tive a insatisfação de fazer o rito de passagem (desencarne) de três filhos. As duas filhas de Iansã que relatei neste livro e a do Paulo de Oxóssi, marido de minha filha Marcela Ferro, neta de Pai Edmundo Ferro.

Os desencarnes são sempre doloridos por serem considerados a premissa de um adeus. No entanto, é um até logo, mas poucos conseguem colocar isso em prática na hora derradeira. Mesmo que temporário, nosso estado de consciência não admite que é por um tempo. Nosso egoísmo em querer segurar os que amamos ao nosso lado é maior do que qualquer visão espiritual. Nestas horas até o mais espiritualizado se compadece das famílias e de si mesmo quando vê a passagem de pessoas tão próximas.

Com o desencarne do marido de uma médium, quando eu ainda estava no Terreiro do Pai Maneco, aprendemos a cantar um lindo ponto, com letra e música de Pai João, Pai Bitty, Mãe Camila e Anderson Lima. O ponto fala exatamente desta libertação, da liberdade que ecoa de Aruanda. Conheça:

Quem é imortal não morre
Não lamente por aquele que é imortal
Quem é imortal não morre
Não lamente por aquele que não pode morrer

Grito de liberdade veio de Aruanda
Grito de liberdade ecoou de Aruanda
Não chore, não chore
Alimente a sua alma
Força, coragem, você não está só

Manto de Oxalá cobre todos ao seu redor
Força, coragem, você não está só

O Terreirinho

Lia, tem duas araucárias, lembra?

Vovó Benta

11.



Terreiro Vovó Benta, em sua primeira sede.

(Foto: arquivo TVB)

A cerimônia de meu cruzamento aconteceu no dia 14 de junho de 2013, poucos meses após o desencarne do meu pai. A relação que existe é simples: quando senti o meu pai fora do corpo físico logo após o desencarne e, posteriormente, quando conversei com ele no terreiro, qualquer dúvida que pudesse existir em mim desapareceu. Minha mente racional não aceitou e continua não aceitando qualquer coisa sendo comunicação espiritual. Sou chata neste assunto. Preciso ter certeza para então afirmar com propriedade. O mundo espiritual sempre esteve muito presente na minha vida, mas eu ainda não tinha vivência tão especial como foi com o meu pai. Outro espírito que hora ou outra se aproximava era o da minha avó materna, a vó Leoni, que faleceu de câncer meses após a minha cirurgia da coluna cervical, aos 17 anos, que se não fosse realizada me deixaria tetraplégica.

Perceba que o poder de convencimento não foi ninguém me dizendo que eu tinha que ser mãe de santo. Por mais que Pai Fernando, Pai Bitty, Pai Jussaro e Mãe Tânia tenham falado em algum momento, nenhum deles teve argumentos suficientes para me convencer a tomar esta decisão.

O momento fatídico foi sentir o espírito do meu pai dentro da casa dele, no litoral, sendo que no carro fúnebre, em frente à mesma casa,

estava seu corpo inerte, poucas horas após o desencarne. Este foi o ponto crucial. Desde então, só aceitei a missão e saí em busca do espaço necessário. Decidimos, eu e os espíritos, arrumar os fundos da minha casa, pois qualquer outra opção demandaria dinheiro para custear o espaço e isso dificultaria muito.

O Terreiro Vovó Benta foi fundado no dia 14 de junho de 2013, numa construção teoricamente pequena. O que era um lugar de reunir os amigos se tornou um terreiro. O pomar da família se tornou o jardim dos orixás. A garagem passou a ser cantina e extensão da área para a assistência.



Cruzamento da Mãe Lilian e fundação do Terreiro Vovó Benta.

(Foto: arquivo TVB)

Meu cruzamento foi realizado por Pai Jussaro de Ogum, com a presença de Pai Beco de Oxóssi e Pai Leonardo de Oxóssi, trazendo junto comigo a história de dez anos como médium do Terreiro do Pai Maneco, e também a honra de manter a sua raiz nos ensinamentos de Pai Fernando de Ogum. Além do Terreiro do Pai Maneco, como filha primeiramente do Pai Bitty de Ogum, e posteriormente do Pai Jussaro de Ogum, comecei minha caminhada com o Pai Décio, do Terreiro Cigana Conchita.

Neste pequeno espaço físico dos fundos da minha casa aconteceram muitas coisas grandiosas. Pessoas foram se encontrando. Alguns encontraram a sua fé, outros renovaram. Alguns desconstruíram totalmente pré-conceitos e iniciaram uma nova caminhada na Umbanda ao meu lado.



Cruzamento da Mãe Lilian de Iemanjá.

(Foto: arquivo TVB)

Neste pequeno chão, mais de 85 médiuns giraram por um ano e muitas pessoas foram atendidas com passes e consultas, embora a expectativa fosse de que seríamos em dez ou doze médiuns no período de um ano e que atenderíamos umas dez pessoas para passes e consultas por gira. Entretanto, mais pessoas foram chegando e a necessidade de ampliar foi iminente. A gira de quinta-feira nasceu para poder ajudar mais pessoas e aproveitar o espaço que tínhamos, pois na gira de sábado não era possível entrar mais ninguém.

A visão que marcava muito a necessidade de um espaço maior era quando eu me virava para a porta do terreiro, para abrir a tronqueira, parte do ritual inicial dos trabalhos. O susto era imenso, pois até este momento eu ficava virada para o congá o tempo todo e a concentração é sempre total de minha parte. Esqueço o mundo lá fora, só ouço e sinto os espíritos, focando no que teremos nos trabalhos. Quando me virava para o ritual de abertura da tronqueira, a visão era assustadora, e continua sendo. Muitas pessoas! Pessoas que eu nunca imaginei conhecer ou de onde vinham. Eram pessoas olhando pelas portas, pelas janelas e não conseguia ver o horizonte de onde acabava a assistência.

A primeira gira era para ser fechada. Na verdade, cheguei a dizer que giraríamos no terreiro por um período de três meses sem consultas, apenas para desenvolver a nossa pequena corrente de sete pessoas. Mas não foi isso que aconteceu, na primeira gira já tínhamos assistência, eram 16 pessoas para sete médiuns na corrente.

Com uma corrente tão pequena, o Amaci foi feito em duas giras para que os trabalhos acontecessem sem atropelos. Hoje em dia a

cena de ver o terreiro lotado continua acontecendo. Mesmo que o local seja dez vezes maior. Vou relatar esta mudança mais uma vez, mas agora fica registrada em livro para quem quiser conhecer.



Preparação para o ritual do Amaci no Terreirinho.

(Foto: arquivo TVB)

Como era de costume, eu e meu marido limpávamos o terreirinho no período da manhã nos dias que haveria trabalhos. Num sábado, por volta das 14 horas, o terreiro estava em preparação. Meu pano de cabeça precisava ser arrumado em frente ao congá, tarefa que fui executar. Ao me abaixar para arrumar o pano de cabeça senti todos os espíritos perto de mim. Amorosamente e alegremente conto este episódio dizendo que a “liga da justiça” estava toda presente, pois estavam ali no congá à minha espera: Vovó Benta, Pai José, Seu Curumataí, Seu Sete Pedreiras, Seu Pena Branca, Seu Tata Caveira, Seu Tranca Ruas, Seu Maré, Dona Maria Padilha das Almas... e eu.

Quando os senti, bati minha cabeça e por ali mesmo fiquei. Apenas pedi desesperadamente um pedaço de papel e uma caneta, pois todos eles falavam intensamente sem me dar fôlego para perguntar “o quê?” ou “por quê?”. Estas anotações até hoje estão guardadas, já datam de mais de quatro anos. Destas anotações estão orientações do espaço, do local ideal para a engoma. Esta, inclusive, bem interessante. Não dei bola para uma das orientações quando falada, embora tenha escrito, de que a engoma não poderia ser fora do nível do chão e que ela necessariamente precisaria ser do lado direito do congá, pela visão de frente. Enfim, é algo que não me atentei. No dia em que encontramos o local ideal para os trabalhos, lá estava um elevado de cimento, com

escada de poucos andares. Me exaltei e disse: “que maravilha! A engoma pode ficar ali em cima, colocamos um tapete e ficará ótimo!”. Meu filho de santo olha pra mim e me chama a atenção para um detalhe: a engoma não poderia ser fora do nível do chão e precisaria ser do lado direito e não do lado esquerdo onde ficava o elevador. Enfim, a gente até tem ideias, mas os espíritos têm o conhecimento!

Começamos a busca pelo novo espaço que os guias nos disseram ser necessário. Procuramos barracões e depois de muito visitar e não encontrar, buscamos por terrenos para locação. Assim poderíamos construir algo, mesmo que provisório. Não encontramos nenhum local que fosse próximo do que ela nos tinha dito. Então aguardamos a sua presença no terreiro, em dia de gira, e questionamos a Vovó Benta sobre como poderíamos observar melhor para encontrar o espaço. Com muita paciência e carinho, ela nos informou que o lugar estava bem perto, que passávamos todos os dias por ele e que lá havia duas araucárias.

Um dia depois, uma filha passa por um barracão no momento em que colocavam a placa para disponibilização. A rua era trajeto diário desta filha que, com o semáforo fechado, precisou parar o carro e aguardar. Neste intervalo ela viu a cena do funcionário da imobiliária pregando a placa de “Aluga-se” numa árvore.

Então fui com alguns filhos visitar o local. Já no portão a impressão era terrível. Parecia um local mal-assombrado, mas era tão somente abandonado. A energia que lá senti era também de abandono, mas não só do imóvel. Descobrimos posteriormente que ali havia sido um “mercado das pulgas”, o que explica bem este sentimento. Olhamos o espaço do barracão que avalei como sendo muito grande. Enquanto a pessoa mostrava tudo, eu só pedia que a Vó Benta se fizesse presente para então me atestar que ali não era o local.

Assim estava acabado o suplício daquele lugar terrível e sombrio e poderíamos ir embora. Enquanto a Vó Benta não aparecia, seguíamos a funcionária que nos mostrava o imóvel. Subimos ao mezanino e lá consegui sentir a presença da Vó Benta! Ela, bem calma, me diz: “filha, lembra que precisa ter as duas araucárias, né?”. Senti um alívio percorrer meu corpo, alívio no coração, pois aquele lugar demandaria muito esforço financeiro e braçal para dar a energia necessária de uma casa de fé. Com o alívio, resolvo olhar para fora, buscando o céu...

E meus olhos, incrédulos no que viam, me confirmavam que aquele era o local, pois bem na entrada, estavam lá as duas araucárias. Me virei para meu filho Marcos, hoje pai de santo no Terreiro Vovó Benta, e lhe disse: “pode fechar o contrato, é aqui...”.

Antes de iniciar as obras a Vovó Benta nos fez um pedido. Ela queria uma gira de limpeza do local. Meu coração se confortou, pois diante do que se via, era um cenário de guerra e as energias densas poderiam atrapalhar muito nas obras.

Marcada a gira, preparamos o local, lavando o piso com produtos químicos para esterilizar, tamanha era a sujeira com dejetos de pombo e outros bichos, haja vista que o barracão estava abandonado de cuidados. Naquele dia, deveríamos ter água do mar em abundância, solicitado pela Vó Benta. E conseguimos em galões de vinte litros, daqueles de água mineral. Um fato interessante foi quando Seu Martim Pescador chegou no terreiro; ele, com toda facilidade do mundo, incorporado em mim, levantou o galão com apenas uma mão e saiu espalhando a água. O mesmo galão era levantado por duas pessoas com certo custo físico. São coisas que só a espiritualidade nos apresenta!

As obras iniciaram imediatamente e em um mês foi possível iniciar as giras no local. A construção do espaço se deu através de doações de todos os filhos e amigos da casa. Doação de tempo, mão de obra, tinta, flores, plantas, imagens etc.

A construção do piso foi um fato interessante. Certa noite, já passava da meia-noite, estávamos em mais de vinte pessoas, todas ajoelhadas pregando as tábuas para que a gira pudesse acontecer no sábado. Eram mais de vinte pares de mãos construindo um único chão. Ninguém era profissional, mas todos com muito amor no coração. O resultado pode ser visto nas giras onde há união e amor de todos os filhos.



Girão de limpeza para início das obras do novo espaço.

(Foto: arquivo TVB)



Momento de saudação aos espíritos durante ritual inicial.

(Foto: arquivo TVB)



Filhos TVB batendo a cabeça em respeito aos espíritos em ritual.

(Foto: arquivo TVB)

Sempre digo que o terreiro não é meu, é da Vovó Benta e de todos que nele se fazem presentes. E é a mais pura verdade, pois o TVB hoje é um sistema vivo onde as pessoas podem participar, mas não só da gira, e sim da família TVB. Cuidam da casa, das energias, das amizades, do espírito, enfim... Da sua existência! Entretanto, eu sou a porta-voz da Vovó Benta e demais guias dirigentes da casa, não admi-

to interferência no comando geral da casa partindo de nenhum encarnado. Aos que se imaginaram donos deste chão, os próprios espíritos trataram de encaminhá-los para outras searas. Os exus, nossos guardiões, protegem a casa com total dedicação de qualquer força maligna espiritual, não seria a carnal a confrontar toda esta conjuntura de espíritos benevolentes que se uniram pelo bem.

Enfim, depois de muito trabalhar para que o terreiro pudesse comportar os médiuns que já faziam parte e acomodar a assistência que procurava a casa, inauguramos o novo espaço.



Gira de renovação de Amaci, em junho de 2018.

(Foto: arquivo TVB)

Mas, quando penso que tudo está em ordem, com as solicitações cumpridas, sempre há novidades. Vó Benta e Pai José nos pediram que fosse ampliado o espaço, pois as giras iriam aumentar e seria necessário um espaço específico para as terapias complementares, além do Reiki, que já era ofertado no terreiro uma vez por semana pela coordenação da então Mãe Pequena Roberta de Iemanjá. Além de zelar pelo Reiki nas quartas ela me ajudava com a gira na quinta-feira.

A ordem que veio de Aruanda foi bem clara, era para duplicarmos o espaço. Por coincidência ou não, o terreno ao lado do qual já estávamos instalados tem um barracão que fora desocupado meses antes. Nossa realidade não nos permitiria duplicar o espaço, pois nossos custos seriam duplicados de mesma forma. Fiz então uma reunião de

conselho ampliado e com a junção de todos nós foi possível ampliar o espaço e os atendimentos. As terapias complementares ganharam um espaço especial com cromoterapia, pranayama, reflexologia, reiki, aromaterapia, musicoterapia e, em breve, também teremos apometria no mesmo espaço.

Com o novo espaço também ganhamos uma cozinha industrial, promovida por um grupo maçônico que se dedica a ajudar instituições com projetos sociais. Mais uma benção que foi derramada sobre a seara da Vó Benta! Hoje produzimos cerca de três mil marmitas por mês que são distribuídas aos moradores de rua de segunda a sexta, cada dia em um local diferente.

Hoje o Terreiro Vovó Benta abriga cinco giras, de terça a sábado. Todas formadas pela égide da Vovó Benta, com minha supervisão. Meus filhos cruzados como pais de santo são: o Pai Marcos de Ogum (gira de sexta), Pai Rafael de Oxóssi (gira de terça) e Mãe Roberta de Iemanjá (gira de quarta). Minha herdeira espiritual, que assumirá minhas funções no terreiro, é também minha filha carnal, Mãe Pequena Luane de Iemanjá, com total apoio e direcionamento do meu marido, Pai William de Oxóssi, ambos também preparados e cruzados para esta missão pelas minhas mãos.

Pensa que meu pesadelo de olhar para a tronqueira e não ver onde acaba a assistência acabou no novo espaço? Não. Nas giras de quinta-feira é comum termos que colocar cadeiras para fora do espaço. Por esta razão prefiro não pensar nos próximos cinco anos. Apenas vivo com alegria o momento de hoje, aproveitando todas as bênçãos que são permitidas e colhendo todo o aprendizado disponível na caminhada.

Recentemente tive o grande presente de ver em nossa casa de fé a minha querida Mãe Pequena Tânia, a qual me zelou e me ensinou muito no Terreiro do Pai Maneco, nas giras de terça-feira. Este mundo é mesmo incrível. Aprendi muito com ela e hoje ela é minha filha mãe de santo, pois não consigo vê-la apenas como filha, tamanho meu respeito e admiração por ela. Ela nos ajuda nas giras de quinta-feira com toda luz e sabedoria que possui. Gratidão, Mainha Tânia!

A análise que faço disso tudo é que realmente o terreiro é um sistema vivo. Se dependesse somente de mim, certamente não teria o tamanho que tem, estaríamos nos fundos da minha casa em no máximo trinta membros da corrente. Mas de que maneira podemos olhar para alguém e dizer que ele não pode entrar? Que não será atendido? Que não temos como lhe abraçar? Difícil. Ainda estou tentando encontrar esta medida, esta linha de corte, que para mim é inconcebível.



Ponto riscado da união dos espíritos dirigentes do terreiro.

Junto ao projeto da marmita solidária também conseguimos ajudar a creche da comunidade. Esta creche é auxiliada pela prefeitura, mas está em terreno da igreja local e sobrevive com a ajuda da comunidade. Nas terapias alternativas sugerimos que as pessoas levem um quilo de alimento não perecível para doação. Todo o material que é levado até o terreiro é acondicionado e doado para a creche. Sabemos da gratidão que a creche tem por esta ação e tantas outras que fazemos em datas festivas, como a entrega de livros, doces e brinquedos no Natal, Páscoa e Dia das Crianças.

Neste novo espaço também acontecem as reuniões do grupo de mútua ajuda e mútuo amor. São dois grupos lindos! Um deles é para que as pessoas nutram suas almas com força e determinação, entendendo por que vivem e qual o objetivo de estarem aqui, deixando de lado a tristeza e a depressão. O outro grupo zela pela autonomia sem nenhum vício, seja sexo, álcool, drogas, compulsões etc.

E assim, nossa casa, como um sistema vivo, continua crescendo e atendendo cada vez mais espíritos encarnados e desencarnados. Obviamente cada vez gera mais trabalho, mas a satisfação é proporcional. Muitas vezes fico pensando se Pai Fernando tinha noção do que estava proposto para minha caminhada. Certamente devia saber, da mesma forma que sei como está proposto para minha filha e demais pais de santo que caminham comigo, bem como os filhos que caminharam e sabia que não sustentariam a caminhada.

Saravá a nossa casa! Saravá o Terreiro de Umbanda Vovó Benta!

O Camboninho

*É melhor que ele esteja aqui perto de Deus
do que lá fora se afundando ainda mais nas drogas...*

Vovó Benta

12.

A história que vou contar agora é um resumo de mais de uma década. Não poderia iniciar sem antes mencionar que, para que isto fosse possível, chamei a pessoa protagonista para solicitar sua permissão para a história ser contada na íntegra. Esta permissão precisava vir do coração e da mente, pois se o estado de consciência ainda fosse de vergonha, eu não exporia nada e aguardaria com paciência o momento em que seu estado de consciência fosse de vitória, descoberta, autonomia e alegria pela conquista. Aguardaria, nem que levasse mais uma vida.

O que vou contar, com ajuda do personagem principal, pode parecer uma exposição aos olhos de alguns, mas nos meus é a transmutação. É a vitória do amor próprio contra o seu próprio pior.

Quando eu estava executando o projeto do herbário do Caboclo Akuan, no Terreiro do Pai Maneco, eu utilizava a rede social Orkut para conversar com os voluntários, organizando o trabalho e horários de encontro. Um rapaz que eu nunca tinha visto por lá e nem ouvido seu nome comentou uma das postagens. Ele se apresentou como engenheiro agrônomo e disse que poderia nos ajudar. De certa forma senti um pouco de soberba naquela mensagem, mas como eu não conhecia absolutamente nada sobre plantas, além de plantar e regar, me calei e esperei o rapaz, como tantas outras pessoas marcadas para o mesmo dia e horário, um sábado à tarde.

Em frente ao herbário, olhando o que tínhamos e o que precisávamos, analisava os próximos passos enquanto aguardava os voluntários chegarem. Vovó Benta me chamou a atenção e pediu que eu olhasse quem vinha descendo uma pequena rampa natural do terreno. Olhei e vi um rapaz franzino, aparência de espírito perdido, corpo vazio sem direção. Eu não tive reação imediata, mas imaginei que seria aquele rapaz que se oferecia para nos ajudar. A Vó Benta me solicitou: “filha, acolhe o camboninho, ele precisa muito de amor”.

Não tem pedido da Vó Benta que eu não tenha executado com sorriso nos lábios. Suas palavras são doces e por mais desafiadora que possa ser a solicitação, sei que não estarei sozinha em nenhum momento e que poderei contar com ela nos momentos de dificuldade. Então, qual seria o impedimento em ajudar aquele rapaz?

Caminhei em sua direção, abri meus braços e, com um abraço, me apresentei. Para entender melhor este momento, solicitei a esta pes-

soa que descrevesse o que sentiu neste mesmo dia para constar neste livro, afinal, a mesma cena é vista por olhos diferentes e sentida por corações diferentes. Eis o que ele me escreveu:

“No terreiro do Pai Maneco existia um canteiro de ervas para os trabalhos de Umbanda. Me interessei, pois cursava agronomia e estava atraído pela religião. Sem conhecer ninguém, fui até lá um sábado à tarde; passei por várias pessoas que lá ajudavam, até que minha atenção se deteve numa moça de energia forte e cativante. O cenário desapareceu e me aproximei dela, da pessoa que seria minha madrinha e minha mãe de santo. Soube depois de alguns anos que, naquele momento mágico, a Vó Benta falou sobre mim, e pedi para que ela me acolhesse e me conduzisse na longa caminhada de libertação que ali se iniciava.”

E assim começou a jornada do Camboninho, e a minha também, como sua madrinha.

A primeira vez que ele pisou no Terreiro do Pai Maneco foi após escrever para Pai Fernando, que lhe recomendou ir até lá. Chegando lá, não consegui conversar com Pai Fernando e demorou mais três semanas até que finalmente sentou-se diante do Caboclo Akuan. Como ele já tinha andado pelo Candomblé, Seu Akuan foi direto ao assunto, mostrando que ele tinha sangue nos pés e que isso precisava ser limpo.

Logo após me encontrar naquela tarde de sábado, no herbário, ele foi numa gira de sábado, na qual eu trabalhava na corrente como médium e cantava na engoma sempre que necessário. Era gira de pretos velhos e a Vó Benta lhe atendeu. Falou o que o Camboninho precisava ouvir, mas lembro que ela já o conhecia muito bem. Colocou ele sentado de frente para o congá e, com sua vassourinha de ervas, fez uma limpeza nele, molhando a vassourinha de ervas e descarregando as energias densas e negativas que estavam presas no corpo do Camboninho.

A Vó Benta sempre o chamou assim, o Camboninho. Certamente por já ter outra história ao lado dele, em outras vidas, acredito. Ou quem sabe ela já sabia que ele se tornaria cambone dela, como de fato aconteceu.

Depois daquela limpeza energética o Camboninho começou a fazer parte da corrente. Pouquíssimo tempo depois, ao final de uma gira, a Vó Benta me pede que eu tome um chá de canudinho com o Camboninho. Ela se referia ao chimarrão, tradição que aprendi com minha avó materna e mantenho há anos. Sem saber a razão da solicitação,

apenas cumpri. Ofereci uma carona no final da gira, paramos para comer um cachorro quente e já lancei o convite, conforme fui orientada.



Pai Marcos e Mãe Lilian, na época afilhado e madrinha.

(Foto: arquivo pessoal)

Ele topou, talvez sem entender nada, mas foi até minha casa. No dia que ele chegou eu ainda não sabia absolutamente nada do que lhe dizer. Lembro dele sentado num sofá da sala e eu no outro sofá, sem saber o que dizer, cantando pra Vó Benta mentalmente para que ela viesse me orientar no que deveria ser feito.

A Vó Benta nunca me abandonou e não seria desta vez. Ela se fez presente, mas o desafio ficou pior ainda. Ela me solicitava que eu pedisse para o Camboninho falar da sua homossexualidade e do uso das drogas. Quem em sã consciência fala para alguém que mal conhece para se abrir sobre a sua vida sexual e dos seus vícios? Minha boca secou, a voz não saía, pois eu só tentava contornar o assunto.

Depois de alguns minutos, tomei coragem e lancei o assunto. Perguntei se ele era homossexual e como ele convivia com isso, meio que já afirmando o assunto. Então ele me falou de como foi sua infância e adolescência. Aproveitei a abertura e engatei a segunda parte da pergunta, indagando se ele usava algum tipo de droga.

Para meu espanto, a resposta foi positiva. Maconha e cocaína, foi a resposta. Nessa hora eu não sabia se encerrava por falta de estrutura e conhecimento do assunto ou se eu o abraçava e tentava convencê-lo a parar de se destruir no vício.

A Vó Benta pedia para que eu o ensinasse a ir à roda de amor, que ele iria encontrar a Umbanda lá, mas em outra forma. Entendi que era o grupo do Narcóticos Anônimos e pedi a ele que começasse a frequentar. Ele foi e tempos depois começou a relatar como eram os encontros, e realmente tinha muita Umbanda lá, mas sem usar nomes ou conceito, apenas muito amor e compreensão.

Volta e meia havia uma recaída e isso me preocupava, pois parecia que eu não estava fazendo a coisa certa. A homossexualidade por ele era encarada como um defeito de fábrica e que jamais poderia ser feliz como os heterossexuais supostamente são. A família era algo intangível, não só por não ter o carinho e o aconchego da sua própria família, mas também por imaginar que jamais teria a sua família devido à homossexualidade.

Um fato que ocorreu numa das giras foi muito tocante. Era gira de terça-feira e eu sempre chegava cedo para meditar antes da gira. Sentada dentro do terreiro, avistei o Camboninho saindo do banheiro e percebi que ele não estava normal. Nunca tive convivência com pessoas usuárias de drogas, não conheço o comportamento de nenhuma química no corpo. Nem cheiro do tal cigarro de maconha eu sabia reconhecer na época. Hoje, depois de passar por uma rua sinistra no centro de Curitiba, já sou capaz de reconhecer o cheiro. Nunca usei, sequer experimentei. Esta era uma reclamação que eu fazia para a Vó Benta: como eu poderia orientar um homossexual e usuário de drogas, se eu não sabia nada sobre os assuntos?

Pois bem, lá estava o Camboninho com os olhos arregalados e comportamento estranho. Um misto de sentimentos explodiu em mim, raiva e pena. A raiva por entender que o preceito jamais deve ser quebrado, e lá estava ele, certamente sem preceito. A pena vem por você sentir afeição por uma pessoa e ver o que ela está fazendo de errado com sua vida. Minha ignorância no assunto não me permitiu saber se ele havia usado maconha ou cocaína, mas eu tinha certeza que ele estava sob efeito de drogas.

Me levantei correndo para encontrar o pai de santo da gira. Afinal, ele era meu cambone e na segunda parte teríamos a Cigana Paloma para ele cambonear, mas, drogado?!? Não poderia permitir ele ali naquelas condições! Era uma afronta, pensava eu. Enquanto eu caminhava em direção ao pai de santo, Vó Benta me interpelou e me pediu com veemência que não o entregasse! Entrei em conflito. Parada diante do meu pai de santo, eu não sabia o que dizer, se diria, o que faria...

Simplesmente inventei uma pergunta besta, como se eu não soubesse a resposta, para apenas disfarçar o meu comportamento. Voltei para meu lugar e passei boa parte da gira questionando a razão do pedido da Vó Benta. Durante o ritual de abertura a resposta veio e me marcou profundamente. Ela me explicou que era bem melhor ele ali, mesmo naquele estado, mas próximo da luz divina, do que nas ruas se afundando ainda mais.

Mais uma vez me valho das palavras do Camboninho, para enxergarmos através dos seus olhos e sentir através do seu coração o que ele viveu neste dia.

“As drogas eram um inferno, mas apenas quando se está dentro dele; quando fora o espírito viciado logo esquece da dor e retorna, malignamente programado, seu autoflagelo, até que um dia, se houver merecimento, o ciclo se rompa. Mais uma vez cedia ao vício, maconha e cocaína, e como o arrependimento vinha muito mais feroz, fui ao terreiro numa tentativa de diminuir a minha tragédia.

Ao chegar lá, o impacto da energia da droga no meu espírito e corpo com a vibração no terreiro me fazia sentir como um vampiro [se] sente, queimado na luz do sol do meio-dia. A consciência de toda aquela desgraçada vida era tão nítida que tornava quase impossível permanecer ali dentro. Será que a Cigana Paloma sabia? É claro que sim, e os outros espíritos também não podiam ser enganados; as pessoas sim, mas eles nunca.

Vovó Benta disse à minha madrinha o que eu tinha feito antes da gira; em nome do que era correto, iria relatar a infração grave ao dirigente, quando Vovó Benta retorna e diz: “não! Melhor que o tenhamos aqui do que lá fora onde certamente irá se perder em definitivo”. E mais uma vez, não foi a primeira, ela, ou melhor, elas me salvaram da escuridão.”

A gira de ciganos estava linda. Cigana Paloma sabia da situação e, com toda ternura, cuidou do Camboninho, lhe enchendo de amor para que voltasse para a próxima gira, mesmo após o seu arrependimento pelo uso da droga.

Com o tempo, a autonomia foi construída e o Camboninho se livrava das drogas. Até que, um certo dia, véspera de Réveillon, meu telefone toca. Era o Camboninho atônito com uma notícia. Ele me informou que seu pai havia acabado de ser assaltado no bar do qual era proprietário e que fora esfaqueado gravemente.

Acalmei ele ao telefone e disse que me aguardasse, que ligaria em breve. Pedi a presença da Vó Benta e de Pai José, ambos me atenderam e me disseram ser uma tarefa impossível, pois se tratava do desencarne do pai dele. A ajuda que poderia ser feita era apenas para um desencarne rápido, sem sofrimento, e para o próprio Camboninho.

Fiz o amalá na mesma hora e liguei na sequência, retornando a ligação. Quando ele atendeu a notícia já era diferente. Seu pai estava desencarnando e o que se falava era sobre a doação dos órgãos. Eu e meu marido, mais uma vez, corremos para seu encontro. Nestas horas um abraço é muito valioso, bem como orientações práticas, pois no meio do nervosismo e da emoção fica difícil discernir o que fazer.

Quando o encontrei, o abracei e lá estava a Vó Benta me indicando que ele teria uma recaída grave após o falecimento do pai. E realmente aconteceu. E como tudo na vida, é preciso muito amor e compreensão. Eu aguardava os momentos que a Vó Benta me pedia para entrar em contato. Todas as giras em que ele estava eu oferecia carona. Volta e meia ele ia me visitar em casa pra gente conversar, comer alguma coisa, enfim, conviver.

Numa manhã do dia 29 de novembro ele apareceu cedo em minha casa, com flores e de terno! Era meu aniversário. Foi um aniversário diferente, ganhei vários presentes. As flores eram pra mim, o terno era devido à foto da turma da graduação, pois estava se aproximando a sua colação de grau.

O caminho contra o vício foi assim, com muito amor e compreensão. Mas a compreensão não é a permissividade do uso. Ao contrário, é entender o erro, mas não aceitá-lo de maneira alguma. É amar mesmo sabendo do grande erro cometido e, sem ofensas, mostrar onde está a ignorância e onde está a sabedoria.

A homossexualidade a Vó Benta queria tão somente que eu o fizesse entender que a vida é, sim, bela e para todos, sem distinção. Para mostrar que é possível sim uma família feliz entre homossexuais. Levei ele para conhecer um casal de amigos meus, o Sergio e o Geraldo. Ele conheceu os dois numa festa de aniversário, e posteriormente os visitou na residência deles. Observou e ficou perplexo em ver que a vida é comum. Começou então a acreditar no amor e em si mesmo. Até então ele vivia apenas da saciedade da carne, matando a carência com qualquer outro corpo que perambulasse nas boates da vida. Onde estava o sentimento? Represado e encruado, ótimo adubo para as drogas, que nada mais eram que o alento para as dores da alma.

O problema das drogas vai além dos males físicos causados pelo

seu uso. Entorpece também os pensamentos, como se não houvesse mais problemas, e quando seu efeito passa os problemas parecem maiores e mais ferozes. O desejo de se entorpecer retorna. E assim o ciclo permanece.

Entendendo que a vida era possível, após se formar e concursar como engenheiro agrônomo da prefeitura da cidade, o Camboninho conheceu alguém especial no terreiro. Eu estava de licença-maternidade, pois tinha dado à luz ao João Victor, meu filho que fará oito anos de idade em breve. Ele me ligou e informou que estava namorando e queria muito que eu o conhecesse. Muito feliz com a notícia, pedi que ele o levasse lá em casa!

Marcamos e conheci o rapaz. Rafael, pessoa gentil e serena. Foi como se já nos conhecêssemos. Já arrastei ele pra cozinha para começarmos a colocar a mesa para o jantar e assim retomamos uma caminhada que certamente já havia começado em outra vida.

O amor entre os dois floresceu e começaram a morar juntos. Lembro do dia em que o Camboninho me perguntou se deveria contar para o namorado sobre seu passado com as drogas. Fui muito direta e disse que não só deveria como também seria honesto pelo namorado e salutar para ele mesmo, pois o apoio seria certo. E foi! Rafael, quando soube pelo Camboninho que as drogas fizeram parte do passado dele, não titubeou e disse: “no passado as drogas, no presente e no futuro só eu. Não há lugar para mim e as drogas na sua vida”.

Muitas vezes o Camboninho me ligou ou mandou mensagem. Visões holográficas ocorreram, bem como sonhos como forma de manipulação para facilitar uma recaída. A substituição de um vício pelo outro também ronda quem está se livrando de um carma como o vício das drogas. Uma hora é o belo, a forma física, outra é a própria comida.

Tempos depois realizei o casamento deste casal no Terreiro. O primeiro casamento homossexual/homoafetivo em nossa casa. Confesso que me preparei para qualquer piada de mau gosto ou crítica homofóbica. Pena que ninguém falou nada, pois minha explanação era curta e direta: quem não vê o amor entre dois espíritos, vê só o pecado da carne. O que eu vejo entre duas pessoas que se amam é o amor, e isso basta. Todavia, o vício das drogas se arrastava de outras vidas do Camboninho. Veja nosso diálogo, transcrito por ele mesmo:

— Mãe! Tem um espírito aqui em casa, não entendo por que ele está aqui, pois eu estava meditando e rezando para Pai Jerônimo.

— *Meu filho, como é este espírito?*
— *Ele não tem rosto, parece “derretido”, tem a forma de um homem, mas é irreconhecível!*

— *Você sabe quem é este espírito?*

Quando ouvi esta pergunta uma consciência assustadora iluminou-se dentro de mim!

Minha mãe continua...

— *Este espírito estava numa região próxima ao umbral, mas não exatamente lá, quando foi encontrado por um exu que o tirou dali e o levou para um preto velho. Este preto velho cuidou deste espírito, muito deformado pela longa persistência em diversas formas de vício. Num dado tempo levou o resgatado para uma preta velha...*

E assim começou a minha história com a Vovó Benta, com Pai Jerônimo e com Seu Exu Lalu.

Uma passagem deve ser registrada aqui, fechando o relato da história até então desse querido filho neste livro.

Uma pessoa influente na vida do Camboninho lhe chamou para um café. Eu já estava com data do cruzamento de mãe de santo marcada e ele já me ajudava nos preparativos do terreiro. Entretanto, havia uma força contrária que não queria que eu fosse cruzada. Este era o intuito do café. Enquanto as palavras eram manipuladas, no sentido de que o Camboninho me convencesse a não ser cruzada ainda, Seu Lalu, guardião da esquerda do Camboninho, atentamente ouvia a investida que era lançada sobre ele e, como bom guardião, contou para S. Tata Caveira que, por obediência, relatou para Vovó Benta.

Na manhã seguinte ao café manipulador, Vovó Benta vem me contar o plano que estava em andamento. Não aguentei! Passei a mão no telefone e liguei para o Camboninho já questionando o porquê de tal atitude dele. Que eu não aceitaria tal conluio. Minha determinação em seguir adiante era iminente!

O Camboninho ligou para a pessoa e relatou que os exus haviam delatado a conversa entre eles para a Vó Benta e que ela mesma me contou. Para meu espanto a resposta foi que não, que isso não era possível, que provavelmente alguém teria passado lá em Santa Felicidade, bairro onde ocorreu o café, visto ambos juntos e comentado.

Entendo o pensamento cético, mas questiono como é que eu saberia de todas as palavras ditas? Havia então uma escuta ou pessoas altamente capacitadas para segui-los e relatar a conversa em detalhes? Não, foi exatamente assim, os espíritos que contaram.

Passei o dia com o coração apertado, pois o desapontamento com pessoas que amamos nos faz sofrer fortemente. Lembro que liguei para a Mãe Tânia, que não acreditava que isso poderia acontecer e acolheu a minha dor com ternura. Assim que desliguei o telefone a Vó Benta me pediu que escrevesse um bilhete. Como de costume, não questiono, apenas obedeco. Para o bilhete ela me ditou a frase: “o Camboninho vai trazer flores”. Eu não entendi, pois duvidava que ele teria audácia para ir até lá se explicar. Deixei o bilhete em cima da estante da sala e fui trabalhar.

No final da tarde o Camboninho apareceu no meu portão, com um ramo de flores e ervas para me presentear, representando um pedido de perdão. Minha essência não age de outra maneira, abri meus braços e o recebi. Perdoei, assim como a Vó Benta já sabia e esperava.

Entreguei a ele o bilhete que a Vó Benta havia deixado. Ele, pasmo e emocionado, entendeu que realmente existem espíritos e que também é real a comunicação deles com os encarnados.

Vamos sentir esta passagem pelos olhos do Camboninho? Convido-lhe para este embarque!

Todas as mudanças são desafiadoras e causam, nos indivíduos apegados à sua estreita rotina, receio de perder suas conveniências.

Aquela tarde, então professor e aluno se encontram para tomar um café, o aluno queria deixar o ninho, mas não confiava nas suas asas; o professor estava bem acomodado em sua gaiola e não queria ficar sozinho lá; assim, disse ao mais jovem dos perigos de voar por aí, e [o] quanto a fé pode ser arriscada para aqueles que só ela possuem. A nova professora representava, naquele momento, um sonho palpável e abençoado pela espiritualidade. Mas exigia, em contrapartida, o desapegar-se da mesmice e abraçar-se com a Fé.

O aluno tinha fé e inspiração, mas seu medo também era gigante e, assim, por um momento, duvidou de tudo aquilo que mais o inspirava e transcendia aquela encarnação.

O guardião do aluno observava tudo, bastante preocupado e, mais que rápido, mentalizou o guardião da professora que se manifestou num piscar de olhos e este, sem rodeio, transmitiu à grande senhora da missão que o medo sombreava a fé.

A grande senhora, em sua infinita sabedoria e bondade, advertiu a professora — que fundaria sua grande missão na Terra — para que se preparasse para esta inoportuna decepção com seu primeiro aluno; também concedeu ao aluno medroso uma comprovação da

*realidade espiritual e de tudo que estaria por vir.
Ele trará flores! — disse ela.*

Ao aluno que colheu do seu jardim um ramo de ervas e flores como sinal do seu arrependimento, o espanto e a gratidão de perceber que um espírito assistia a dúvida que o invadia e comunicava isso à sua nova mestre por meio de um bilhete, provando de maneira simples e certa a comunicação entre os mundos, o espiritual e o da matéria.



Gira de Umbanda no Terreiro Vovó Benta.

(Foto: Delben Fotografia)

O Camboninho é meu filho Marcos, que foi meu afilhado por muitos anos até que fui cruzada mãe de santo. Então, como meu filho de santo e guardião do coração do terreiro, ele me acompanha e ajuda nossa casa de fé.

Toda esta caminhada que ele traçou nestes anos lhe proporcionou maturidade e experiência para ser pai. Hoje ele é pai de trinta filhos de santo.

Para quem achava que não teria uma família, está bem abençoado! Casado na lei dos homens, na lei de Deus e, ainda por cima, pai!

Que Deus lhe conserve no caminho da luz, meu filho Marcos! Tenho orgulho de sua caminhada e por fazer parte dela.

Ogunhê!

A cura

*A cura começa dentro de cada um,
só assim podemos ajudar!*

Seu Curumataí

13.

Quando estou incorporada vejo e ouço tudo. Porém, é só no momento. Muitas coisas caem no esquecimento já ao desincorporar. Penso que isso aconteça até mesmo para proteger a nossa mente, pois não seria fácil viver todas as dores que por ali no terreiro passam.

Entre tantas histórias, dentro do merecimento, determinação e fé de cada um, vêm as histórias de cura, mas nem todas chegam até mim, e confesso também que sou péssima de memória. Esqueço até mesmo o que acontece comigo, razão pela qual acredito que a Vó Benta me pediu este livro também. Por esta razão eu pedi aos filhos do terreiro que me enviassem relatos de passagens significativas. Não sei como darei conta de eleger, pois são tantos relatos! Aqui vão alguns neste capítulo, não só para evidenciar o quanto Deus é bom, mas para ressaltar que a nossa fé e o primeiro passo são muito importantes. Veja o que Fernanda Moura, transexual, minha filha de santo muito querida, me escreveu. Porém, antes, quero fazer uma observação: qual a razão de eu citar que ela é transexual? Apenas para deixar mais evidente o quanto esta pessoa já teve que galgar e o quanto a sociedade preconceituosa já a fez sofrer. Isso não justifica as suas fraquezas, mas explica muito a sua história.

Em nossa casa há o Grupo de Mútua Ajuda, que combate os vícios com muito amor. Eu estou em todos os grupos do terreiro, pelo menos no WhatsApp, por mais que não consiga participar presencialmente de todos, mas ao menos assim mantenho contato e consigo acompanhar. Num belo dia a Fernanda escreveu no grupo, pedindo apoio, pois naquele exato momento estava pensando em usar drogas. Os amigos do grupo mandavam mensagens de apoio para que ela não fizesse isso e justamente naquele final de semana não haveria reunião por conta do nosso trabalho de praia. O que eu poderia fazer para ajudá-la? Convidei ela para nos acompanhar no trabalho de praia, assim a teríamos mais perto da oração, de Deus e dos nossos abraços.

Leia e reflita comigo, se não é verídico que Deus salva a todos e que além de qualquer corpo, seja masculino ou feminino, há um espírito sedento por amor e evolução? Reflita e veja se o amor não vence tudo!

“Era dia 11 de fevereiro de 2018, fazia apenas dois meses que tinha voltado a morar em Curitiba. Minha mãe tinha me chamado para vir para Curitiba, pois depois de muitos anos morando no ex-

terior, voltei e fui para São Paulo; lá, depois da frustração de estar vivendo uma realidade totalmente avessa àquela que eu vivera, tinha voltado a fugir da minha realidade estressante. As sextas-feiras para mim eram os dias favoritos, pois sabia que ia sair do trabalho e ia beber até não poder mais, sempre acompanhado de muita cocaína. E assim, buscava sexo com desconhecidos, brigas. Eu acreditava mesmo que minha diversão só podia ser beber, me drogar e buscar sexo com gente da pior índole, ou então briga. Já tinha estado internada em 2014 na Europa, pois não conseguia parar com o consumo, e ao retornar ao Brasil esse consumo foi gradativamente voltando e chegou a extremos. Em outubro do ano passado tive o início de uma parada respiratória pelo alto consumo de drogas e álcool. Chegou dezembro e fiquei cinco dias perambulando pela rua me drogando, bebendo, buscando a ruína, como eu mesma disse para todos que me perguntavam o que eu estava buscando. Minha mãe não sabia nem da metade de tudo isso quando me chamou para vir para Curitiba, sabia que eu estava passando fome, passando por dificuldades financeiras, mas a raiz do problema ela soube quando eu cheguei. A data acima é marcante porque minha mãe estava decidida a me levar em um terreiro, e eu que nem em Deus acreditava pouco me importava onde ela quisesse me levar, porém aquele domingo discuti feio com ela, joguei panelas no chão e saí para a rua. Este domingo eu toquei fundo, bebi muito e fui atrás de crack, fumei mais de vinte pedras de crack e fui levada para um AMA por uma ambulância que acabou entrando em contato com minha mãe, e ela, desesperada ao me ver naquela situação, me pediu que eu aceitasse que ela me levasse em um lugar.

Este lugar foi o Terreiro Vovó Benta, no dia 13 de fevereiro de 2018. Lá, ela, desesperada, falou com a Carla, uma médium muito querida da gira de terça, gira do Pai Rafael que foi o meu primeiro encontro com esta casa que mudou a minha vida. Naquela terça S. Arariboia me recebeu com os braços abertos para me escutar, e ele me sentou em um banco e ali chamou todos os caboclos para realizar um trabalho de meio. Me passou um banho de cinco ervas que deveria ser feito durante três luas. Depois daquele encontro nada foi como antes. Logo comecei a frequentar todas as giras, o som do atabaque me enchia de emoção, ver todas aquelas pessoas de branco, a paz e o carinho que sentia cada vez que entrava no TVB foi cada vez mais contagiante. Essa emoção se concretizou quando fui convidada para participar da gira de praia de branco. Quem diria que eu iria

vestir branco tão rápido? Mas foi tanto amor que senti que não podia ser diferente. Sou feliz e grata em me entregar e doar esse amor imenso para a espiritualidade, e também aos irmãos e irmãs que tão maravilhosamente me receberam, e, claro, a todos os pais e mães de santo que sempre souberam dizer uma palavra certa para cada momento que estava passando dessa grande descoberta.

Cada vez mais quero estar no TVB. Logo que comecei a frequentar a marmitta solidária, a Vó Benta me ajudou e consegui um emprego maravilhoso que me possibilita ter meu sustento, como também contribuir com a nossa casa. A Vó Benta sabe de tudo isso que estou relatando, mas é preciso colocar no papel com minhas palavras para que esta emoção e esta fé sejam compartilhadas.”

Tempos depois a Audrey, mãe da Fernanda, e o seu esposo vieram me abraçar e agradecer pelo acolhimento da Fernanda. Eu sempre digo que não precisa agradecer, que apenas amem e façam aos outros o que gostariam que fizessem com você.

Para poder dar mais exemplos das curas, me vali de duas filhas que nos ajudam muito nas giras, com a organização para as cirurgias espirituais. A Fléride e a Isa são duas filhas de santo de Iemanjá, da gira de quinta-feira. Elas fazem a anamnese e acolhem as pessoas que buscam as cirurgias espirituais no terreiro. Assim como são o primeiro contato, normalmente também são o último e podem nos contar melhor sobre as curas. O interessante é que eu mesma acabo conhecendo um pouco mais pelo relato da Isa para este livro, pois como a vida nos consome com tantas atribuições, não consigo, por mais que me esforce, ouvir todas as pessoas que por lá passam.

De forma resumida a Isa nos brinda com os relatos de algumas pessoas. Com o mundo moderno, mesmo estando neste momento no meio da mata, um e-mail resolve a questão. Acompanhe o que ela nos conta:

“A Beoclis de Cesar, nossa irmã do Terreiro Pai Maneco, que teve as fraturas nas duas pernas, colocou parafuso, fez várias cirurgias, foi atendida no TVB e agora, com nove meses após a primeira fratura, já consegue ficar em pé na fisioterapia. Seu Curumataí disse que ainda iria vê-la chegando andando pela porta do terreiro. Nunca esqueci isso, pois ela ficou muito emocionada, e ela sempre lembra as palavras dele quando fala comigo, como se isso fosse um mantra de fé na vida dela. O Arilton dos Santos, filho da Dona Adelurdes, que teve um AVC que comprometeu a visão. Ela fez as cirurgias espiritu-

ais pelo filho, e a cada quinta que ela chegava na anamnese, ela nos agradecia com um abraço carinhoso, nos contando cada melhora do filho, cada vitória semanal. Segundo ela, as entidades tinham salvo o menino dela. E na minha memória, Mãe, tem também a nossa rainha Maria Padilha falando com a Dona Adelurdes na gira, dizendo que ela era protegida da nossa rainha, e que através do trabalho lindo de costura que ela fazia, não ia mais faltar dinheiro para ela, e que todos os problemas iriam se resolver. Foi uma noite linda!

A dona Marli Cadene, que se tratava da coluna/ciático e diabetes, uma senhora muito amorosa, que mesmo depois de terminar os atendimentos, pedia para ir para a maca só para sentir o bem-estar que o atendimento proporcionava. E como agradecimento, ela sempre trazia manjerição para o TVB, para a defumação e marmitta solidária.

A dona Audrey Moura, mãe da Fernanda Moura da gira de sábado. Chegou no TVB para tratamento de angioplastia de cinco anos atrás, que causava dores fortes no peito. Foram quatro atendimentos na maca, e ela diz que não sentiu mais dores. Sempre que está na gira, faz questão de dar um abraço em mim e na Fléride, pois diz que é muito grata por tudo que as entidades fizeram por ela e fazem pela filha também. Uma fofura!

O Márcio Souza Villela, irmão da Juliana Villela, que mora em Brasília atualmente. Ele tem câncer no osso do quadril, que se espalhou por todo o corpo. Foi tratado por muitos meses, mesmo com a família dizendo que ele não tinha chances, e sem acreditarem em nada. Cada vez que ele piorava a Juliana pedia ajuda do Seu Curumataí por mensagem. E sempre foi ouvida mesmo estando longe. A última notícia que tivemos foi que o médico iria mandar o Márcio para casa, pois no hospital não tinha mais o que fazer. Mas nós continuamos colocando o nome dele toda semana para tratamento, como a Juliana pediu. Ela tem muita fé nos guias e é muito agradecida por tudo. Pedi para ela escrever, mas não sei se ela vai conseguir.

O Igor Pinto de Almeida, que buscou ajuda para o problema com drogas, pois queria voltar a trabalhar e ter uma família. Mesmo desempregado, com dinheiro escasso — ele sempre nos contava seus problemas financeiros —, não perdeu nenhum atendimento na maca, e ao final dos atendimentos, nos disse orgulhoso que estava se sentindo forte, que iria superar tudo isso, e que os próximos passos eram o Reiki no Espaço Terapêutico, e depois o Grupo de Mútua Ajuda com o Pai Marcos. Mas ele iria fazer um por vez, pois só tinha

dinheiro para a passagem de ônibus para ir uma vez por semana no Terreiro. A minha sogra, Maria Elma Smiderle, procurou o atendimento, pois tinha pedra na vesícula e o médico havia indicado a cirurgia para retirada. Ela fez três atendimentos na maca, foi atendida no Dr. Leocádio onde ela é médium há mais de vinte anos, e não precisou de cirurgia. A pedra sumiu sozinha.

Gregory Moura, câncer, quando eu comecei na anamnese em julho de 2017 ele já era tratado na maca, e vinha toda semana. Por alguns meses ele sumiu, pois estava melhor e até tinha voltado a trabalhar. No começo do ano ele voltou para o Terreiro pois estava com saudade de todos. Estava forte, saudável e muito feliz. Em abril o câncer voltou, ele ficou internado mais de uma semana. Em junho internou novamente. Agora ele continua o tratamento em casa, tomando medicação endovenosa, e nós o acompanhamos toda semana, colocando o nome no atendimento a distância, quando ele não consegue ir para o TVB.

A Rosana Meretika fez todo o tratamento na maca pela irmã Roseli Meretika, que tinha um nódulo na garganta e a suspeita era câncer. Ela não faltou uma semana sequer. Também pediu ajuda pois a irmã não queria se tratar, dizia que iria morrer mesmo. Enfim... Tratamos as duas na maca, pois a Rosana também às vezes desanimava porque, apesar de todo o seu esforço, a irmã parecia não querer viver. A Roseli acabou fazendo a cirurgia, retirou o nódulo, e algum tempo depois veio ao TVB com a Rosana para ser atendida na maca, e principalmente, agradecer por tudo que recebeu. A Rosana até hoje está na nossa assistência nas quintas-feiras.

Vera Lucia Domakoski, câncer de pele, quando eu comecei na anamnese em julho de 2017 ela já era tratada na maca, e vinha toda semana. Ela é um amor de pessoa. Uma senhora por quem eu e a Fléride temos muito carinho. Além do câncer de pele, já foi tratada pela artrite/artrose também. Muito querida, ela sempre traz bombons para nós nos nossos aniversários. Ela diz que o TVB mudou a forma dela de ver a vida e que a ajuda que ela recebe lá não tem preço.

Obs.: eu sempre brinco carinhosamente com algumas pessoas que atendemos e chamo de “VIP”... Gregory Moura... Marisa Maggì... Vera Domakoski... Eles são atendidos pelo TVB antes mesmo de eu entrar na anamnese, e são as pessoas mais amorosas e fofas que eu conheço. O olhar de gratidão e amorosidade que recebemos deles cada vez que chegam no Terreiro não tem preço, Mãe. E não tem

explicação, eles simplesmente amam o nosso chão sagrado como se fosse a casa deles... E nós enxergamos nesse olhar o agradecimento que eles têm com nossa Casa e nossos guias. É muito amor, Mãe!

Eduardo Thomaz, filho da casa, que foi tratado pela coluna. Foi engraçado. Ele foi a primeira vez, e o Seu Curumataí o mandou fazer o tratamento na maca e fazer academia/exercícios. Algumas semanas depois, ele reclamou que não estava melhorando, e nós levamos a informação para o Seu Curumataí, que falou que ele não estava fazendo os exercícios direito, por isso não melhorava. Quando eu comentei com o Eduardo, ele disse que estava fazendo sim, e a Juliana, esposa dele, na mesma hora desmentiu, dizendo que ele faltava na academia e não levava a sério o tratamento. A cara dele sendo desmentido foi muito engraçada...

Joniza Aparecida de Campos Moura, mãe do Gregory Moura, foi tratada para o estômago e tonturas, e os sintomas não voltaram mais. Januário Dias de Moura, pai do Gregory Moura, foi tratado para problemas renais e os sintomas também sumiram.

A Luana, filha do Fabricio, que foi tratada por um problema ocular no ano passado.

Rafaele Albuquerque, esposa do Antonio, começou a frequentar as macas do TVB em setembro de 2017, ela tinha muitos problemas emocionais. Mesmo depois de terminar os atendimentos ela sempre me dizia: “Isa... eu preciso voltar pra maca. Só lá eu me sinto bem... Tudo some...”. E hoje é filha da casa e sempre fala o quanto é agradecida pela ajuda que o Seu Curumataí colocou na vida dela. É uma fofa!

Ronilde R. Cervi, foi tratada por problemas ortopédicos no ano passado. Cada semana que ela voltava para atendimento, nos agradecia, pois dizia que as dores diminuía muito após a maca. Não esqueço dela, pois era uma senhora muito querida e muito amorosa conosco. Até sinto falta dos abraços que ganhava dela... rrsrs...

Vilma C. Elisio, chegou no TVB muito desesperada, pois há meses tinha um sangramento ginecológico e dores constantes, passando por vários médicos e ninguém resolvia o problema. Lembro dela, pois além de ser uma pessoa simples e querida, o olhar de desespero dela ao ser atendida me marcou. Na semana seguinte, quando chegou na anamnese, já tinha um sorriso discreto no rosto, pois tinha menos dor e o sangramento havia diminuído. E assim foram as semanas seguintes. Seu Curumataí disse para trocar de médico. Ela trocou e não perdeu os atendimentos no terreiro. Após finalizar o

tratamento, ela ainda voltou para nova avaliação, pois ainda tinha um pouco de sangramento. Depois desse tratamento, só a encontro no TVB quando ela vem para a assistência. Não precisou mais da cirurgia.

Iracema da Silva Souza, síndrome de Bell, morava em Guaratuba, mas veio para o Terreiro em busca de ajuda, pois alguém indicou as cirurgias espirituais. Fizemos o tratamento a distância, pois ela disse não ter condições de viajar toda semana para os atendimentos.

Ainda nos relatos de cura que aconteceram em nossa casa, segue a transcrição da história da Bruna Galhardi, enviada pelo Whatsapp, quando ela quebrou o pé:

‘Fui ajudar a vizinha a quebrar um móvel para jogar fora. Coloquei força demais, a madeira quebrou fácil e o martelo marretou meu pé. Eu senti uma dor grande, quase desmaiei. Coloquei gelo na hora, ficou roxo, mas como estava mexendo o dedo achei que não era nada sério e fui pra gira. Senti bastante dor, estava mancando, mas achei que era porque tinha acabado de acontecer.

Cheguei em casa e estava muito ruim. No dia seguinte, meus dedos não mexiam, estava muito roxo. Fui ao hospital e o médico disse que trinquei o peito do pé, dando espasmos nos dedos, e que eu não poderia mexer, mandou ficar de tala 15 dias.

As dores estavam cada vez piores, ele passou anti-inflamatório, remédio para febre e dor. Depois da tala era pra fazer compressa. Aí fui tomar passe na quinta e fui para a maca.

Na maca eu sentia o oriente mexendo no meu pé, alinhando, arrumando, algumas vezes chegava a doer como se estivesse realmente colocando tudo de volta no lugar. Eu jurava que tinham tirado meu gesso e estavam arrumando o que quebrou. Fiquei em choque quando vi que o gesso estava lá ainda. Depois de três cirurgias espirituais, já estava andando normal.”

Atualmente, as giras de quarta e quinta são específicas para as curas, com as cirurgias espirituais. A média de atendimento por semana é de 100 cirurgias, totalizando 400 por mês, mais de 4.000 por ano. Os médiuns são todos preparados e com experiência para a perfeita comunicação com o espírito. Não se trata de consulta verbal, o doente deita na maca e se entrega ali com seus pensamentos para a cura divina. O espírito ali presente em cada maca trabalha os pontos necessários. Seu Curumataí, ao meio do terreiro, acende o fogo sagrado com a sua reza pataxó e, com palo santo, expurga as mágoas

e decepções que caem das macas. Entretanto, essas mazelas que escorrem das macas só são possíveis quando os doentes que ali estão se perdoam, perdoam a quem precisa e também pedem o perdão.

Quando abrem seus corações para Deus e aceitam sem ira o aprendizado necessário. A doença muitas vezes é tão somente um alento de Deus para caminharmos de forma salutar para a alma. Isso eu mesma vivi aos 17 anos, com o tumor ósseo na coluna cervical. Aprendi com o câncer na tireoide que a doença tem o nome mais pesado do que ela pode ser, pois uma diabete ou pressão alta pode matar mais rápido que um câncer se não tiver cuidados. Entendi acompanhando pessoas que amo que o HIV não é uma sentença de morte, como também entendido em relação ao câncer. Vi espíritos sedentos de vida aceitarem a boa morte abnegando a matéria com entendimento e sensatez.

Há muitos relatos de cura, muitos mesmo. Porém, uma dor eu carrego dentro de mim. Deus está sempre muito próximo de nós. Quando as pessoas chegam enfermas no terreiro, elas se aproximam do sagrado, clamam por Deus e sentem ele perto, obviamente. Aí vem a cura... E em seguida, o distanciamento de Deus. Quando será entendido que Deus não deve ser “acionado” somente pela nossa conveniência? Espero ainda ver a maioria das pessoas chegarem no terreiro por amor e não pela dor.

Aqui me permito inserir outro relato, da minha filha Caroline Dietrich. Viaje comigo nas palavras dela:

“Conheci a Umbanda em 2015, a princípio por pura curiosidade, já que não me considerava integrante de qualquer religião ou crença específica. Minha ligação em si era com a espiritualidade, buscava conhecimentos sobre xamanismo, práticas de meditação e autoconhecimento. Nunca havia me sentido em casa em qualquer instituição religiosa, pois meus questionamentos eram silenciados e meu coração acabava por não vibrar forte o suficiente. Apesar disso, sempre carreguei a fé no divino, na natureza que me cercava, e nos protetores que não conseguia enxergar (com os olhos, apenas), e este foi meu alicerce durante a luta contra a depressão e a ansiedade, que foram diagnosticadas aos meus 16 anos. No ano de 2015, recebi o convite de uma amiga querida para ir ‘tomar um passe’. Aceitei. Este passe seria dado no Terreiro Vovó Benta.

Lembro que cheguei no local meio ressabiada, mas me sentindo feliz com o cheiro que vinha do fogão a lenha, das ervas queimando, do som dos tambores e do sentimento de paz no momento de passe.

Pouco tempo depois, um parente anunciou que começaria a trabalhar em um terreiro de umbanda e, aproveitando a oportunidade, comecei a acompanhá-lo e a participar da assistência daquele local, que muito me auxiliou. A questão é que conforme o tempo passava, ia me sentindo cada vez mais incomodada em ficar do 'lado de fora', recebendo auxílio sem também poder prestar apoio a quem necessitasse, e paralelamente a isto, as crises de ansiedade estavam se intensificando, juntamente da instabilidade durante o sono e pesadelos que me acompanharam por anos.

Passei o ano todo procrastinando em pedir permissão para participar da gira, por falta de coragem, receio e dúvidas, mas, por algum motivo, sempre que insinuava dar o primeiro passo, algo acabava não dando certo e assim precisava adiar a minha decisão.

Um dia (início de 2017), saindo de casa para tomar um passe, como sempre fazia, veio repentinamente a intuição de que deveria mudar de rota e ir até o Vó Benta. Quando questionada sobre o motivo da mudança, respondi com sinceridade: não sei. Mas assim fui.

Lá chegando, senti uma energia muito forte que se estendeu durante todo o rito, e assim que foi permitida a nossa entrada ao meio para receber o passe, me posicionei e fiquei admirando o Congá, ao mesmo tempo que esvaziava a mente e fechava os olhos. De repente alguém me diz a seguinte frase: 'nós não estamos aqui à toa'.

No mesmo instante comecei a olhar para os lados procurando rapidamente de onde vinha aquela voz, e percebi espantada que não havia ninguém perto o suficiente. Fiquei também intrigada, pois a voz soou como se tivesse entrado por ambos os ouvidos e ressoado direto dentro da minha cabeça.

Durante todo o passe fiquei tentando entender o que aconteceu, olhando para as pessoas ao meu redor, mas não com um sentimento de medo, e sim de identificação, de pertencimento. E assim que a primeira parte finalizou, fui direto à secretaria perguntar como proceder para fazer parte daquela corrente, daquela casa. E aqui permaneço, e desejo permanecer, e cada dia sinto mais gratidão e amor por cada um dos guias que nos ampararam, pelos dirigentes da casa, irmãos da corrente e pelas pessoas que sempre estão conosco na assistência. Sinto que muitas vezes, nesse período, os guias me fizeram confrontar situações na vida pessoal que antes me recusava a enxergar, e isso fez com que tudo mudasse de lugar.

Hoje me sinto mais forte e tranquila ao perceber que cada passo foi necessário, que toda dor trouxe um aprendizado e que o maior

presente é poder ter todos os dias a chance de ser uma pessoa melhor, sempre com o amparo da luz divina e seus trabalhadores. Que doar é muitas vezes mais gratificante que receber e que pedir forças ao invés de pedir que os problemas desapareçam é de extrema sabedoria. Saravá, hoje e sempre.”

Diante do sorriso feliz de alguém o nosso coração se enche de alegria e sorrimos também. É assim que entendo a caridade. Não é doar o que te sobra, isso para mim é resto. É doar em prol do bem do outro. Muitas vezes os médiuns de um terreiro acreditam que estão estagnados, que a vida no terreiro não está em progressão. O que é um grande erro. Nenhum de nós está lá para evolução de função ou cargo, estamos lá para doar nosso amor, corpo e dedicação para os trabalhos dos espíritos. Claro que eles irão atender aos que procuram auxílio, mas nós de mesma maneira somos atendidos em conjunto e de quebra ainda saímos com esta sabedoria!

Um médium sério é muito abençoado. Não usa da sua mediunidade para obter ganhos, não usa dos espíritos para inflar o próprio ego. Apenas doa o que tem e os espíritos não têm: seu corpo. E nesta troca amigável o espírito trabalha e ensina seu cavalo ao mesmo tempo.

Se todos os médiuns do Terreiro Vovó Benta pudessem ouvir o que já ouvi nestes seis anos da nossa casa... Certamente teriam mais amor e preparo até na colheita das ervas para o banho durante o preceito para a gira. Nenhum movimento seria automático, nenhuma vela seria acesa a esmo e nunca um abraço seria negado ou um sorriso preso.

A prática mediúnica é a troca perfeita, aprendemos com a sabedoria dos espíritos através da doação do nosso corpo. E repito, esta é a única coisa que os espíritos precisam, do nosso corpo para poderem materializar suas palavras e ações. Temos ótimos professores, mas somos bons alunos? Está aqui uma boa reflexão para todo médium umbandista. Mas ainda seguindo os relatos das curas, quero aqui ressaltar que nem toda cura é física, ela também pode ser emocional ou, ainda, dos pensamentos. Vamos juntos entender a cura que a Gisele Rocha, minha filha de Oxum da gira de quinta, nos relata:

“Tudo começou quando eu estava grávida do Matheus. Eu e meu marido Alan não estávamos em uma fase muito boa, não estávamos nos entendendo. Ele estava em busca de algo que eu não conseguia entender. Nesse tempo ele procurou o Santo Daime, até chegar ao Terreiro Vovó Benta.

Por muitas vezes eu rezava para que Deus iluminasse a cabeça dele e tirasse ele dessa vida porque na minha cabeça era algo ruim. Nós continuávamos afastados, parecíamos dois estranhos morando na mesma casa e eu sofrendo muito no começo da gestação. Ele falava que um dia gostaria que eu fosse para conhecer, eu fui prorrogando, até que chegou um dia que não tive desculpas e ele me ‘carrregou’ junto. Isso foi em abril de 2017, estava com 4/5 meses de gestação. Fui muito apreensiva, preocupada com o que encontraria por lá. Alan fez eu participar de tudo, passe, cura e consulta. Por mim não teria saído da cadeira.

Era dia de cigano, na consulta falei que tinha ido por causa do meu marido, que não entendia o que estava acontecendo, que tínhamos nos afastado, que estava grávida e que estava tudo estranho entre a gente. Que não sabia e não entendia o que ele tinha ido buscar lá. Minha resposta foi de que a gravidez, o bebê, vem com uma vibração diferente da nossa (pai e mãe) e que com o tempo essa vibração se alinharia. Que era pra eu ter paciência com meu marido e que, principalmente, eu não precisava entender as coisas, apenas sentir. Foi o que comecei a fazer, comecei a sentir as coisas e não procurar tantas respostas. Saí da gira com uma tonelada a menos nas costas. O pouco que tinha visto da Umbanda naquele dia tirou todo aquele “preconceito” que tinha da religião. Passei a ver com outros olhos e [fiquei] cada dia mais curiosa por entender como funcionava tudo.

Seu Gabriel Machado é o melhor amigo do meu pai e um dia tive oportunidade de conversar com ele, pois sabia da história da Edilene. Assim ele me ofereceu uns livros dela que falavam sobre a Umbanda, e comecei a ler e me interessar cada dia mais. Junto com tudo isso, eu e o Alan começamos a fazer o Reiki no Santuário Vovó Benta, fizemos um mês juntos e foi muito bom.

Fui sentindo a nossa energia se equilibrando. Fui me sentindo melhor e quis continuar, convidei minha mãe e começamos a fazer juntas, por mais um mês. Nesse meio tempo comecei a ter sangramentos na gestação e um dia conversei com a Dona Fléride para fazer a cura na maca, nas quintas-feiras, e ela foi super querida comigo e comecei a fazer. O tratamento durou umas seis sessões e ocorreu tudo bem, o sangramento parou e a gestação ficou mais tranquila.

Eu e o Alan nos aproximamos e não faltávamos em nenhuma gira de quinta. Um pouco antes do Matheus nascer, eu pedi para a Dona Fléride para ir para a cura na maca de quinta e fiz mais algumas sessões até ele nascer. Voltei para o Reiki também, fiz até um dia an-

tes do Matheus nascer. Eu era outra Gisele, com outra energia, disposição, alegria, paz interior. O parto foi muito tranquilo, tivemos que fazer cesariana porque a bolsa fissurou e não tive contração e nem dilatação, mas foi tão tranquilo que faria mais outros dez partos assim, não sofremos nada. E assim veio o Matheus para completar nossas vidas.

Durante o tempo de resguardo não via a hora de voltar para a gira. Parecia que estava faltando algo. Antes do Matheus completar um mês, nós, eu e o Alan, resolvemos ir com ele. Colocamos algodão no ouvidinho dele e fomos. Conversamos que observaríamos a reação dele para saber se continuaríamos levando.

Para nossa surpresa foi tudo mais que tranquilo, Matheus dormiu até com batiques mais altos e ficou super bonzinho. Continuamos levando ele toda semana, tinha pessoas que achavam absurdo a gente levar tão novinho, mas no nosso coração a gente sabia que ele estava bem, que ele já estava acostumado desde a barriga da mãe, então aquilo não era novo pra ele, além do que fazia bem para toda a família estarmos juntos ali.

Foi um lugar que nos recebeu muito bem, que nos aproximou, eu e meu marido, nos transformou em pessoas melhores, então por que não ir? Em uma das giras levamos o Matheus para a Vovó Benta abençoar e foi lindo.

Outro dia especial foi quando Matheus começou a chorar e Seu Curumataí pediu para eu levar até ele. Quando o entreguei aos braços de S. Curumataí ele parou de chorar na hora. S. Curumataí fez a apresentação dele, ergueu ele em seus braços, abençoou e nos devolveu. Foi muito lindo e emocionante esse dia. Depois disso ele ficou quietinho.

No fim do ano de 2017 o Alan recebeu uma 'intimação' para entrar para a corrente. Conversamos e decidimos entrar juntos no começo de 2018, pois as giras se tornaram um dos momentos mais próximos nossos e não queríamos perder isso, queríamos continuar próximos. Com isso ganhamos mais amigos e mais carinho das pessoas. Uma pessoa em especial, a Isa, nos recebeu muito bem, principalmente ao Matheus. Ela se apegou muito e cuida do nosso menino com muito amor.

Um episódio que me marcou foi no dia das mães, fui dar feliz dia das mães pra ela e depois perguntei se ela era mãe, ela olhou e disse que gostaria muito, mas que ela não podia ser mãe e que estava na fila da adoção. Meu coração apertou e me coloquei no lugar dela, imaginei quão difícil deve ser para ela e entendi o porquê dela ser

uma pessoa tão especial para o Matheus. Desde esse dia faço questão que ela o pegue, que amasse, beije e passeie com ele. Fico feliz em saber que posso deixá-la um pouco mais feliz com a presença do Matheus, e ele a adora também. Além da Isa, muitos tratam ele com muito carinho, ficamos muito felizes com isso.

Até hoje faço ele dormir com as músicas do Reiki, em casa cantamos os pontos e ele fica querendo acompanhar. Somos muito abençoados, Matheus é um neném super bonzinho, sociável, carinhoso e muito inteligente. Aprende as coisas muito fácil, interage muito com as pessoas, e agora, com dez meses, começou a andar. Ninguém segura mais. Em nossa última gira ele foi até os atabaques e ficou um tempão parado olhando, quem sabe não teremos um ogã vindo por aí?

Resumindo: a Umbanda apareceu em nossas vidas em um momento difícil e transformou cada um de nós, nos tornando pessoas melhores. Somos gratos pela forma como fomos recebidos e por todo carinho que recebemos. Hoje vejo a religião de forma completamente oposta ao que eu imaginava ser, tenho até vergonha de ter sido tão preconceituosa. Hoje me esforço para que as pessoas ao meu redor entendam o que é realmente a Umbanda, o bem que ela traz para as pessoas, e de alguma forma tirar esse ‘preconceito’ impregnado em nossa sociedade. Enfim, só temos a agradecer por todas as bênçãos em nossas vidas, e que o Matheus cresça nesse ambiente cheio de amor e acolhimento ao próximo. Gratidão!”

Uma questão interessante é a relação da Vovó Benta e do Seu Curumataí com as crianças, mesmo na barriga das mães ainda. O carinho e a dedicação são com todos, mas confesso que sinto atenção especial com as crianças e os idosos.

Vou relatar uma passagem rápida, da minha filha Carla Braga. Casada e com o coração pulsando para ser mãe, ela me pediu uma consulta com a Vó Benta. A Vó a atendeu e disse que em breve ela seria agraciada. E foi! Alegremente veio me contar a notícia da gravidez. Passaram algumas semanas e ela pediu novamente a consulta com a Vó Benta, mas desta vez era para agradecer as semanas que se sentiu mãe, pois perdeu o bebê dias antes. Na consulta a Vó Benta olhou com ternura pra ela e riu, soltou um riso maroto e disse que eles só estavam preparando o forno, que o neném vinha, era só aguardar. Um mês depois ela estava grávida. Toda a gravidez foi abençoada e o menino Samuel esbanja saúde correndo pelo terreiro.

Outra criança também muito abençoada é a Isis. Relação estranha

que vou tentar fazer você entender, querido leitor. Tente me acompanhar. A Isis é filha da minha filha de santo Roberta de Iemanjá, que é filha da minha filha de santo Denise de Ogum. São três gerações, todas minhas filhas de santo. Tem como não olhar para as três juntas ao lado do Vô Elcio, que também é meu filho de santo, todos de branco no terreiro, e não se emocionar? Mas não acabou aí. O Luiz Aguilar, irmão da Denise, também é meu filho de santo. A Fernanda, que é filha da Denise, também é minha filha de santo... Que é mãe da Maria Eduarda, também minha filha de santo. Ou seja, também mais três gerações, dentro da mesma família, orando aos orixás em conjunto.

A responsabilidade na direção dos trabalhos é sempre imensa, pois qualquer impacto negativo na vida dos médiuns seria um grande desastre. Como uma bola de boliche, pode destruir a fé ou até mesmo famílias. Por isso sempre digo que não se brinca com o sagrado. E eu sempre digo também que o Terreiro Vovó Benta é uma grande família, composta por famílias. Temos as separações das giras por dia da semana por não comportar todos ao mesmo tempo no espaço, senão assim seria!

Vamos ao relato de nascimento da Isis que envolve essa linda família. O relato é feito pela Denise, avó de Isis:

“Após uma gravidez cheia de riscos, mas de muito amor da nossa parte, minha filha, aos 25 anos, entrega sua bebê para a afilhada de um espírito, chamada de Vovó Benta.

Por ser parto de risco estávamos acompanhando com uma especialista na área de obstetrícia, Dra. Janaina. Sugestivo nome para uma filha de Iemanjá. A Dra. é pastora evangélica, e sempre orientadas pela nossa amada Mãe Lilian, chegamos a 38 semanas.

É marcada a cesárea, que teve que ser remarcada para três dias adiante, por necessidade da equipe especializada. Era para ser numa terça, e foi remarcada para sexta.

Ao encontrar-me com nossa Mãe Lilian na quinta-feira, ela me olhou e, com muita firmeza, me disse: “NÃO PODE PASSAR DE SEXTA”, e me deu seu carinho, como sempre.

Hora do parto: 07 horas e 30 minutos. Eu com crise de labirintite, mas lá firme, junto com a Roberta na sala de parto, da maternidade Nossa Senhora de Fátima, dia 24 de fevereiro de 2017.

Ao ser retirada da barriga da mãe, a pequena Isis estava cianótica e sem respirar. Os médicos falam cianótica, eu vi pretinha mesmo e toda mole.

Já tinha feito minha prece e chamado pela Vó Benta, porém, pedi

novamente ajuda da Vó. Após feitas as manobras de ressuscitação por duas vezes, me chamaram. Ela estava com auxílio de oxigênio, mas estava viva. Segurei a mão da minha neta Isis, chamando-a pelo nome, e prometi que lutaríamos juntas.

A explicação médica para o acontecido foi que ela tinha duas voltas do cordão umbilical, em enforcamento. Um milagre me foi concedido pela intercessão de Vovó Benta, junto à Nossa Senhora, pois cheguei a ver a sua mão a segurar o cordão. Agradecer como? Apenas auxiliando com nosso amor.

Saravá.”

Confesso que as curas, livramento e libertações me emocionam. São uma das grandes graças que vejo comumente no terreiro e me fazem sorrir, me fazem querer estar lá toda semana!

Um susto grande que passamos foi com o meu filho de santo Sérgio de Xangô. Filho aplicado com suas responsabilidades como médium, e também como terapeuta no voluntariado do terreiro.

Quis o destino lhe chamar a atenção para a vida e, num fatídico dia, num acidente de trabalho, ele caiu de uma altura de dez metros e seu corpo sofre fraturas graves. Como gosto de sentir pelo coração e sentimentos do outro, vamos ao que o Sérgio tem a nos dizer:

“Tudo começou com um convite de um amigo para conhecer o terreirinho da Vovó Benta. Como consulente, senti uma energia maravilhosa, uma luz suave e cálida, que fez meu coração se elevar para um amor infinito e se encher de serenidade e paz. Envolvido com sentimento de fé, dúvidas, obstáculos de crenças, comecei a busca de conhecimento dos orixás. Após um ano no TVB, já na sua casa grande, senti que era o momento. Filho de Xangô com determinação, começo forte, início na corrente na casa abençoada, um novo ciclo na minha vida, cantos, vibrações, congá, arrebatado com bondade, servidão aos vivos e aos que já se foram; minha fé na casa só crescia.

Quando, em um dia sombrio, sofri um acidente de trabalho onde achei que era o fim da minha vida terrena; uma queda de dez metros de altura causando fraturas nos dois pulsos, na mão direita, no fêmur na altura do quadril, e na altura da coxa com fratura exposta; deixaria minha amada esposa, minha família e amigos. No momento passava tudo em pouco tempo, minha vida parecia tão curta, em poucos segundos um véu de equilíbrio pairou e dizia que não era a hora. Uma onda que acalentou meu coração e alma; sim, eram

os meus protetores, mentores (orixás) que estavam ali ao redor me ajudando com uma energia forte.

No hospital, depois de horas de cirurgia, minhas primeiras visitas: Mãe Lilian e Pai Wilhiam, e uma enorme presença dos Guias Espirituais que têm sempre uma palavra de alento e conforto. Vibravam energia dos irmãos de corrente do TVB.

Na gira de cura em uma quinta-feira, o caboclo chefe senhor Curumataí orientou que minha cura seria a distância, uma experiência de muita gratidão. Num dia de oriente, como se eu estivesse presente naquele chão sagrado, representado por uma amiga de corrente, senti a transferência de todas as dores e quebras que estava sofrendo naquele dia. Recebi a graça de me concederem suas benzeduras, foram benevolentes e iluminados. Todos os trabalhos feitos por meses, com a presença dos doutores, xamãs, caboclos, pretos, crianças, entre outros, proporcionou perseverança, esperança e uma reflexão de nossa própria natureza e, principalmente, gratidão.”

Uma história que me comoveu muito em ver o sofrimento de minha filha de santo foi a da Paula Andriguetto. Ela queria muito ser mãe novamente, pela terceira vez. A segunda gravidez tinha sido de altíssimo risco. A notícia da gravidez, o susto, o medo, as orações, tudo acompanhei. E por mais que os espíritos me avisem que tudo está protegido e abençoado, meu coração se ampara, mas como amparar o coração do outro? Minha vontade era tirar a sua dor com as mãos, mas como não é possível, rezei pelo seu equilíbrio, uma vez que a gravidez já era abençoada por Deus.

Veja que história linda da Paula, minha filhota de Oxóssi, com a sua filha Maya!

“Quando descobri que estava grávida, tive várias surpresas já no início da gestação. Na minha primeira ultra recebi a notícia de que seria mãe de dois bebês, porém um dos bebês havia parado de se desenvolver... Naquele momento recebi a notícia tranquila e agradeci pela vida do outro bebê, que crescia bem e saudável.

Duas semanas depois repeti a ultra e tivemos a surpresa de que o bebê que havia parado de desenvolver havia dobrado de tamanho, porém continuava sem os batimentos cardíacos. Até então, os médicos acharam que poderia ser um inchaço natural. E com o bebê saudável estava tudo ótimo...

Três semanas depois repetimos a ultra para acompanhar e foi

quando nosso mundo caiu... Eu estava de 14 semanas de gravidez, e recebemos a notícia de que o bebê que não estava se desenvolvendo recebia fluxo de sangue através do cordão umbilical do bebê saudável, que crescia bem e em perfeitas condições.

Então ficamos sabendo que esse bebê que não tinha os batimentos cardíacos, crescia e se movimentava com a ajuda do outro bebê, porém não tinha chances de viver fora do útero, pois não tinha o coração e alguns outros órgãos. Ele era chamado de bebê acárdico, onde o bebê saudável sustentava a 'vida' desse bebê. Para mim foi um grande choque, porém, a notícia que não queríamos ouvir estava prestes a chegar...

Na consulta com o obstetra, ele nos disse que nosso caso era grave e de grande risco, e que as chances de eu levar essa gravidez adiante eram apenas de 50%, pois era um caso muito raro (1 em 50.000), e que as únicas chances do bebê saudável continuar bem, era se ele parasse de enviar o sangue para o outro bebê, pois com o tempo o bebê saudável poderia ficar sobrecarregado em 'trabalhar por dois'!

Falei ao médico que eu ia ficar bem e que eu acreditava muito que nós iríamos conseguir. O médico foi duro comigo e disse para eu não criar muitas expectativas, pois era praticamente impossível esse fluxo parar sozinho, apenas se eu fizesse uma cirurgia para cauterizar o cordão umbilical do bebê acárdico. O medo tomou conta, pois me senti muito mal em fazer uma cirurgia e interromper uma vida, que, mesmo com suas limitações, era um bebê. O médico disse: vai para casa, leia sobre, pense e em três semanas teremos que decidir, sua decisão será importante para salvar a vida do bebê saudável. Falei para o Doutor que não iria ler nada, que estava nas mãos de Deus e que eu não ia fazer cirurgia alguma.

O médico ficou preocupado com minha reação, pois sabia que se eu não mudasse de ideia poderia perder os dois bebês.

Saindo de lá, em pânico, pedi para o Marnon, meu marido, me levar na casa da Mãe Lilian, minha mãe de santo, amiga, psicóloga e conselheira. Chegando lá ela já viu minha carinha triste e perguntou: 'o que você tem, minha filha?'.

Chorei e contei tudo para ela, e ela me disse que era para eu ter coragem que tudo iria dar certo, e que esse bebê acárdico veio apenas com a missão de acompanhar o outro bebê por um tempo, e que se eu precisasse fazer a cirurgia eu teria que fazer, pois eu não estava interrompendo uma vida, e sim ajudando a vida do outro bebê.

Saí de lá um tanto aliviada, mas foram quatro semanas até a pró-

xima ultra. Nesse tempo descobri que seria a mãe da Maya, pois na ultra onde descobrimos o bebê acárdico, também conseguimos ver o sexo do bebê, porém, ele foi apenas revelado na noite de Natal, através do bolo da Mãe Lilian.

Quando recebemos o bolo, recebi dela algumas mensagens que me trouxeram esperança:

‘Fiz com muito amor... Cada pezinho modelado de açúcar foi feito em oração, e sei que ela estará conosco, linda e cheia de saúde. Curta muito, filha, e não deixe a preocupação tomar o lugar da alegria da gestação!’.

Depois de todo esse amor consegui respirar um pouco; em alguns momentos as preocupações eram inevitáveis, isso era refletido através dos meus olhos! Puxa, mais uma gravidez de risco!

Nesse momento já sabia tudo sobre a cirurgia fetal e seus riscos, já sabia o alto custo (60 mil reais), e sabia que teria que ir para São Paulo realizar, pois existe apenas um médico no Brasil que faz esse tipo de tratamento.

Nessa espera de quatro semanas, confiei, entreguei, aceitei e agradei a todos os meus Guias, que sabia que estavam comigo e que não iriam me abandonar nessa hora.

Orei, meditei, fiz cirurgias espirituais, tomei passe, dei passe, trabalhei no meu Santuário, conversei com mães que tiveram as mesmas histórias que a minha — algumas histórias de sucesso e outras de tristeza —, me encorajei, lutei, pedi proteção e segui em frente... Me sentia curada!

Com 17 semanas, o dia tão esperado chegou, dia de ultra, onde todos que sabiam da realidade da minha gestação estavam ansiosos como eu... Nesse dia descobrimos que o bebê acárdico desenvolveu muito pouco e no exame de Doppler, que avalia o fluxo sanguíneo, aparentemente não chegava mais sangue para ela. Sim, ela, pois seria a cópia da Maya, já que seriam gêmeas idênticas que dividiam a mesma bolsa e placenta.

A alegria tomou conta, porém meu médico, ainda cheio de receios de me criar esperanças, disse que iríamos confirmar que o bebê acárdico havia realmente parado de desenvolver com 21 semanas.

A ultra de 21 semanas chegou, a mais detalhada, quase uma hora dentro da sala, onde cada movimento e ossinhos da Maya foram medidos, e a notícia mais esperada:

‘Mamãe, realmente o fluxo de sangue parou naturalmente e sua gestação segue normal, e quanto ao bebê acárdico, ela será uma

companhia para a Maya até o final, mas não afetará mais nada em sua gestação.'

É claro que eu tenho que comemorar e vibrar por isso, pois as emoções que vivi nesses últimos cinco meses foram muitas... Vi que sou capaz sim, que sou forte para superar as dificuldades e que a minha fé pode sim 'mover montanhas e pensamentos negativos'.

Escrevo esse 'textão' não apenas para dizer o que se passa ou se passou na minha vida nos últimos cinco meses, mas para que todos acreditem e tenham fé, que mesmo em situações difíceis, o impossível — diante dos olhos humanos — pode acontecer. Devemos acreditar e nos entregar aos nossos Guias e amigos espirituais.

Se eu seguisse qualquer outra 'doutrina' ou 'religião', cristã ou não, nesse momento eu estaria dando um 'testemunho de milagre', o qual anos atrás eu dei e falei sobre a vida da minha filha Ayla.

Hoje, como umbandista, venho fazer o mesmo, e dizer que eu alcancei a 'cura'. Tenho que agradecer pela coragem que meus Guias me deram, pelos bons pensamentos, energias recebidas, as terapias em meu templo, minha casa e no Terreiro Vovó Benta, pois ali encontrei a força e o amor dos Guias e irmãos para nunca desistir.

Que a minha pequena venha ao mundo cheia de saúde e que juntas possamos caminhar nessa grande missão. Ah, e quanto à outra bebê, já sei que o tempo dela em meu ventre materno foi cumprido e que ela hoje é um espírito que estará sempre ao nosso lado, nos iluminando e protegendo.

Salve a Umbanda. Salve a Mãe Lilian Maria Dallastra, que soube me orientar como filha. Salve Seu Curumataí, Caboclo do Mar, Seu Zé Pelintra e todos os outros Guias de amor e luz... Senti a energia de cada um nesse processo de amor e cura!

Salve meu Pai Oxalá, o Rei dos Reis, que permitiu todo esse amor e cuidado! Gratidão!"

Como se não bastasse a história da Paula Andriguetto e da Maya, ainda tem várias. Porém, para não estender o livro com tantas histórias parecidas, vou contar mais uma, mas também através dos olhos e coração de quem sentiu na pele! A história da Ale Mello e seu filho Theo.

"A vida é um grande palco, onde somos protagonistas de um espetáculo grandioso chamado aprendizagem. Todos os dias um capítulo novo faz com que a história continue melhor, ou pior, mas nunca igual. E dentro desse roteiro, existem nossos sonhos, que são

projetos ainda não concretizados, mas que queremos escrever nesse script da vida, para que nossa felicidade seja ainda maior, pois o desejo comum a todo o ser humano é um só: a felicidade.

Eu sonhei... Sonhei um sonho lindo, de mulher, esposa e mãe! Sonhei ter um novo filho para encher meu ventre, minha casa e minha vida dessa felicidade que a gente tanto procura. Escrevi no meu script, coloquei no meu roteiro esse sonho que parecia ser impossível.

E ele veio, um pequeno milagre que nos foi concedido, através da cura de um problema de infertilidade, em uma cirurgia espiritual na casa da Vó Benta! Sempre soube que não iria pegá-lo no colo, mas guardei essa angústia comigo, pois temia parecer pessimista.

Fui a única a ouvir seu coração batendo e a ver seus pequenos movimentos num exame de imagem, pois se houvesse algo errado, não queria que ninguém soubesse. Estava tudo bem e respirei um pouco mais aliviada, mas não o suficiente para comprar um sapatinho, uma roupinha ou algo que fosse.

Sabia que não poderia me apegar, nem me iludir. Aquilo não era meu, não me pertencia, estava apenas por um tempo comigo. Um tempo que eu não sabia quando iria acabar, até que houve aquele pequeno sangramento, no dia 07 de junho de 2015. Aí eu soube que tudo estava chegando ao final.

E aquele pequeno anjo se foi da mesma maneira que veio. Sem nenhuma razão lógica que pudesse explicar o que aconteceu. Mas ele era especial e eu sabia disso, da sua grandeza, da sua luz, e passei a me sentir a mãe mais feliz do mundo, por saber que gerei um espírito evoluído, tão evoluído, que não precisou encarnar nessa Terra e nem passar pelas provações do corpo para melhorar. Era puro... Puro amor, pura luz! E no dia que me despedi dele, reclamei do abraço que não seria possível!

Porém, dias depois eu vi mais um milagre acontecer bem diante dos meus olhos, durante uma gira no TVB: meu querido pai, Seu Curumataí, tentou consolar meu coração tão machucado e me explicou que esse espírito tinha vindo apenas para me fazer o bem e que eu não podia sofrer por ele, porque o meu sofrimento estava lhe fazendo mal.

Pedi pra que eu preparasse meu coração e esvaziasse toda minha tristeza acendendo uma vela aos pés da Vó Benta... Quando acendi a chama de luz, numa vela de um guerreiro de Oxóssi, fruto de uma homenagem a Paulo Pena, que havia recém-desencarnado, ouvi um som surdo de alguém caindo atrás de mim...

Imediatamente soube o que era e quem era! E não era apenas um médium, não era apenas um simples Erê que estava ali! Mas não quis ser traída por minha mente, por minhas emoções ou por minha imaginação... Mas o toque da mão de S. Curumataí no meu ombro confirmou o que o meu coração de mãe já sabia.

E ele disse: — Seu filho está aqui!

Olhei e vi aquele pequeno ser se contorcendo no chão e era claro o seu sofrimento! Ele sofria com o meu sofrimento, e isso bastou para que meu coração de mãe fizesse o certo!

O abracei, lhe pedi perdão, lhe entreguei toda a luz que era possível, juntamente com o meu amor e minha gratidão, e o deixei partir! E tudo se iluminou enormemente e ele se foi.

E então o meu coração se aquietou, com a certeza de que tudo se cumpriu da maneira que tinha que ser e de que não há por que chorar nem lamentar, somente há motivos para agradecer.

A vida encenou mais um belíssimo capítulo e contracenamos unidos na luz divina do amor! Quem tem fé, tem tudo!

E então, no dia 22 de setembro do mesmo ano, no cantinho da Vó, lugar sagrado onde curei meu coração doando todo meu amor na preparação da marmitta solidária, recebi a notícia de que estava grávida do Théo — do grego, Deus —, que é uma homenagem ao milagre que esse chão, juntamente com nossa fé e merecimento, nos colocou nos braços com tamanha amorosidade!

Gratidão sem fim à luz da Umbanda!”

E com este relato de mais uma amorosa mãe, prefiro encerrar este capítulo. Em minha caixa de e-mails tem pelo menos mais trinta relatos, os quais também emocionam e são tão importantes quanto estes.

Como último parágrafo, desejo apenas que, se você passa por algum momento difícil ou acompanha alguém que passe por isso, lembre-se que o amor vence tudo e que Deus não desampara ninguém. Que a morte é uma libertação quando chegada a hora e que desta hora só Deus é sabedor. Que a cura inicia na sua fé com o perdão solicitado e também dado. E que acima de tudo, nunca, nunca mesmo, estamos sozinhos. Todos os nossos ancestrais, espíritos que desencarnaram há pouco tempo, todos eles vibram por nossa evolução espiritual, mas cabe a nós o primeiro passo!

Saravá à cura!

Saravá à libertação!

Saravá à vida, dentro e fora desta dimensão!

Curumataí: índio guerreiro

Por que você respira?

Seu Curumataí

14.

Muitas vezes as entidades nos surpreendem durante a gira. Como médium preparada para qualquer situação na gira, na verdade não esperamos por nada, apenas deixo o corpo à disposição para que os espíritos possam atender a todos. E assim foi mais uma gira de sábado no Terreiro Vovó Benta. Passado o ritual, S. Curumataí chegou da maneira oponente ao desânimo e à tristeza, como sempre. Digo oponente, pois jamais senti ele chegar triste ou desanimado. Ao contrário, sua força de vontade em trabalhar, em ajudar, é o combustível que eleva a força no terreiro. Sua chegada faz o chão vibrar e os atabaques parecem flutuar nos quatro cantos, ecoando a força de Ogum. Isso acontece em todas as giras de S. Curumataí, mas no sábado, dia 10 de junho de 2017, enquanto atendia uma consulta e outra, ele nos brindou com uma linda história, a qual é uma analogia com a nossa própria vida.



Seu Curumataí chegando no Terreiro (veja o arco e flecha na sombra ao chão).

(Foto: Danielle Martins)

Trata-se do egoísmo, da forma pequena em pensar sempre no proveito e somente às vezes na doação. É o olhar mesquinho que analisa tudo o que pode pegar para si, absorver ao máximo ou além deste. Pena que não é do conhecimento, da aprendizagem que falamos, mas sim de coisas materiais.

É como o filho de santo que quer desenvolver, quer saber quem são as entidades, quer tê-las por perto para ter mais força, mais poder aquisitivo e às vezes até demonstração de superpoderes (o macumbeiro do pedaço, o mago, o bruxo...). Quer se aproveitar de tudo o que há disponível, mas não ajuda em nada e não se importa com tudo o que está envolvido para que isso aconteça, seja a estrutura física da casa ou a organização dos trabalhos mediúnicos. É o famoso “venha a nós e ao vosso reino ‘nada’”.

Por um bom tempo a pessoa que age assim acredita ser muito inteligente, pensa que é mais esperta que os outros. Para quem nunca leu a fábula da “formiga e da cigarra”, está aí uma ótima analogia. Mas veja bem, não é só preguiça, como a questão da cigarra! Quem quer beber os cocos e comer os peixes sem trabalhar não tem só preguiça, vai além! É egoísmo (pensa só em si), é maldade (não se esforça por si e nem pelos outros) e acaba se tornando inútil, quando não um peso aos demais.

Voltando ao que S. Curumataí relatou: quando ele era chefe em sua aldeia, ele e demais guerreiros faziam a pesca no mar. Diferente de muitos povos, os Índios Pataxós iam para alto-mar pescar para toda a aldeia e não só para sua família. Eram escolhidos os chefes de família, porém, deixando sempre o filho mais velho fora do barco, ou o seu pai, jamais os dois. A intenção era de proteção ao restante da família (mulher e filhos), tanto no caso de um acidente em alto-mar, na eventualidade de não voltarem mais, quanto um ataque na aldeia. Desta forma haveria sempre uma proteção tanto pela ausência temporária, quanto pela ausência permanente caso os índios pescadores não voltassem.

A pesca durava em torno de três a cinco dias, conforme o clima e a lua. Se preparavam com sementes — muita energia e pouco volume ocupado no barco — e cocos, pois estes dariam a água necessária para poderem passar os cinco dias no mar, uma vez que a água salgada é imprópria para consumo. Os cocos eram amarrados em volta da borda das canoas — estas eram entalhadas/esculpidas pelos próprios índios —, e cada índio poderia tomar a água e comer a carne da fruta de apenas dois cocos por dia e comer um punhado de sementes. Nin-

guém precisava cuidar do outro, zelando para que um não bebesse mais do que o outro. Era a fraternidade que comandava isso por si mesma, o respeito e o amor pelo irmão.

As canoas viajavam em forma de “V”, como os pássaros fazem, para poupar energia da remada. Por isso o cacique ou guerreiro mais velho conduzia as canoas, abrindo a passagem para os demais. Desde a definição de quem iria para o alto-mar e quem ficaria em terra para proteger as mulheres e crianças, das sementes e cocos que dariam o sustento por alguns dias, os índios se organizavam. Mas não era a organização que os mantinha vivos e em progresso. Era o respeito.

Nesta mesma gira S. Curumataí relatou que isso acontece em nossa casa TVB, que muitos filhos sabem que podem beber dois cocos e comer um punhado de sementes, mas da mesma maneira, estão em alto-mar, se dedicando ou então cuidando de outros afazeres. Ou seja, estão comprometidos. Porém, há os que querem apenas os cocos sem nada fazer e, além disso, esperam pelos peixes.

As cambones choravam enquanto S. Curumataí contava essa história e eu ficava a imaginar como deve se sentir uma pessoa que não se compromete, que apenas quer os frutos de uma árvore que não ajudou a plantar ou nem ao menos zela por ela. Deve ser muito ruim, pois o proveito que se pensa ter com esta atitude é nulo. No fundo, quem pensa assim perde muito, pois, como parte descomprometida, não permanece no grupo e acaba se desligando por si mesma. Um sentimento de inutilidade ou de frustração deve fazer parte deste processo e isso acaba impedindo a convivência com os que se comprometem.

Vou relatar aqui uma questão tão simples que parece até cômica se não fosse trágica. Há pessoas que quando “compram” um serviço precisam a todo custo ter algo a mais, para se sentir bem e “satisfeito”, para sair “ganhador”. Diferente de pedir um desconto porque vai pagar à vista ou ter orçado um serviço mais barato. É um vício, um costume... Horrível, mas é verdade.

Há pessoas que quando vão ao restaurante precisam comer em dobro para “fazer valer a pena o quanto irá pagar”. Mas será que sair literalmente estourando as tripas e passando mal é satisfatório? Este é o verdadeiro prazer que devemos sentir? Comer mais do que está se pagando é o objetivo? Deveria ser comer com tranquilidade, uma boa comida e em ótima companhia, com a gratidão a Deus por ter condições de pagar por aquele alimento e viver momentos maravilhosos.

O sentimento que aduba nossas ações é que deve ser analisado. Então voltemos ao terreiro: como você age em sua casa de reza?

Você é um filho que protege a sua aldeia/pesca para todos dela, ou é um filho que quer apenas se aproveitar dos cocos e dos peixes? Se você se encontra na espera dos cocos e dos peixes, deixe-me lhe ajudar...

Um dos sentimentos mais gratos à nossa existência é a satisfação, e não o agradecimento do que se faz. Profundo, né? É que agora já não estou mais sozinha na escrita, Pai José me auxilia na conclusão do texto. Fazer algo na espera de congratulações, gratidão ou até mesmo de uma paga, pode ser frustrante demais. Mas quando se faz algo por amor, por prazer, por dedicação, devoção ou fé, temos a satisfação do trabalho concluído como maior paga. É o êxtase de ser útil, aproveitado pelo bem maior, e não por um aproveitador dos demais. É ser parte integrante de uma aldeia e não alguém temporário que está ali somente para colher seus cocos. É ser, estar, viver.

Na etimologia da palavra, a *satisfação* significa ato ou efeito de satisfazer, contentamento, prazer a partir da realização do que se espera, do que se deseja. Bem como, também, no sentido teológico, significa a reparação do mal causado a alguém ou da injúria feita ao próximo ou a Deus pelo pecado. A definição teológica é um pouco pesada ao meu entendimento, pois vejo que os pecados na visão espiritualista são bem diferentes da visão de outras religiões. Resgatamos carmas, mesmo imperfeitos, pois se perfeitos fôssemos, na carne não estaríamos mais... Mas a busca cega pelo proveito em cima dos outros não é uma imperfeição, é uma atitude consciente de lesar, é insistir no erro crasso da apropriação indevida.

Que possamos aprender com os índios, sendo comprometidos e fraternos, convivendo como irmãos e não como gladiadores, onde um quer passar a perna no outro. Faceta terrível que vemos de nossa organização política no Brasil, tão escancarada e aterrorizante nos últimos tempos.

A lição dos índios pataxós na organização com respeito ao próximo (não beber a água do coco dos outros, trabalhar por igual, seja na pesca ou no zelo com a família em terra) e a sabedoria do esforço (lição dos pássaros), me remete à minha vida particular (família de sangue) e ao terreno.

E quando o problema não está em você é mais difícil; quando não é você que quer os cocos sem esforço algum, é pior. Sabe por quê? Quando somos nós os errados precisamos apenas analisar, aceitar o erro e mudar. Quando é no outro não conseguimos alterar, apenas mostrar o caminho!

Há em sua família alguma pessoa que se aproveita dos pais, dos irmãos ou dos próprios filhos? Há alguém que se faz de “leitão pra mamar deitado”? Tenha piedade e não tente mudar na marra, não funciona. Dê o exemplo e chame a pessoa para a luz da satisfação, que nada mais é do que se realizar em ser útil e comprometido, fazer parte, pertencer! Se você conseguir a façanha dele sentir uma só vez, talvez ele queira mais. Claro que nem sempre é assim, então volta a regra básica da convivência: se você não consegue compreender, então ao menos tolere e preserve o seu equilíbrio.

Ame, reze, trabalhe, limpe, beije, abrace, coma, durma, ame mais, viva... Sem egoísmo, sem preguiça, sem aproveitamento do próximo. Isso é uma forma leve de viver com alegria, caminho da descoberta linda que é ser feliz!

Pense nisso!

Saravá!



(Foto: Célio Olizar)

Ego: uma auto-obsessão!

*Da fascinação ao entendimento da tarefa maior,
que é tão simples e magnânima ao mesmo tempo,
a incorporação serve para dialogar
com espíritos evoluídos e aprender com eles.*

Pai José de Aruanda

15.

Numa manhã, nos primeiros dias do ano de 2016, estava fechando o portão de casa, pois precisava sair. Com sua aparição repentina peculiar, Seu Sete Pedreiras me exigiu que falasse imediatamente com um filho da corrente. Não entendi, ele apenas me exigia que mandasse o recado, que ele falasse a verdade ou estaria fora da corrente mediúnica do terreiro.

Eu, sem ao menos saber a premissa da conversa, obedeci e fiz uma ligação no celular. Meu filho de santo atendeu ao telefone e aparentemente tudo estava normal. Passei o recado, nervosa, claro, pois sabia que alguma coisa grave tinha acontecido. No que falei a frase “ou você conta a verdade ou está fora da corrente”, entendi que havia sim um grave problema. O médium começou a gaguejar, dizendo que ele mesmo sairia e começou um discurso em sua própria defesa. Nos próximos dias entendi o problema! Este filho e mais alguns que já haviam saído da corrente se encontraram nos últimos dias do ano de 2015, teoricamente pela solicitação de um exu (obviamente que não era), para que fizessem uma firmeza financeira para o ano que iria começar. O espírito brincalhão então pediu algumas coisas, o que inclusive colocou todos em risco de morte.

Devido a estes acontecimentos, resolvi escrever sobre o perigo de se incorporar fora do Terreiro, ato este falho e totalmente inseguro, que leva filhos a se perderem não só na caminhada da Umbanda, mas também por destruir amizades, relacionamentos e a própria fé.

A grande lei para os médiuns que proíbe a incorporação fora das suas casas sempre foi uma incógnita no início da minha caminhada na Umbanda. Antes de conhecer realmente o mundo espiritual eu pensava que isso pudesse ser uma artimanha de “pai de santo” para segurar os filhos em seu teto, assim como proibições de irem a qualquer terreiro. E como eu sempre busquei saber o porquê das coisas, quando resolvi perguntar, a resposta que obtive foi: “porque é perigoso e pronto”.

Hoje, com mais esclarecimentos dos espíritos, e também da caminhada como dirigente, posso responder com clareza onde estão os perigos. Recentemente alguns filhos meus tomaram esta atitude, e ao ouvir cada um, encontrei algo em comum, algo que leva o médium a fazer isso, e também identifiquei onde estão os perigos. Por isso resolvi escrever sobre a incorporação fora da sua casa de fé.

O que leva um médium a incorporar fora do seu terreiro? Na maioria esmagadora das vezes, o ego. O médium acaba acreditando que é o “bom”, que as “suas entidades” fazem e acontecem. Engano! Este é o médium falho que incorpora o seu próprio ego. Chega muitas vezes a fingir incorporações entre amigos e familiares para manipular ou articular situações a seu favor. E quando há realmente a incorporação fora de um terreiro, existe sim a possibilidade de ser uma entidade de luz, mas em extrema necessidade, tal como um atendimento de desobsessão ou algo similar. Nestas situações, seu zelador deve ser chamado.

Não existe exu mais forte. O que existe é médium besta, que pensa ser dono de algum espírito, sendo que mal e porcamente pode equilibrar as suas próprias energias e conduzir a sua vida com tranquilidade. Mas, então, o que um médium provido do ego incorpora? Dentro do terreiro, com toda a segurança que existe para que não entrem espíritos zombeteiros se passando por espíritos de luz, a incorporação é realmente dos guias que ajudam. São espíritos de comum acordo que seguem as regras da casa e que jamais iriam fazer seus “cavalos” incorporar sem segurança e pelo ego. Que espíritos, então, são estes que brincam com os médiuns? São os espíritos atraídos por nossos pensamentos/sentimentos.

Dentro de uma casa de fé existem assentamentos, firmezas, tronqueira, alimentação energética e, com certeza, uma corrente mediúnica (espíritos encarnados e desencarnados), que fazem esta proteção. Ou será que os pais de santos e seus auxiliares brincam de acender vela toda semana? Obviamente que não. A dedicação de uma casa de Umbanda em estar sempre protegida e preparada para receber os médiuns (alguns descuidados com seus pensamentos, sentimentos e preceitos) é grande. Por isso, além de toda a informação prestada, também há o ritual de preparação para que os trabalhos ocorram da maneira necessária.

Da firmeza inicial da gira até o fechamento final da tronqueira, tudo é necessário. Médium que pensa diferente não tem noção do que faz num terreiro. Um médium que tenha sentimentos e pensamentos de baixa vibração (raiva, vingança, ódio, ciúmes, melindre, vaidade, ego, maledicência etc) vai atrair espíritos maldosos que irão, através dos sentimentos e pensamentos do médium, articular seus pensamentos para brincar ou fazer o mal. Enquanto brincam com o médium, deixam seu rastro de desgraça no caminho. E, se fazem o mal, certamente as consequências serão pesadas.

Diante de situações inúmeras, os médiuns precisam ter a discipli-

na de não se expor aos perigos. Se você é um médium, certamente doa seu corpo para incorporações ou nas demais atividades dentro do terreiro, tão importantes quanto a incorporação. Às vezes digo que a incorporação é como se fosse um copo (seu corpo) que acondicionará um conteúdo por um tempo. Como dizia Pai Fernando de Ogum, a mistura do café com leite é a incorporação. Por isso estendo a explicação do Pai Fernando e explano aqui para que compreendam a minha visão: um copo pode acondicionar vários itens. O que haverá dentro deste copo é a mistura do café com leite. O copo é seu corpo. O café é a mistura dos seus pensamentos e sentimentos. O leite é o espírito que você está incorporando. Por isso essa mistura do café com leite. Nesta mistura que Pai Fernando sempre nos ensinou, acrescento pela experiência que vivencio, o copo.

Os preceitos que tanto são falados são exatamente para que este copo esteja de acordo para receber o leite e termos uma mistura coerente. O corpo do médium deve estar limpo da carne, do sexo, dos vícios etc. E o nosso café, como anda? Está um café bem preparado ou já estamos tão perdidos que já não sabemos mais? Como esperar uma boa mistura de café com leite se o café não tem mais aroma ou sabor? Há um momento que leite nenhum, por mais boa vontade que exista, poderá se misturar ao que deveria ser um bom café e obter um bom resultado.

Então, agora vamos ao ponto crucial: o que esperar de uma mistura onde o copo está sujo e o café, pior ainda? Se os pensamentos e sentimentos do médium são ruins, que tipo de “leite” se aproxima deste café??? Espíritos zombeteiros e maldosos! E nesta mistura o que pode sair de bondade? Nada.

Um médium provido do ego em demasia chega a pensar que é o próprio espírito zombeteiro, obviamente usando nomes de entidades de luz. As pessoas, que amam o médium, acabam induzidas pelo engodo e, quando se dão conta, estão tão comprometidas quanto o médium que se perdeu em suas mazelas.

Como se precaver desta cilada? Não queira ser melhor que ninguém. Seja apenas melhor do que você foi ontem. Simplicidade maior não existe. As pessoas teimam em se comparar com as outras, desde a cor do cabelo até como a entidade se manifesta. Pra quê?!? Compare-se diante do espelho. Enxergue seus próprios defeitos, erros e acertos.

Se alguém lhe persuadir com mensagens espirituais fora de um terreiro, duvide! Será mesmo uma intuição de um guia ou um espírito zombeteiro que usa o médium no momento? Seja um médium escl-

recido, e não medroso. Não tema os espíritos ruins, você é protegido, desde que faça a sua parte nesta proteção.

Mantenha seus pensamentos elevados! Faça seu preceito corretamente. Defume sua casa sempre que sentir necessidade (mas sem demasia). Chegue cedo ao terreiro para fazer suas reflexões e se conectar com as energias da casa para os trabalhos. Há quem prefira chegar e ficar fumando. Há quem prefira ficar ao portão, fofocando. Há ainda aquele que prefere apenas trabalhar a sua espiritualidade, refletindo, dispondo seu tempo com objetivos sérios, dentro de uma casa séria.

Brincando de pai de santo: da maneira que irei relatar, pode até parecer piada. Mas não é. E espero que sirva de exemplo para qualquer médium que pensa em fazer bobagem, seja na sua casa ou na casa de qualquer outra pessoa.

Certo dia, um médium recebe um “espírito” que diz ser necessária uma firmeza para que o lado financeiro do ano vindouro seja proveitoso. Para esta firmeza, o “espírito” pede um quilo de pólvora. Sim, é isso mesmo que você leu... Um quilo!

Obviamente que, quando se fala em dinheiro, todos se interessam. Mas, além do dinheiro, outro engodo estava ali assentado: ego. Por que um “espírito” que teoricamente seria o mesmo que baixa num terreiro, iria pedir uma firmeza? Por que ele não pediu isso dentro da casa em que ele trabalha em comum acordo e dentro das regras da Umbanda, através de um amalá?

Simples. Porque não é o mesmo espírito. E onde é que já se viu firmeza com pólvora? O máximo que consegui é abrir um portal de espíritos sofredores. Enfim, o ego faz até os mais velhos médiuns se perderem no caminho. Por isso, orai e vigiai... A sua caminhada, não a dos outros!

Há quem dê risada do exemplo acima, mas é verídico, infelizmente. Além de não saber se portar como médium e agir conforme as regras da casa na qual o respeito é necessário, o perigo iminente de morte estava presente. Por Oxalá e demais guias (espíritos protetores e não zombeteiros), ainda assim protegem seus filhos. Não conseguiram comprar os famigerados mil gramas de pólvora... Compraram 400 gramas. Suficiente para fazer o médium (teoricamente incorporado com um exu guardião) fazer uma *fundanga* de seus cílios, sobrancelha e pele do rosto. Castigo? Não, obviamente que não. Houve proteção, pois se tivessem conseguido a pólvora solicitada pelo espírito zombeteiro, certamente o médium estaria em um hospital ou feito a passagem.

Não se brinca com a espiritualidade. Não se confronta o sagrado. Você pode mentir o que for, para quem for. Pode fazer alianças e juras eternas. Mas o que você pensa, o que você faz, o que você sente, não é segredo para os espíritos (entidades de luz e trevosos).

A justiça de Xangô, que todos clamam quando precisam, também acontece quando menos se espera. Não se brinca com o sagrado. Se você veste o branco, tenha isso em mente sempre!

Há filho que vai ao terreiro sem preceito (leia-se preceito como um todo, desde o que já se conhece, até drogas e álcool). Pensa que ninguém vê e que ficará impune. Há filho que incorpora fora da casa de fé, outros que “atendem” particular, por dinheiro ou amizade... Mal sabe este filho que está fazendo mal a si mesmo em mentir. Ao pai de santo nada interfere que não seja mais uma energia ruim para cuidar. Mas ao filho, que pensa enganar as suas condições, se entrega cada vez mais para pensamentos de baixa vibração.

Não pense que você engana alguém sem antes enganar a si. O ego muitas vezes faz a pessoa mentir tanto que chega ao ponto de acreditar nas próprias mentiras.

Como deve ser a atitude de um médium diante de uma incorporação fora do terreiro? Ligue para o seu pai de santo imediatamente. Você não deve fazer nada sem o conhecimento dele, pois estará se expondo a riscos. Certamente seu pai de santo lhe indicará o melhor a fazer, seja desde um banho de ervas, água gelada, oração ou até mesmo aguardar a presença dele. Por quê? Porque ele está preparado para agir e o que garante a ele sucesso na empreitada é o equilíbrio necessário de um zelador, tanto psicológico como sentimental, e também a alimentação energética que a sua coroação como sacerdote lhe provém. A casa que um dirigente comanda não é só uma casa, é uma fonte de energia. Pai de santo, babalaô, dirigente, zelador, sacerdote... Chame-o como quiser, esta é a sua referência física a ser procurada em momentos duvidosos.

Caso alguém lhe surpreenda com uma “gira” improvisada, seja onde for, não caia na cilada de se envolver com o que você não conhece. Vire as costas e saia. Não incorpore o medo de reagir e muito menos o ego ou a curiosidade em ficar.

Como o médium deve se precaver destas ciladas? Siga o que a casa que você escolheu como sua casa de fé lhe ensina. Isso basta. Seja simples, pense simples, ore e vigie a si mesmo. Evite formar grupos ou alianças. Isso apenas fomenta os egos e fazem pessoas se perderem em tais sentimentos.

Seja uma igreja, terreiro, centro espírita, enfim... A casa que você escolheu, aquela em que você se sente bem, que ama de coração, que te mostra o caminho simples de cultuar a sua espiritualidade sem alienação, é lá que você precisa se orientar. Dúvidas? Procure o seu pastor, padre, dirigente, pai ou mãe de santo.

Termino este capítulo repetindo: só bota fogo quem sabe botar... Quem não sabe não deve se meter, pois além de perigoso é tolice.

Gratidão e ingratidão

*Fazer o bem sem ver a quem e sem esperar
nada em troca, nem mesmo obrigado.*

Mãe Lilian de Iemanjá

16.

A base inicial da verdadeira gratidão dentro da caridade é não esperar nada como gratificação. Ser grato é sentimento de contemplação por algo sublime recebido, um olhar, um sorriso. Merecimento ou conquista fazem parte desta base. Entretanto, a gratidão muitas vezes é equivocada. Como assim? Vou explicar.

A gratidão que nasce dentro do seu coração é verdadeira. Gratidão esperada por algo que você tenha feito, ou pensa que fez em grande proporção, não é gratidão, é o ego querendo carícias.

Atire a primeira pedra quem nunca se sentiu menosprezado ou esquecido! Fale bobagem quem se acha grato a tudo e perfeito perante todos... Mas a verdade nua e crua é que todos têm o hábito de se engrandecer com seus feitos, e de se equiparar ou se comparar com o semelhante/alheio.

Veja que as comparações entre a gratidão esperada e a nata são bem distintas e hoje o que venho falar — ou escrever — é a pedido de dois pretos velhos: Vó Benta e Pai José. Diferente de psicodigitar um texto deles, hoje é o aprendizado que me coube até então como dirigente e que ora me é cobrado a externar para quem desejar entender (se você se permitir compreender e aprender). Algumas palavras saem automaticamente, por isso digo que este texto é meu e dos meus vovôs, fofuras de Aruanda, Vó Benta e Pai José.

Nesta vida (leia-se encarnação) somos responsáveis não só pelo que cativamos, pelo que colhemos, mas também por tudo o que dizemos, pelos pensamentos, pelo que sentimos e emitimos de qualquer forma, seja por olhares, apertos de mãos, abraços, postagens, e-mails, SMS etc.

A pior demanda não se faz com velas e oferendas, mas com o sentimento que carregamos dentro de nós, aliado aos pensamentos. Esta demanda é fortíssima. Derruba rapidamente. Entretanto, derruba muito, mas muito mais o emissor do que o destinatário. Já estou acostumada a presenciar esse ciclo, essas histórias... Dói ver a impotência que temos diante do querer ajudar e não ser apreciada a oferta. Você tenta uma, duas, três... quatro vezes. Até que percebemos que o que era para ser gratidão nata, é na verdade o ego disfarçado tentando de alguma maneira chamar a atenção e sobressair.

Destinatário para o texto? Tem sim... Pra mim! Pra você! Pra qualquer um que ler e se abalar com as palavras que percorrerão este texto. Se seu rosto avermelhar, se seu coração acelerar, se seus sentimen-

tos se confundirem, é um bom indício de que temos muita coisa para juntos aprendermos.

A gratidão nata surge sem espera. Não depende da palavra “obrigada” proferida por alguém e muito menos da aparição diante do que for ou de quem seja. A gratidão nata é demonstrada no carinho, na preocupação com os caminhos percorridos, com um sorriso, com afeto. A gratidão nata é a certeza de que, independente de distâncias ou falta de tempo, seu coração está ligado ao que se preza. Só é possível sentir gratidão nata quem não espera salário, contemplação, exposição ou exaltação, ou seja, algo em troca. Todos estes sentimentos demonstram que a gratidão esperada é na verdade o ego disfarçado.

Somos bons. Todos. Cada qual naquilo que nos empenhamos. Seja no trabalho, na família, na relação a dois, na relação com nossos bichos de estimação, na relação interna com nosso eu... Mas a necessidade de mostrar o quanto somos bons para os outros é o perfume do ego. A necessidade em mostrar o quanto somos melhores que os outros, é o ego malévolamente disfarçado de gratidão esperada. Foi isso que aprendi no desdobramento desta noite, dia 11 de janeiro de 2016.

Pai José, com seu jeito doce e ao mesmo tempo assertivo de falar, me confundiu ao falar em ego malévolamente disfarçado. Tem horas que os termos das entidades fundem a minha cuca. Então, ao sinal da minha confusão mental, rapidamente Pai José me falou sobre ego malévolamente disfarçado e me esclareceu que “o ego é inerente ao ser encarnado e que, como os demais sentimentos existentes, está dentro do equilíbrio que tem peculiaridade para os benefícios maravilhosos de crescimento, mas que aliado à maldade em danificar o caminho alheio a qualquer custo para seu favor, se torna incontrolável, persuasivo e destruidor”.

Tem muito significado nessa explicação dele, o que tentarei expor agora: quando sentimos a necessidade de que alguém agradeça ou nos dê algo em troca de qualquer coisa que fazemos, não é gratidão que esperamos, é nosso ego que quer ser afagado. Quando nos surpreendemos com um sorriso ou um abraço, ou até mesmo palavras de agradecimento, isso sim é gratidão. Inesperada e nata, sensível, quase imperceptível. Se você buscar no dicionário o significado de gratidão, bom... O dicionário não tem coração, mas ele lhe dirá que gratidão é:

Substantivo feminino

1. qualidade de quem é grato.
2. reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou um benefício, um auxílio, um favor etc.; agradecimento.

Ou seja, se você presta um favor ou benefício sem esperar o reconhecimento, isso é caridade. Se você presta um favor ou benefício na ânsia de ser reconhecido ou ganhar algo em troca, não confunda escambo com caridade.

Você é grato pela sua mãe ter lhe parido? Tenho certeza que sim. Mas ela espera você agradecer isso diariamente? Exceto o senso ridículo comercial que insere isso no “dia das mães”, quando é que você sente a necessidade de agradecer ela pela vida, pelos conselhos, pelas horas e horas de dedicação? Quando você agradece? Você precisa mandar cartão e presentes para isso ou você demonstra isso no dia a dia? Certamente você irá demonstrar isso quando ela estiver mais velha, precisando de seus cuidados, de forma mais acentuada. Certamente você demonstra isso com ligações telefônicas perguntando se ela está bem. Mas você faz isso pela sua mãe todos os dias? Isso não lhe torna ingrato! A sua gratidão está na certeza de que a ama, de que estará junto sempre que precisar. Isso é amor incondicional, sem esperar nada em troca.

E sua mãe, te ama porque você dá presentes pra ela ou porque você faz parte dela, da vida dela? Cada mãe a seu modo, mas certamente ela te ama e é grata a Deus pela sua existência e por você estar com ela, do jeito que você é, com defeitos e sem eles. Gratidão nata!

A minha gratidão aos que me cercam é nata. A minha gratidão aos que praticam a caridade dentro do TVB é nata e ao quadrado! Pois além de estarmos caminhando juntos na fé, também sustentam as energias que fundamentam nossa casa. Ou seja, a gratidão aqui não é só a minha, mas dos espíritos que semearam a nossa casa Vovó Benta.

A verdadeira gratidão não é imposta pelas mãos juntas em posição especial e baixando a cabeça. Ela é sentida, desde que sem espera. Se ela é esperada, lembre-se: seu ego está precisando de um “chega pra lá”. Não se sinta mal! Todos nós lidamos com isso a todo tempo. Como chegar a um denominador comum que leve nosso espírito ao crescimento?

Primeiro de tudo é não fazer nada esperando algo em troca. Faça por amor, faça por dedicação, por convicção ou prazer. Não dê nada esperando ser mais amado ou vangloriado, seja o seu tempo, seu serviço ou coisas materiais. Como dizem os mais velhos (sempre sábios), o que a mão direita dá a esquerda não precisa saber... E eu complemento: e o ego não deve esperar nada em troca. A caridade verdadeira é esta, simples como deve ser. Dentro disso, seu merecimento em caminhos abertos, curas, libertações e tudo o que realmente você precisa para seu caminhar estará no curso correto.

Segundo passo, é doar aquilo que está à sua disposição, ao seu alcance. Você pode doar tantas coisas... Mas quando se fala em doação a primeira coisa que se pensa é no dinheiro. Não é disso que falo, mas também. A doação é tão superior a coisas materiais que nosso egoísmo ou fascínio pelos bens palpáveis nos impede de entender a grandiosidade da caridade. Ser caridoso é entender os custos da casa de fé que se mantém em pé por todos, é doar seu tempo para meditar antes de uma gira, é cumprir o preceito adequadamente, é não se ater com mediocridades (fofocas e melindres), é levar a sério o chão que se pisa, é entender os projetos sociais e não pensar que o que interessa são somente as quatro horas que está girando. Ser caridoso é estar junto daqueles que amamos, seja nas horas festivas, como um banquete, ou nas horas delicadas (na passagem de um ente querido, num momento difícil particular...). E veja que só será sincero (caridoso) se for feito por amor e não por uma condição de retorno.

Enfim, a verdadeira caridade não é quantificada, ela é sentida e vivida! Vai muito além... A Umbanda vai além. Quem é filho de Umbanda também é filho do bem... Já diz a música composta por um dos filhos TVB. É literalmente ser filho de pomba! É entender que a casa é sua, que é o chão no qual você bate a sua cabeça, seu refúgio, seu alento, seu colo... Isso tudo passa a não fazer sentido algum quando o ego é maior do que a caridade. Se isso acontece contigo, este segundo passo de doar aquilo que se tem à disposição se torna até ofensivo perante a necessidade de se ver importante, único, exclusivo, insubstituível ou até mesmo o salvador da pátria. Não doe nada para *se aparecer*, doe porque sabe que há necessidade e que está ajudando da maneira que pode. Há quem possa doar a sua mão de obra, há quem possa doar dinheiro, alimentos, saberes profissionais, utensílios, tempo, amor, carinho, acolhimento... Há quem possa doar luz! Doe aquilo que você tem, mas, pelo amor de Deus, transmute seu ego e não contagie ninguém, pois isto se torna maldade. Se você sofre de ego exacerbado, trate a sua doença sem espalhar aos quatro ventos. Se recolher nestas horas é prudente. Se exibir como vítima é força de corda grossa e pesada. Seja honesto e sincero com suas palavras, atitudes, lembranças, aprendizados já conquistados, e não seja vítima de si mesmo. Liberte-se desta dor, assumindo a você mesmo seus erros, refletindo e mudando hábitos.

Terceiro passo, também muito importante, é manter o coração leve. Somos seres imperfeitos, e como tais, temos que ter ciência de que as coisas acontecem para que possamos melhorar. Que coisas?

Atritos, ideias divergentes, separações, ausências, imposições, achismos, ciúmes, melindres, vitimismo etc. Diante de situações assim a clareza do crescimento na dor é crucial. A dor acontece quando nos deparamos com estes sentimentos. Se autovitimar é a primeira opção. Ciência é sentir o momento em que isto está acontecendo e ter noção de como agir, do que fazer. Veja que um atrito ou contraposição não é erguer bandeiras e muito menos convencer pessoas com a sua ideia ou ideal. É refletir internamente e ver onde você está errando. Aí a gratidão será eterna... E sabe de quem pra quem? Do preto velho ou preta que te guarda, do seu pai de cabeça, que estará com olhos marejados satisfeito com o avanço do seu pupilo. Isso é Umbanda. Crescimento, resiliência, transmutação, caridade, amor e paz. Com esta postura, você não se comparará a nada, não se sentirá melindrado, não sairá ferido e seu coração estará receptivo para as aprendizagens que a Umbanda pode lhe dar, através dos guias.

Mas então, o que é ingratidão? Difícil definir com uma única frase, pois o ego malévolo é uma forma de ingratidão a tudo aquilo que se tem e não se dá conta. É esperar algo do que não deveria, é se achar mais do que os outros, é a sensação de injustiça quando na verdade é vitimismo. E desdenhar de tudo o que se tem à disposição, maldizer, difamar, ou, como Vó Benta cita, é fugir da verdadeira reforma íntima. Ingratidão a quem? Ingratidão a você mesmo e a Deus. Aprendi com S. Zé Pelintra que a ingratidão é uma escolha. Escolhemos sentir a ingratidão por esperar algo em troca. Não me permito sentir ingratidão. Porque o que eu espero de cada pessoa que me cerca é exatamente o que espero de mim mesma, evolução.

Já fiquei várias horas atendendo filhos do terreiro, seja pessoalmente, telefone ou internet. E nem por isso, quando me vejo sozinha em várias questões referentes à nossa casa TVB, eu rotulo qualquer um deles de ingratos. Ao contrário. Aprecio o momento e reflito onde está o meu aprendizado. É simples, basta encontrar o que precisa ser compreendido... E como um passe de mágica, as forças vão se movendo e o astral se encarrega de iluminar os caminhos.

Dentro deste balé de sentimentos, continuamos no propósito da Umbanda: amor, caridade e paz... Luz, som e movimento! Que possamos sempre ser caridosos, cada um consigo mesmo, com os irmãos da casa, com a nossa casa TVB, com os amigos, familiares, e principalmente com Deus.

Saravá às almas que estão sempre abertas para aprender... Luz e axé peço às almas que se esquivam da reforma íntima e se esgotam

nas desculpas, muitas vezes se escondendo na fuga do embate consigo mesmo. Piedade a Deus peço por aqueles que se revoltam e cospem no prato que comeram, pois permanecem em ciclos viciosos, se esquivando da reconstrução.

Gratidão nata e coletiva, sem “presentes” individuais, tenho aos guias, aos filhos TVB e à minha família (marido e filhos), que permitem e apoiam minha dedicação ao nosso chão. Gratidão a Deus pela oportunidade de aprender a cada dia. Gratidão eterna a você, que, com sua existência, me brinda aprendizados, convivência, sorrisos, amor e amizade.

Desejo que cada pessoa possa ser grata de graça, e que ninguém espere gratidão de ninguém, pois isso frustra muito, mas que espere mais de si mesmo e menos dos outros.

Sanidade mediúnica

Viver em plenitude é não apressar nada, mas saborear cada momento, que é sempre único.

Mãe Lilian de Iemanjá

17.

Hoje resolvi falar de dois assuntos: sanidade e mediunidade, mas em âmbitos diferentes. Primeiramente abordo a questão do que é sanidade e o que não é. Muitos podem pensar que os médiuns dentro de um terreiro estão todos malucos, que nada daquilo existe. Se assim for, confesso que prefiro continuar maluca. Esta insanidade me faz bem, a mim e mais tantos outros milhares que praticam a sua fé nos terreiros do mundo inteiro.

Vivenciar uma incorporação, ouvir, ver e até mesmo sentir materializações são coisas que me fascinam, embora já tenham me assustado muito. Hoje não mais. O que me causa estranheza é a forma pequena com que muitos tratam do assunto. Já falei algumas vezes das fases da mediunidade: novidade, deslumbre, euforia, ego, frustração, desmotivação e o equilíbrio. Poucos chegam até o equilíbrio com facilidade, mas não é impossível para ninguém. Costumo dizer que as fases se completam sempre por uma atitude dolorida na qual o médium faz uma grande reforma íntima ou foge da luta arranjando mil desculpas para mudar de terreiro ou até mesmo de religião. Vamos fatiar esse bolo para que a ideia do texto seja compreendida:

Uma pessoa com transtornos psicológicos, seja qual for, muitas vezes é dita “médium fortíssimo”. Há razão na questão, pois realmente as pessoas com transtornos se entregam à energia na incorporação, mas há o outro lado da ponte, muito mais perigoso. Tudo o que a cabeça é passível de pensar, se torna mediúnico e as “entidades” acabam levando culpas de ações impensadas. O fato que leva as pessoas, normalmente da família, a dizerem que a pessoa é “porreta com os espíritos” vai desde a vergonha em admitir que existe uma pessoa entre os entes queridos com problemas psiquiátricos (paradigma antigo), ou até mesmo já “lavaram as mãos”. Atire a primeira pedra quem não tem alguém na família com estes problemas! A dor é terrível. Ver seu familiar num estado de aprisionamento em verdades inexistentes é como vê-lo aprisionado no próprio corpo. Desta forma, tudo o que é relativo aos espíritos é mais fácil explicar, então o esquizofrênico vira “médium porreta” ou “deixa que vá no terreiro, vai que ajuda...”. A Umbanda jamais discrimina, trata o que é possível tratar. A Umbanda não cura, ela mostra o seu caminho para a cura. A Umbanda não é playground, é coisa séria para gente séria. Por isso o assunto é tratado individualmente, cada caso é um caso e não existe uma receita de bolo.

O mesmo acontece com os psicotrópicos! Qualquer que seja o vício, se age no cérebro tirando a realidade ou interferindo na consciência, não é cabível. Não é um fator de proibição, na verdade é um fator de cuidado e zelo para auxiliar o médium no caminho de cura e libertação do vício. Já conheci drogados entregues ao vício por completo e que hoje têm todo o meu respeito não só pela vitória, mas pela constância em se manter “limpo, somente hoje”. E o que a Umbanda no Terreiro Vovó Benta pensa sobre isso? Que a nossa mão está estendida para amparar aquele que deseja ajuda no caminhar próprio para a cura e libertação. Não é um amalá que irá libertar, não é uma promessa vazia. É a reflexão sobre tudo o que é vivido nas giras e com os irmãos da corrente que o levarão para a grande reforma íntima. Isso é totalmente possível e vivencio isso há mais de 22 anos. Grata sou aos espíritos por terem colocado pessoas maravilhosas em meu caminho. Talvez eu tenha feito algum bem para eles na trajetória, mas certamente o merecimento e reforma foi de cada um. Aos que ainda não conseguiram se libertar do vício, reflexão é o que indico.

Durante as giras qualquer energia contrária à doação de amor, fraternidade e paz se choca e deixa o médium “desconcertado”. Veja que uma energia contrária pode ser desde um cigarro de maconha até pensamentos negativos sobre qualquer assunto. Há dois caminhos, ou ele trilha para a sua vitória, ou ele não permanece muito tempo na casa. O terreiro é um caminho, mas quem trilha é o filho que nele pisa. Cobrar interferência da casa ou do pai de santo para a sua cura é transpor para outro a sua responsabilidade. Normalmente, na fase da “dor da reforma íntima” a culpa é sempre de alguém, menos da própria pessoa. O nome do pai ou mãe de santo já não é pronunciado com carinho e suas palavras são sempre de cobrança e vitimismo.

O que afasta uma pessoa da sua casa de fé, seja igreja, terreiro etc? Exatamente o subtítulo deste tópico! E nesta sequência de frequência... Primeiramente o que mais afasta os filhos são os melindres, normalmente frutos de comparações. Exemplo prático disso é: “a Mãe Lilian abraça a fulana em todas as giras...”. Pergunto: a Mãe Lilian abraça ou a “fulana” vai abraçar a Mãe Lilian? Outro caso simples: fulano vai ser cruzado capitão, eu sou mais velho e esse “lugar” deveria ser meu. Até onde aprendi com S. Curumataí, as escolhas dele não são pelo “tempo de currículo”, num dia em que ele cruzou uma capitã que eu mal conhecia no TVB. Aprendi que ele vê e sente o que o filho tem para doar e no que uma hierarquia pode ajudá-lo.

Para alguém que se melindra com comparações e tem ego eleva-

do, uma hierarquia seria a sua própria força. O olhar sobre o fato é sempre dentro de uma perspectiva, é aquilo que o seu ponto de vista alcança. E toda a outra parte da história? Ou será só a sua verdade? Estas comparações absurdas de menos ou mais amado levam filhos maravilhosos que caminham com grande evolução a se afastarem... Ou não! Depende do teor da fragilidade e da audácia em fazer a reforma íntima, ou então fugir, seja abandonando a gira, a casa ou até mesmo a religião.

Logo atrás dos melindres está o ego elevado, onde o médium menospreza os demais, sempre os novos, e se vangloria com as “suas” entidades. Quer acelerar o processo e muitas vezes se coloca à frente dos guias, querendo provar para os outros que faz e acontece. Mesma receita: ou faz a reforma íntima, ou foge. A dor de aceitar seus erros e se reformar é muito grande, pois dá vergonha de si mesmo e isso ninguém gosta de sentir. Vai por mim! Se você chegar a sentir isso, sente-se consigo mesmo, chore tudo o que tiver que chorar, assuma para você mesmo onde tem errado e recomece sem o ego! Vai ser bem mais fácil. Se a vergonha em admitir seus erros for muito grande, ao menos recomece em outra seara, sem o ego... Deixe-o esquecido para trás! Aqui deixo um aprendizado que tive com S. Sete Pedreiras (kaô, meu pai!)... O que pensam de você não o transforma, mas sim o que realmente você é. Então não venda uma imagem diferente da sua essência, você sofrerá muito quando se deparar com as decepções. Principalmente consigo mesmo.

A maledicência é terrível. Erva daninha que nasce sempre de alguém que deveria fazer uma reforma íntima ao invés de estirar a língua com veneno. Achismos e julgamentos acontecem a toda hora para todos nós, mas é certo culminar a cabeça dos outros com seus incômodos e incertezas? Sua língua deve falar sim, e muito, mas que sejam coisas boas. Que você possa expressar o quanto a vida é grandiosa, como vale a pena ser um filho de fé, como seus passos estão ocorrendo, como você se transformou com os ensinamentos das entidades etc... Mas falar de si próprio muitas vezes é difícil, já falar dos outros parece que a língua até incorpora um egum e sai falando de tudo o que nem sabe... Aí vem mais um aprendizado da Vó Benta: fale menos, sinta mais.

Ainda sobre a maledicência, quero citar algo incrível... Sempre que eu canto para as 7 linhas de Umbanda, sinto a necessidade de me conectar com os filhos. É um breve olhar fraterno e um sorriso que me conecta com todos os filhos. Amo isso e quando não é possível (tempo

curto da gira), confesso que fico triste. Nessa hora em que olho os filhos, os olhos falam. Quando é de vergonha, eu sei... Tanto a vergonha de encarar a sua mãe de santo, seja por timidez ou seja por “pensamentos alheios”.

O que é possível esconder de uma mãe de sangue? Nada. O que é possível esconder de uma mãe de santo? Energeticamente, nada. É neste olhar que sei quem não está bem, quem precisa de ajuda, quem precisa de afeto, quem precisa de uma palavra e até mesmo quem está contrário ou sofrendo de um dos males dos quais descrevo neste texto. Vontade de mexer profundamente nisso na mesma hora, mas tudo tem seu tempo e a reforma íntima só faz sentido quando iniciada na essência, ou seja, no coração de quem está melindrado, maledicente ou com ego elevado. Não se assopra ferida de quem não quer ajuda... A ferida pode abrir mais!

A ingenuidade extrema é o fato da pessoa tomar como verdade qualquer coisa que lhe digam. Exemplo: quantas vezes já “mataram” alguns artistas no Facebook? Quantas mensagens já postaram clamando ajuda de algo que não é verdadeiro? Muitos nem sequer terminam de ler... Tomam como verdade e a propagam. Isso é a ingenuidade extrema que leva as pessoas a comprarem verdades absolutas sem se fundamentarem e as levam ao engano, ao sofrimento e muitas vezes até a cometer maledicência sem total consciência.

De todos os males, o menos prejudicial é o da ingenuidade extrema, pois considero um ato, como o próprio nome diz, ingênuo. Já na maledicência, também constante em seu nome, há maldade. O ego, existente em todos, deve ser dominado com o equilíbrio através das reformas sentimentais. Já o melindre não tenho mais paciência... Já vi muitas amizades acabarem por melindres, e relacionamentos e até empregos por conta de comparações. Você é único e as pessoas não podem adivinhar todas as suas necessidades. Precisa de um abraço? Não peça: abrace! Precisa de um bate-papo? Procure a pessoa e converse. Precisa de ajuda? Peça! Precisa de um afago no ego? Por favor, não me ligue... Poupe meu tempo.

A Lua de Tata Caveira

*Que Deus tenha piedade dos mentirosos,
pois eu não tenho.*

Tata Caveira



Seu Tatá Caveira em trabalho de mata, auxiliado pela cambone Pamela.

(Foto: Danielle Martins)

18.

Quando iniciei na Umbanda havia um mistério grande para mim, os exus. Eu não concebia muito bem a ideia deles, pois via uma incorporação dolorida destes espíritos, como se o médium sofresse para incorporar. Braços e pernas torcidos, caretas de dor e pavor ou olhares querendo assustar até as moscas.

Da primeira até pelo menos a trigésima incorporação que tentei com o Seu Tata Caveira eu não saí do chão. Sentia a vibração e um peso enorme, como se fosse possível segurar o mundo nas costas. Então eu caía no chão e de lá não saía até que ele fosse embora.

Depois de muito tentar e ele me ensinar que não era o peso que eu precisava sentir, mas a confiança, como se eu fosse mergulhar dentro do chão para então ele surgir, consegui. Difícil, pois você vê à sua frente um chão físico e bem verdadeiro e o medo de esborrachar a cara no chão. Então? Com muita luta por parte do Seu Tata Caveira, consegui entender e confiar. A sensação, hoje com mais tranquilidade, eu equiparo a um voo de asa-delta. As asas são dele e eu só preciso confiar que elas estão sempre ali.

Comecei a incorporar ele com mais tranquilidade, porém, levei anos para aceitar os trejeitos masculinos, pois o corpo e a alma feminina se estranham com um espírito masculino no início. Tratando-se de um exu, pior ainda. O contrário também é verdadeiro, pois se o zelador não for desmistificador e motivador não haverá médium homem heterossexual incorporando pombagira no terreiro, nem as iabás. Puro preconceito ou falta de conhecimento, na minha opinião. Há ainda quem arrisque dizer que se um homem incorporar espírito feminino está predisposto a ser homossexual... Não concordo e ainda digo que é pura invenção, pra não dizer burrice.

Aqui quero mencionar dois médiuns, meus filhos de santo, o Adelson e o Adalberto. Ambos irmãos de sangue e que giram com suas três irmãs no terreiro. Como eu falo, o TVB é uma família composta por famílias. Não há, na minha opinião, nenhuma incorporação mais bela do que o Adelson de Oxóssi com pombagira e o Adalberto de Ogum com baiana. São dois negrões, altos e fortes, uma bela imagem masculina, homens muito bonitos mesmo. A sexualidade deles não muda em nada por incorporarem espíritos femininos, ao contrário, agrega e muito. Onde está a beleza? Na simplicidade de ser médium, deixando o espí-

rito que precisa trabalhar ocupar seu corpo. Não há exemplo mais belo do que este, pois o bom médium não escolhe o espírito, desde que benevolente, para os trabalhos. Ele escolhe servir. E é isso que estes dois filhos fazem. Preciso citar também a beleza da irmã deles, a Clarissa, incorporando na linha de Oxóssi... Enfim, sou mãe de santo babona, minha gente! Se eu for falar de todos os filhos, terei que falar também da incorporação da Danielle Martins, quando entrou no terreiro pela primeira vez, recebendo a força de Iemanjá, hoje capitã de terreiro.

Como se pode ver, as dificuldades que encontrei na minha caminhada tento não deixar meus filhos de santo sentirem, por isso, nas giras de desenvolvimento trabalho muito essa questão do feminino e masculino, incorporação com e sem atabaques, com e sem o canto, enfim... Isso é devido às dificuldades que tive com o Seu Tata Caveira no começo. Dificuldade vencida, foram só alegrias com muito aprendizado. E um deles vou relatar agora.

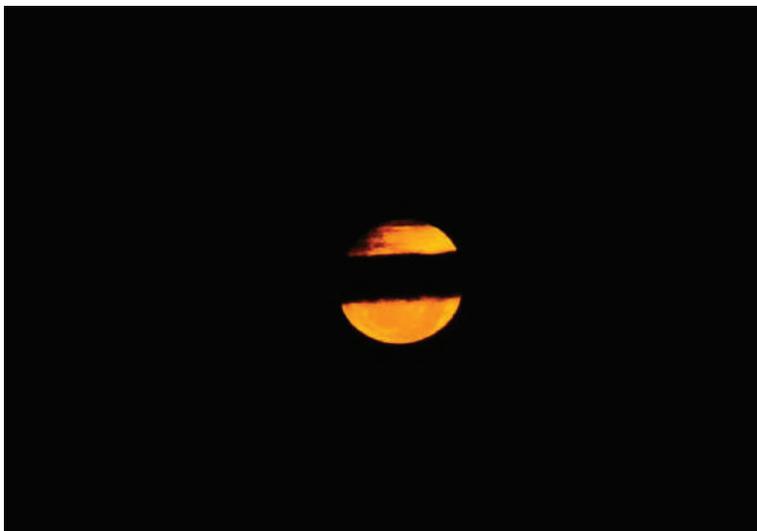
No trabalho de praia de 2015, na Ilha do Mel, estávamos todos bem felizes e entusiasmados para mais uma gira. Era por volta de meio-dia e os trabalhos estavam marcados para as 15 horas. Como era hora do almoço eu estava com minha família e alguns filhos de santo num restaurante simples da ilha, mas incrédula. Chovia muito, tanto que não era possível ver a costa em Pontal do Sul, no trapiche. Não há como fazer um trabalho na praia sem os atabaques e uma vez que molham o couro, não tem como tocar. Outra questão é o perigo dos raios, então a preocupação só aumentava e o pensamento em cancelar a gira era grande, mas com muita tristeza, pois todos fazem grandes esforços de tempo e dinheiro para fazerem a viagem.

Não consegui nem almoçar, apenas tentava conversar com os espíritos para saber o que fazer e qual melhor decisão a tomar. Ninguém me acalentava. Pensei que fosse pelo barulho do local. Me despedi e fui para a pousada, me deitar e quem sabe conseguir conversar com um dos guias que me ajudam. Me deitei e pensei: “Pai Fernando não me ensinou como se faz para parar de chover...”. E foi só este o pensamento, pois dormi tão rapidamente que não me lembro de mais nenhum pensamento. Acordei com meu marido entrando no quarto, todo animado, dizendo para que fôssemos rápido que já era hora de iniciar a gira. Como assim? Não há condições, pensei. Perguntei a ele se ainda chovia e a resposta foi que não, que havia um lindo sol lá fora.

Animada, fui para o local da gira, ao lado da Gruta das Sereias. A gira estava linda, como sempre. Quase se aproximando do fim o S.

Tata Caveira toma meu consciente. Se arruma com a sua capa preta e, fumando seu charuto, me mostra os médiuns da corrente, os incorporados e os que estavam com os espíritos atrás, parados por falta de atenção do próprio médium. Então ele me avisa: “vou mostrar a você e a todos o que somos e como fazemos. Nosso poder é imenso, mas sem a credibilidade de cada um de vocês, nada podemos”.

Ele mandou parar os atabaques e o canto e começou a discursar: “vocês clamam por nossa ajuda, pedem coisas pequenas e gigantes-cas, mas sentam em cima do próprio problema e nada fazem para melhorar, olham aos céus e apenas esperam que aconteça. Vou provar a todos vocês agora como é o poder de exu e como é a falta de fé de vocês, encarnados!”, então ele apontou para o céu em determinado local, fechado com nuvens, porém sem chuva, e continuou: “exatamente aqui vai aparecer a lua cheia, sabe por quê? Porque eu determino e tenho fé! Porque eu comando a vitória!”.



Lua registrada no encerramento da gira de praia.

(Foto: Eduardo Nogueira)

Enquanto ele terminava de falar, as nuvens foram se afastando e bem ao meio delas apareceu a lua cheia, linda e brilhante. Ele continuou dizendo que “a falta de fé impede os espíritos de ajudar, sem isso nada é permitido. Creia, este é o princípio! Agora que já fiz minha parte, vou embora com a lua”.

Ele apagou seu charuto, cumprimentou a todos com seu gesto pe-

culiar e foi caminhando em direção ao mar, com a capa tremelizando ao vento, como asas de um morcego, e voou seu espírito de meu corpo para a calunga grande (mar).

E como ele havia dito, assim que ele subiu, a lua também desapareceu entre as nuvens. Este foi o encerramento daquele trabalho de praia. Nada mais se falava no terreiro por alguns dias, todos estavam estarecidos com o acontecido, e quem não pôde ir ao trabalho queria mais detalhes. A foto da lua que está neste capítulo foi registrada neste dia, neste momento lindo que Seu Tata Caveira nos proporcionou.

Porém, há outros fatos com ele que me fazem sentir sua proteção a todo momento. Um deles é quando estávamos eu e meu marido em nosso carro, voltando da casa da avó de minhas filhas, pois fomos até lá levá-las para passarem o final de semana. Como ela mora próximo da BR-116, estávamos saindo da via paralela e entrando na BR. O semáforo na BR estava fechado e um caminhão estava na primeira faixa. O mais óbvio, e realmente seria o que eu faria, era me colocar com o carro ao lado do caminhão para então sair com mais tranquilidade, uma vez que o carro é mais ágil para isso do que o caminhão. A faixa estava liberada e, além da segunda faixa, também há uma terceira. Ou seja, parecia totalmente uma atitude imbecil parar atrás do caminhão ao invés de parar ao lado, sendo o primeiro a arrancar do semáforo. Porém, Seu Tata Caveira surgiu e me disse: “fique atrás do caminhão”. Como sei bem como ele me auxilia e não ousou contrariar, fiz isso. Na mesma hora meu marido me perguntou qual a razão de ficar atrás de um caminhão e eu respondi que S. Tata Caveira estava ali e me ordenou. Enquanto eu explicava, mas antes de terminar, ouvimos uma freada gigantesca de um carro que quando chegou perto de nós estava rodopiando na pista.

Resumo da história, se não fosse Seu Tata Caveira avisar e eu obedecer, não sei se seria só um acidente sério ou se teríamos graves consequências físicas. Fato é que esta não foi a primeira vez.

Na Francisco Derosso, indo para casa dos meus pais que na época moravam no bairro Xaxim, com minhas duas filhas no carro, eu seguia tranquila até que S. Tata Caveira apareceu da mesma forma. Ele gritou: “pro acostamento!”, e eu fui, embora não fosse acostamento, mas área de estacionamento na rua. Ao mesmo instante um caminhão sai de trás do ônibus que passava, vindo em contramão. Teria nos arrebatado de frente se não fosse meu amigo, aquele que diziam ser imaginário na minha infância, nos salvar!

Obviamente nem tudo é possível evitar, tem coisas que precisamos

passar para aprendermos. Outras, nem tanto. Por isso conto muito com este meu superamigo das catacumbas.

E para saudar a sua força citarei aqui dois pontos, o de descida e o de firmeza:

DESCIDA DO SEU TATA CAVEIRA

Portão de ferro >

Cadeado de Madeira > bis

Quem é que está na gira >

É Tata Caveira > bis

FIRMEZA DO SEU TATA CAVEIRA

A lua brilhando está

Refletindo-se na tumba

Escuta seu gargalhar

Estremecendo a calunga

Seu Tata está aqui

Vamos cantar em louvor

E se precisar de mim

É só gritar Atotô!

Ôhhhhhhhhh! Vamos gritar Seu Atotô!

Ôhhhhhhhhh! Tata Caveira já chegou!

E assim encerro este capítulo com toda gratidão a este meu grande amigo! Laroyê Seu Tata Caveira! Senhor que me guarda e protege das agruras da vida!

Cambone, a quarta energia

*Cambone é a lei da casa,
confiança, apoio e dedicação aos espíritos.*

Mãe Lilian de Iemanjá

19.

Os cambones são mais do que ajudantes nas consultas. Para quem não sabe o que é cambone, vou explicar de forma sucinta. Os cambones são para os espíritos como os enfermeiros são para os médicos. Sem eles e todo o carinho e zelo com que cuidam dos trabalhos, seria praticamente impossível o bom andamento da gira.



Pamela e Mãe Lilian na lavagem de cabeça no rio após trabalho de mata.

(Foto: arquivo TVB)

E quando se fala então dos cambones da mãe ou pai de santo, a missão é ainda maior, pois não serão apenas uma ou duas horas de dedicação ao que o espírito fala ou pede, mas uma gira inteira, normalmente de quatro horas.

A primeira cambone cruzada para isso no Terreiro Vovó Benta foi a Pamela. Deixo vocês conhecerem o relato dela sobre a sua chegada em nossa casa e depois retornamos com minha reflexão:

“A primeira vez que pisei no TVB eu já sabia que ali era o meu lugar. Eu ia na assistência lá nos fundos da casa da Mãe Lilian e ficava

lá da janela, só olhando a magia acontecer. Quando as obras estavam acontecendo aonde hoje é o TVB, numa noite que eu podia estar comemorando meu aniversário, eu fui para o barracão, pois alguma coisa me dizia que eu precisava falar com a Mãe! Nem precisei abrir a minha boca, pois ela simplesmente me disse: 'seja bem-vinda, minha filha, na gira de quinta ou sábado você vem de branco?'

No sábado seguinte, foi o dia mais lindo... De preceito devidamente feito, de branco, mas com medo, fui para o terreiro! A Mãe cumprimentou um a um na entrada, foi o máximo! Começa a gira, e lá vem a cambone de Seu Curumataí me chamar. Pensei: o que foi que eu fiz, gente? Primeira gira e vou ser chamada atenção? Com receio fui até a frente do congá, Seu Curumataí pede para que eu sente ao seu lado e começa a conversar comigo... Eu, pasma com tanta sabedoria vinda dele, só ouvia atentamente tudo quando, mais que de repente, ele vira e me faz a seguinte pergunta: 'filha, você quer aprender? Você está pronta para aprender?' Eu, mais que rápido, respondi: 'sim, eu estou aqui para isso!' 'Então, a partir de agora, você vai ficar ao meu lado por (tantas luas, que agora não me lembro) e depois você vai trabalhar'. Pensei: bom, é só por algumas luas e depois volto para a corrente para que outras pessoas venham ficar ao lado dele!

Até aí, tudo certo. Comecei indo numa quinta, num sábado e por aí foi! O tempo foi passando e ele nunca falou nada de mudar o cambone (o que eu estava achando ótimo). Uma noite antes da última gira do ano, Mãe Lilian me avisa que Seu Curumataí queria que eu fosse parte da Frente de Congá, como ele chama a hierarquia... Pensei: Eu? Mas não mesmo, porque se tem uma coisa que eu nunca (e afirmo com todas as letras, nunca quis, foi ser capitã). Foi quando a Mãe falou que não, que eu ia ser cruzada cambone de Seu Curumataí! Eu? Mas por que eu se tantas outras pessoas passaram pelo lado dele? Dedicção? Lealdade? Amor? Cumplicidade?

Acho que foi isso... Quando eu, parada lá no meio do terreiro, sozinha frente a frente com o Índio, só ouço dele: 'você está preparada, minha filha?' Não hesitei em falar que sim! É isso que eu quero! Já se passaram quatro anos, já passaram várias pessoas por ali! Mas a minha dedicação, lealdade, amor, cumplicidade e tantos outros sentimentos, são os mesmos, se não forem maiores desde o dia que me sentei ao lado dele na primeira vez!

Conheci várias pessoas. Muitas. Muitas mesmo! Cada uma diferente da outra! Cada consulta pedindo ajuda, tanto para saúde que

lá da janela, só olhando a magia acontecer. Quando as obras estavam acontecendo aonde hoje é o TVB, numa noite que eu podia estar comemorando meu aniversário, eu fui para o barracão, pois alguma coisa me dizia que eu precisava falar com a Mãe! Nem precisei abrir a minha boca, pois ela simplesmente me disse: ‘seja bem-vinda, minha filha, na gira de quinta ou sábado você vem de branco?’.

No sábado seguinte, foi o dia mais lindo... De preceito devidamente feito, de branco, mas com medo, fui para o terreiro! A Mãe cumprimentou um a um na entrada, foi o máximo! Começa a gira, e lá vem a cambone de Seu Curumataí me chamar. Pensei: o que foi que eu fiz, gente? Primeira gira e vou ser chamada atenção? Com receio fui até a frente do congá, Seu Curumataí pede para que eu sente ao seu lado e começa a conversar comigo... Eu, pasma com tanta sabedoria vinda dele, só ouvia atentamente tudo quando, mais que de repente, ele vira e me faz a seguinte pergunta: ‘filha, você quer aprender? Você está pronta para aprender?’ Eu, mais que rápido, respondi: ‘sim, eu estou aqui para isso!’ ‘Então, a partir de agora, você vai ficar ao meu lado por (tantas luas, que agora não me lembro) e depois você vai trabalhar’. Pensei: bom, é só por algumas luas e depois volto para a corrente para que outras pessoas venham ficar ao lado dele!

Até aí, tudo certo. Comecei indo numa quinta, num sábado e por aí foi! O tempo foi passando e ele nunca falou nada de mudar o cambone (o que eu estava achando ótimo). Uma noite antes da última gira do ano, Mãe Lilian me avisa que Seu Curumataí queria que eu fosse parte da Frente de Congá, como ele chama a hierarquia... Pensei: Eu? Mas não mesmo, porque se tem uma coisa que eu nunca (e afirmo com todas as letras, nunca quis, foi ser capitã). Foi quando a Mãe falou que não, que eu ia ser cruzada cambone de Seu Curumataí! Eu? Mas por que eu se tantas outras pessoas passaram pelo lado dele? Dedicção? Lealdade? Amor? Cumplicidade?

Acho que foi isso... Quando eu, parada lá no meio do terreiro, sozinha frente a frente com o Índio, só ouço dele: ‘você está preparada, minha filha?’ Não hesitei em falar que sim! É isso que eu quero! Já se passaram quatro anos, já passaram várias pessoas por ali! Mas a minha dedicação, lealdade, amor, cumplicidade e tantos outros sentimentos, são os mesmos, se não forem maiores desde o dia que me sentei ao lado dele na primeira vez!

Conheci várias pessoas. Muitas. Muitas mesmo! Cada uma diferente da outra! Cada consulta pedindo ajuda, tanto para saúde que

está debilitada, para um emprego que está difícil ou somente para pedir uma bênção! Cada uma delas é um aprendizado! E quando essas mesmas pessoas voltam para agradecer? Meu coração se enche de amor por saber que, de alguma forma, eu fiz alguma coisa para que aquela pessoa que sentou lá ficasse melhor! Cada vez que alguém diz: ‘Pamela, muito obrigada pela ajuda’, é uma forma de afirmar para mim mesma: ‘Pamela, você está indo pelo caminho certo!’ Muitas vezes, choro o mesmo choro da pessoa! Me emociono. Parece que sinto a mesma dor! E isso me fortalece! Muito.

Já presenciei muita coisa: um pedido de cura para um desconhecido, para um conhecido (o que é mais dolorido e exige muita calma), já fui para maca por várias pessoas, tentando amenizar a dor da pessoa! Já vi Seu Curumataí imobilizar eguns. Vi a Vó vestida de Seu Tata, pois a Mãe Lilian tinha acabado de trabalhar com ele e logo recebeu a Vó Benta. Senti medo de Seu Sete Pedreiras, de Dona Maria Padilha das Almas. Tomei cachaça (e banho de cachaça) com Seu Zé. Já chorei com meu padrinho Seu Pena Branca... Ganhei uma flor da Cigana Paloma. Tomei rum com Seu Martin Pescador! Fiz maria chiquinha na Ana Maria da Praia. Amarrei o lenço de Seu João Boiadeiro! Me assustei da forma que Seu Exu Maré chegou no terreiro. Ganhei o abraço mais gostoso de Seu Tranca Rua das Almas. É tanta coisa, que eu poderia ficar horas e quem sabe dias contando. Já vi espíritos pedindo a luz para seguir seu caminho! Ganhei uma cruz para a minha guia de preto velho super estilizada feita por Pai José! Seu Curumataí já brigou comigo (como um pai briga pelo bem do filho), fui pintada para a guerra, assim como ele se pinta!

Já vi bebês nascerem depois de pedidos para que se conseguisse engravidar! Já perdi amigos por conta de uma doença, na maioria das vezes, sem cura. Ganhei amigos! Irmãos!

Muitos me chamam de puxa-saco, que eu só estou ali por isso... Mas não sabem como é difícil arrumar e deixar tudo certo para que nada falte e que dê tudo certo! Ali não é só acender charuto e levantar vela não. São várias coisas. É um olhar de Seu Curumataí, lá do meio, e tentar ver o que ele quer na rapidez de Ogum!

Mas, de tudo isso, tantas coisas, tantos acontecimentos, uma coisa eu posso afirmar: sou feliz por ser cambone! Pelo tanto de aprendizado que eu estou tendo e podendo passar para as pessoas ao meu redor! Sou feliz por ter tanta gente (encarnada e não) ao meu lado, me ajudando e deixando que eu ajude também!”



Pamela camboneando Seu Curumataí no terreiro.

(Foto: Célio Olizar)

Fico imaginando o quanto os cambones teriam para contar se assim fosse permitido, pois uma das premissas para ser um ótimo cambone é a discrição, o que chamamos de sigilo de toco. Digo que os cambones são a quarta energia pelo seguinte: a primeira é a energia do próprio médium, a segunda é a energia do espírito, a terceira é a junção do espírito com a do médium, a quarta é o cambone e a quinta é o consulente.

Estas energias juntas são essenciais para uma boa consulta de Umbanda. Cada qual com sua missão. O médium precisa estar preparado, além do preceito, já com a mediunidade desenvolvida para não atrapalhar o espírito na comunicação. O espírito que já é desenvolvido precisa se acostumar com a frequência do médium. A junção do médium e do espírito é a mistura do café com leite e aqui o médium precisa ter muito cuidado para jamais se colocar à frente do espírito e cair no engano de trazer para si a responsabilidade do atendimento. Para o consulente, a sensatez de pedir o que realmente precisa e merece, sem exageros, egoísmo, vitimismo e estar pronto para ouvir o que precisa.

O cambone, além de preceito e conhecimento que exige dedicação e estudo, precisa preparar todo o material antes da entidade chegar no terreiro, estar atento o tempo todo, anotar as consultas para segurança do médium e da casa. Auxiliar na compreensão do consulente com os termos específicos do terreiro ou vocabulário peculiar do espírito que está atendendo, bem como anotar banhos, entregas e por fim destinar todos os apetrechos da entidade que foram utilizados, descarregando o que é necessário e guardando conforme o ritual para um próximo trabalho.

Olhar a gira pelos olhos dos cambones é emocionante. E vou falar por mim, que pouco camboneiei, infelizmente: enquanto estamos incorporados o tempo não passa, ele voa! O rosto das pessoas raramente fica em minha mente. O que recorro sempre é a essência da consulta, ou seja, o problema e o desfecho da consulta. Ser empático e se colocar no lugar do outro é um grande aprendizado. Veja o que Pamela nos fala sobre o lado paterno de Seu Curumataí:

“Eu me emociono cada vez que uma pessoa chega para pedir ajuda, quando vemos o desespero tomando conta da sua vida, e Seu Curumataí, com aquele jeito mais lindo de pai, aconselha e fala que vai dar tudo certo! Que ele sempre estará ao lado da pessoa, mesmo quando ela não acredita nisso! Cada filho da corrente que senta

ao lado dele, seja para consultar ou mesmo para cruzar uma guia, ele coloca no colo, como o pai faz com um filho! Cada beijo na testa e abraço dado (o que eu sinto ciúmes às vezes) e o filho sai com o sorriso de orelha a orelha, porque era tudo que mais queria e tem vergonha ou medo de pedir!”

Fico então refletindo sobre quantas pessoas ele já deve ter atendido e quantas mais ainda atenderá. Será que ele precisa se dispor a este trabalho? Com toda certeza precisa, mas não vejo que seja imposição e sim disposição por amor, pois foi com ele mesmo que aprendi que a máxima da existência é ser útil. E ele é útil para nós, com toda certeza.

Uma passagem tão simples, mas que me fez perceber como Seu Curumataí é amoroso, foi por estes últimos dias. Pamela se ajoelhou diante dele e, como é de costume, lhe deu uma flor. Ele pegou a flor, pegou ela pelas mãos e a levou diante da imagem da Vó Benta no congá. Devolveu a flor pra ela, agradecendo o ato, mas com ternura pediu que as flores que ela trouxesse pra ele antes deveriam ser oferecidas para a Vó Benta no congá, e se já houvesse flores para ela, aí sim ele as receberia, mas que antes ele preferia que fossem entregues para a vó.



Mãe Lilian incorporada com a Vovó Benta e o cambone Samuel.

(Foto: Célio Olizar)

O encontro

Água e óleo não se misturam, mas se complementam.

Vovó Benta e Pai José de Aruanda

20.

A Roberta, filha de Iemanjá, sempre foi uma moça bonita e alegre no terreiro. Fazíamos parte da mesma gira, mas não havia proximidade entre nós. Não que eu não quisesse, mas ela fugia de mim mesmo. Razões que só fui entender mais tarde.

No final de uma gira a Vó Benta pede que um recado seja dado para a Roberta, e o meu cambone na época, o Marcos, vai até ela e dá o recado: “a Vó Benta pede para lhe dizer que água e óleo não se misturam”. Eu não entendi, mas também não achei estranho, pois muitas mensagens são para as pessoas e não para o cavalo que as media.

Numa gira de praia uma cena me chamou a atenção. Eu, na engoma, cantando para Iemanjá, e a Roberta no meio da areia, incorporada com a Cabocla do Mar, girando. Questionava as razões dela ser tão distante de mim sem nada ter contribuído para este sentimento, sendo que o meu era de me aproximar, mas com medo da reação dela.

Enfim, não dei muita atenção para isso posteriormente, e só muito tempo depois soube que ela tinha se desligado da corrente mediúnica do terreiro que fazíamos parte. Não sei nem quanto tempo foi entre a mensagem que a Vó Benta enviou para a Roberta e a data de saída, tamanho era o distanciamento que havia entre nós.

Após meu cruzamento como mãe de santo, já com o terreiro em funcionamento, porém ainda nos fundos da minha casa, estava eu incorporada com Pai José de Aruanda, mas com a roupagem de médico, o Doutor José Carlos. Ele atendia alguém que estava deitado na maca, coberto por um lençol branco, virado para o congá, de costas para a porta de entrada do terreiro. Ele então parou o que estava fazendo e sorriu, olhando para a imagem de Oxalá. Ele sabia que a Roberta estava entrando pela porta. Ele se virou e caminhou até ela, pegou em suas mãos e disse: “água e óleo não se misturam, mas se complementam! Seja bem-vinda, filha”.

Roberta chegou no Terreiro Vovó Benta pedindo ajuda para um ente da família, foi pela dor. Ficou pelo amor, com toda certeza. Depois deste dia ela continuou dialogando com o Marcos, amigos e irmãos de gira lá daquela época em que eu queria me aproximar e ela corria. Marcos é aquele querido que já fora meu cambone no Terreiro do Pai Maneco, o meu afilhado, aquele que venceu as armadilhas maitreiras do vício e acreditou na vida, como relatei no capítulo “O Cam-

boninho”, e hoje é pai de santo em nossa casa, comandando a gira de sexta-feira.

Dias após o atendimento da Roberta no terreiro, Marcos me procura e avisa que ela estava tendo alguns problemas na casa de terapias que ela tinha, que coisas estranhas estavam acontecendo, impedindo até mesmo os atendimentos terapêuticos. Fomos, então, eu e a hierarquia do terreiro até o local para ver o que poderia ser observado. Chegando lá S. Tata Caveira já me esperava no portão. Entrou comigo e enquanto fazíamos uma defumação do local ele já me passava o problema: “peça pra ela fazer o ritual de abertura e você vai entender onde está o erro...”, ele me disse. Pedi e prontamente ela me atendeu.

Reiki? Não, não, não era Reiki, poderia ser tudo o que inventassem na vida, mas não era Reiki e nem a mistura de terapias, ali estava sendo aberto um portal dimensional com toda certeza! E de lá não saíam figuras pitorescas para a ocasião. Os relatos de problemas se manifestaram na mesma hora no próprio Marcos, que recebeu um egum e assim pude intermediar o problema.

Pai José orientou que as coisas precisavam ser separadas, que ali não era um terreiro. Entendi que a junção da Umbanda e das Terapias para a Roberta eram uma grande vivência de amor, mas não se pode mexer com o sagrado sem as seguranças devidamente feitas e a coroa preparada. Ela foi orientada a fazer apenas a terapia, mexendo no corpo físico somente. Isso resolveu os problemas.

Com essa aproximação ela entrou novamente para uma corrente mediúnica e, para minha surpresa, foi na minha, se tornando minha filha de santo juntamente com seu marido que na época era noivo.

A partir daí a prática das terapias ficou tranquila, pois tudo o que chegava até as terapias e se tratava de problemas espirituais, ela encaminhava para o terreiro e as pessoas eram atendidas da maneira correta, dentro de uma casa preparada para isso, com firmeza, assentamentos, corrente mediúnica e espíritos incorporados sabedores de como fazer o tratamento, seja de cura ou desobsessão.

O tempo foi passando. Em setembro, já na casa nova do terreiro, onde estamos hoje, trabalhávamos em alguma arrumação do local e Pai José me pediu que chamasse a Roberta para conversar. Ele queria que eu desse a notícia de que lá no terreiro seria aberto espaço para as terapias complementares, como o Reiki, no mês de outubro. A Roberta começou a gaguejar e, sem entender muito bem o que estava acontecendo, me pediu apenas para ir até o carro dela. Ela retornou com um caderno e fervorosamente procurava uma página em especial

para me mostrar. Lá estavam os escritos do Mestre Joseph, guia espiritual que a orienta com as terapias. Nestes escritos o espírito afirma que o local onde doavam as terapias não seria mais possível, mas que ela não ficasse triste que isso fazia parte e que outro local maior estava sendo preparado e que iniciaria em outubro. Coincidência? Não, nenhuma. Depois de um tempo Pai José revelou que ele é o mesmo Mestre Joseph.

Dentro do terreiro ficou mais fácil para ela conversar com o mestre, pois como incorporo ele, as dúvidas ou solicitações são verbalizadas pelas incorporações ou através da minha clariaudiência. Eu não entendo absolutamente nada sobre terapias, todavia, o que ele fala, passo tal e qual.

Desta maneira nasceu o espaço terapêutico, com sete terapias complementares que acontecem todas em conjunto. O paciente fica exposto às terapias por uma hora, sendo vinte minutos na reflexologia e depois mais quarenta minutos deitado na maca sob a cromoterapia, pranayama, aromaterapia, musicoterapia, reiki e, quando necessário, os florais e apometria. O trabalho é lindo, profundo e cura mesmo, desde que o primeiro passo seja dado por quem busca a cura.

Realmente, água e óleo não se misturam, mas se complementam. Religião e terapias não se misturam, se complementam.

Que tal agora sentir a história pelos olhos e coração da Mãe Roberta? Sim, hoje ela é mãe e comanda a gira de quarta-feira. Nas terças ela e seu marido Willian comandam as terapias complementares.

“No ano de 2012, eu, Roberta, era médium da gira de terça no Terreiro do Pai Maneco; além da prática mediúnica, coordenava um grupo de doação de Reiki, que acontecia uma vez por semana nos fundos da casa da minha mãe.

Ainda desprovida de conhecimentos e da maturidade espiritual que me fariam compreender a separação entre a prática terapêutica e a manifestação mediúnica, tornou-se comum a prática de psicografias após e durante a aplicação da terapia Reiki.

Contudo, enquanto médium do Terreiro do Pai Maneco, comparilhava a mesma gira que a Mãe Lilian, que na época era Lilian, minha irmã de corrente que tão pouco conhecia, e se não conhecia a Mãe, muito menos a Vó Benta...

Essa Grande Mãe Espiritual Vovó Benta, com seu imenso amor e sabedoria, já acompanhava meus passos, e em uma gira de pretos velhos, antes de desincorporar chamou seu camboninho, Pai Mar-

cos, e pediu que passasse o seguinte recado à menina Roberta: 'água e óleo não se misturam!'.

Assim que acabou a gira o camboninho veio até mim e me deu o recado. Aquele recado entoou em meus pensamentos por aproximadamente seis longos meses, e pela minha ignorância e imaturidade naquele momento, ao invés de retornar à Vó Benta para melhor compreender, entendi que eu teria que escolher: ou o Saravá ou o Namastê. E sem dúvida foi uma das escolhas mais difíceis, mas se era necessário estava feito, e no final do ano de 2012 fiz meu desligamento mediúnico do Terreiro do Pai Maneco.

Dessa maneira, passei o ano de 2013 desligada dos trabalhos mediúnicos na Umbanda, mas com os trabalhos terapêuticos ativos. Mais ou menos nessa época, em um desdobramento, um espírito se apresentou como o Mestre Espiritual que orientaria esses trabalhos e que seu nome era Mestre Joseph. Dono de uma sutil doçura, mas muita firmeza e sabedoria, passou a orientar o grupo por meio de intuições que me eram passadas, e assim encerramos a prática das psicografias e o grupo de Reiki foi tomando forma e ganhando cada vez mais assistência!

Enquanto isso, em junho, nasceu o Terreiro da Vovó Benta e eu pensava: 'olha, agora tem o terreiro da Vó que pediu para eu 'sair da Umbanda'... (rsrsrs). Mas ainda imersa no sofrimento que me fez desligar da Umbanda, somada a um distanciamento que tinha da Mãe Lilian, eu não poderia deixar de ir assistir a uma gira no TVB!

Até que a vida/Deus me deu uma grande lição e minha grande mãe material, minha avó materna, adoeceu com um grave tumor cerebral. O fato da minha avó estar doente, associada ao grande distanciamento vibratório que eu estava dos guias, me tiraram o chão e a alegria de viver... Foi então que solicitei ao meu marido William Ramasine, que na época inclusive era meu namorado, que me acompanhasse até o TVB. Lembro muito bem da cena dele me tirando do carro e eu mal podia andar de tanto que chorava, e em plena desconexão divina.

Chegando lá a Mãe estava incorporada com o Dr. José Carlos, e logo que entrei no Terreirinho ele foi até mim me buscar; estendeu as mãos, me deu boas-vindas, olhou firmemente em meus olhos e disse: 'água e óleo não se misturam, mas se complementam!'.

Até hoje, e acredito que até o fim da minha encarnação, quando conto essa história é impossível conter a emoção, e as lágrimas rolam... E assim começou a minha caminhada no Terreiro Vovó Benta!

Cerca de dois anos depois descobrimos que esse mesmo Dr. José Carlos que me recebeu de braços abertos é também Pai José de Aruanda, Seu Zé Pelintra e o Mestre Joseph. E foi sob a Luz de Mestre Joseph e Vovó Benta que nasceu o que hoje chamamos de Espaço Terapêutico do Santuário Vovó Benta!

Nas mãos da Grande Mãe Espiritual Vovó Benta fui iluminada e guiada ao caminho da Verdade. Pela Grande Mãe Material, minha avó materna, fui levada à Nossa Casa de Fé e, pela bondade divina, tive a oportunidade, nesta encarnação, de reencontrar e viver o amor ao lado de minha Grande Mãe de Santo Mãe Lilian, e tudo isso com a Sabedoria do Grande Mestre, Pai e Mentor Mestre Joseph!

E é por essa e tantas outras que amo a nossa Casa, entrego minha vida aos guias e sigo na lei de pomba!

*Água e óleo não se misturam, mas se complementam!
Saravá, Namastê!”*

Para finalizar este capítulo, querido leitor, peço sua reflexão. Quem será que errou na mensagem? No início o que ficou claro e chegou até o consciente da Roberta foi que “água e óleo não se misturam”. Quem será que engoliu o resto da frase? Eu como cavalo da Vovó Benta? O cambone que não soube passar a mensagem toda? A Roberta que não ouviu toda a frase por refuta? Ou a Vó Benta que, com toda sabedoria, sabia das andanças que precisavam ser percorridas? Não importa, o que importa é que o amor venceu mais uma vez e o que era distanciamento hoje é total conexão entre mãe e filha de santo e de alma.

Água, condutora da vida. Óleo, conservador natural físico. Água e óleo é uma mistura heterogênea, ou seja, não é homogênea, estão em fases diferentes. O mesmo acontece com o nosso corpo físico e o espírito, cada um pertence a uma dimensão!

Saravá o conhecimento de todos os povos com as terapias que nos acalentam e curam (dentro do merecimento) a dor física, emocional ou psicológica!

Um grito de liberdade

Hoje é 13 de maio. Ecoaram na Ilha do Mel os tambores da senzala que anunciaram a liberdade...

A liberdade religiosa. Toda forma de reza é válida quando feita com amor. A religião é um instrumento eficaz para que cada indivíduo descubra, desperte ou amplie a sua espiritualidade.

Mãe Lilian de Iemanjá

21.

Não importa qual seja a religião, ela serve para que possamos sentir a divindade da criação que somos, despertar o nosso melhor e lapidar o nosso pior. A melhor religião é aquela que nos torna melhores pais, filhos, irmãos e amigos. Discordo quando me falam que a religião serve para explicar a morte. Não, se assim fosse ela não seria para todos, buscaríamos a religião apenas para a hora da morte. Temos a religião como instrumento libertário de pensamentos e sentimentos. Ela nos propicia o entendimento holístico de quem somos, do para que existimos, e também do que fazemos parte.

Não importa se é na Igreja Católica, Protestante, no terreiro de Candomblé, no terreiro de Umbanda ou no Kardecismo. O que importa é o que você faz com o alimento da alma que é servido nesta casa de reza que você escolheu. Eu escolhi a Umbanda e respeito todas as demais religiões.

Na Ilha do Mel os moradores também precisam dessa liberdade religiosa, escolher-se dentro da fé que professa o seu coração. O Deus criador de todos nós é o mesmo. Tenho certeza que ele não se importa com a forma que louvamos ele, mas está sempre atento a como nos tratamos uns aos outros, com o respeito que devemos ter. Dentro desta liberdade religiosa a opção pela Umbanda não era uma escolha possível, pois não havia na ilha uma forma que não fosse aguardar o TVB uma vez ao ano para os Trabalhos de Mar, realizados sempre no mês de março. Por esta sede espiritual, moradores da Ilha me procuraram e solicitaram nossa presença com mais periodicidade. Coração de Mãe não pensa duas vezes e me propus a estarmos juntos todo segundo domingo do mês, iniciando desta forma a Corrente TVB dos Filhos da Ilha do Mel.

E onde está a liberdade que falo neste texto? Nessa convivência de todas as religiões na Ilha do Mel. Somos todos filhos de Deus. Cada qual com suas experiências e preferências. Graças a Deus não somos iguais. Esse mundo seria muito chato. Não aprenderíamos nada, pois seria monótono e sem desafios, logo, sem aprendizagem e evolução. Não tenho rebanho, não sou fazendeira e não acumulo cabeças. Tenho braços imensos que querem abraçar com amor e orientar o caminho para que todos possam sorrir de satisfação pelo entendimento existencial, a felicidade plena.

A Ilha do Mel tem muita história para ser contada. A Ilha recebeu este nome devido à grande produção de farinha, sendo hoje proibida qualquer plantação devido à preservação da mata. No idioma alemão a palavra farinha é “mehl”. A Ilha da Farinha de Mandioca, plantada pelos escravos por um período, e também pelos nativos, hoje não produz mais farinha. Hoje vive do comércio e depende dos turistas para que os moradores possam sobreviver. Que Zambi proteja a Ilha da devastação que isso pode gerar daqui algum tempo. Tem como? Tem. Só precisa haver consciência de todos que lá vão. A Ilha não é uma terra sem lei para que seus turistas usem a natureza e as instalações sem o devido respeito. Não é um aterro sanitário para que lá depositem o lixo energético, deixando os miasmas da vida cotidiana urbana. E aqui falo da bituca do cigarro jogada na areia sem escrúpulos, como também da falta de respeito e maus-tratos aos moradores e nativos. Não são matutos sem conhecimento! Ao contrário! São almas que vivem mais próximas das energias cósmicas, respeitadores da natureza e dotadas de corações nobres cheios de amor.

E com esta liberdade religiosa, em 12 de maio de 2019 iniciamos a Corrente do TVB da Ilha do Mel – Encantadas. Foi um dia magnífico. Chegamos em Pontal do Sul e já fomos acolhidos pelos moradores da Ilha no Trapiche. Fizemos a travessia ao som dos tambores e cantigas de nossa ancestralidade negra. Às 15 horas a concentração na Casa Redonda já era intensa. Os corações acelerados pelo início dos trabalhos, pois naquele chão mágico o amor vibrava mais do que a dor que por lá havia passado no século anterior.

Pensava eu que haveria poucas pessoas na assistência, por ser a primeira gira. Mas me enganei! Havia quase cinquenta pessoas na assistência nesta primeira gira da Ilha. Caboclos, Pretos Velhos e os Exus fizeram os atendimentos. Defumação, Vibração das 7 Linhas no descarrego, Cura dos Caboclos... Uma linda gira com quase vinte consultas!

Ao final da gira, os corações já doíam de saudades, pois retornaríamos para mais uma gira de Umbanda dali a um mês. Meu coração é eternamente grato aos meus filhos do TVB de Curitiba que me acompanharam nesta gira e que estarão comigo nas próximas também. Gratidão aos filhos TVB da Ilha do Mel! Gratidão imensa ao David e Cecília, que nos acolheram com todo o amor possível na Casa Redonda e a cada filho TVB da Ilha do Mel...

Amo a Ilha.

Amo as pessoas da Ilha.

Uma dor? Sim. Vi as duas freiras (iluminadas, lindas e sorridentes) passando perto do trapiche, mas a situação não me permitiu a aproximação para pedir um abraço. Que Deus permita nos encontrarmos na próxima vez para este abraço fraterno e afetuoso.

Em tempo: na primeira vez que pisamos na Ilha do Mel com minhas vestes brancas e guias, um filho meu ouviu a seguinte afirmação: “macumbeiro! Tá amarrado em nome do Senhor!”. Já ouvi certa vez que os “macumbeiros” não são de Deus, que quem professa essa religião é adorador do demônio. Me espanta alguém acreditar nisso, pois o demônio não tem morada em meu coração e jamais terá. Em mim mora o amor, o respeito, a compreensão, e quando não consigo compreender a ignorância, tolero e sigo com tranquilidade. E a propósito, macumbeiro é tocador de macumba, instrumento musical. Os historiadores Luiz Simas e Luiz Rufino comentam em seu livro *Fogo no mato, a ciência encantada das macumbas* (2018) que palavra “macumba” vem do quicongo, língua falada na República do Congo e norte de Angola, onde *kumba* designa os poetas, os encantadores de palavras. Em outros termos, os senhores das palavras mágicas. O sufixo “ma”, no quicongo, forma o plural. *Macumba*, portanto, seria um conjunto ou a terra dos poetas. Então, quando fazemos macumba (ou tocamos o instrumento macumba), estamos fazendo, de alguma maneira, um encantamento, fazemos poesia.

Eu sou Sacerdote há seis anos e umbandista há 25, com muito amor e gratidão. Minha religião ensina o respeito a tudo e a todos. Na Umbanda não se aceita sacrifícios de animais. O maior sacrifício é melhorar como pessoa no dia a dia. Na Umbanda não se cobra por atendimentos. A maior cobrança é intrapessoal, diária e evolutiva por consciência existencial.

Eu sou do Axé. Aleluia! Amém!



(Foto: Hertz Wendell)

A engoma

Música é um dos melhores temperos pra a vida.

Mãe Lilian de Iemanjá

22.

Desde que entrei na Umbanda a música sempre esteve por perto. Mesmo em casa, ouvindo os pontos cantados, acendendo incensos e transcendendo para a energia do terreiro a qualquer momento que estivesse em casa. Porém, ela também tem outro papel em minha vida. Todas as vezes que preciso relaxar a mente, ouço música. Tenho o péssimo hábito de ouvir música com fones em alto volume. Gosto de música bem cantada, bem tocada e com mensagem interessante. Música alegre, que enaltece a alegria e nos deixa mais vibrantes.



Engoma na Gira da Ilha do Mel- Encantadas/PR – Casa Redonda

(Foto: arquivo TVB)

Apreendi com Pai Bitty de Ogum que a Umbanda é Luz, Som e Movimento. Estas palavras que ele menciona são imbuídas de muita sabedoria, pois considero a magia da Umbanda sintetizada em apenas três palavras. A Luz vem de Deus, dos Orixás e das Entidades. O Movimento vem da gira, da dança, do curimbar dos espíritos arriando no terreiro, no movimento do descarrego, etc. A junção da Luz e do Movimento está nas entidades incorporadas e também no movimen-

to da Pemba que, pelas mãos do médium incorporado, é possível a entidade riscar seu ponto e grafar com a luz da pemba (risco) e com o movimento (o ato de riscar), firmando quem é e abrindo a sua força em plano físico dentro do terreiro. Para os que são clarividentes é possível ver um canhão de luzes de diversas cores que sobem dos pontos riscados e se perdem no céu.

Mas, e o Som? Qual é a sua utilidade? Onde está presente? A energia que o som emite, além de ouvirmos com alegria, também é responsável pelas ondas sonoras que emanam energia durante os trabalhos. É de responsabilidade dos ogãs a missão de manter a energia da gira conforme a entidade-chefe do terreiro precisa. Ora mais forte e vigorosa, ora mais suave e doce. Toda essa maestria é feita através da entidade-chefe que rege os trabalhos e também pelo Pai Ogã e toda a engoma que é composta por atabaqueiros, cantores, ogãs e sambas. A diferença entre os atabaqueiros e cantores é que os ogãs e sambas têm o cruzamento, juramento e ligação espiritual firmados com as entidades-chefes do terreiro. Suas mãos, coração, pensamento e voz são abençoados para que os trabalhos possam acontecer de maneira pura e determinante mesmo diante de todas as adversidades ou dificuldades que possam acontecer, deixando muitas vezes o cansaço e compromissos particulares de lado.

Em minha vida e em nossa casa, temos o Pai William, que é nosso Pai Ogã, responsável por todas as engomas do Terreiro Vovó Benta. Nenhum atabaque se mantém sem o olhar e zelo dele, como também nenhum ogã toca se ele não estiver seguro de que este tenha os itens necessários para estar ali. Não basta saber tocar bem um atabaque, tem que ter a alma disposta, o coração puro e a determinação em se doar.

Um dos ogãs que foi formado pelo Pai William é o Ogã Gustavo de Oxóssi. Aliás, aqui é bom observar que a engoma do TVB parece ser das matas! Pois a maioria dos ogãs são de Oxóssi! Curioso, não?!? Mas o fato é que amo a engoma que temos e tenho certeza que todos tocam no TVB por amor e não por ostentação. Tocamos para os espíritos e não para plateias, embora não tenha nada contra quem faça apresentações.

Pai William sempre foi muito medroso quando o assunto era terreiro. Mudava de assunto na hora e saía correndo. Porém, quando pela primeira vez foi para conhecer, se apaixonou pela engoma e nunca mais saiu do terreiro. Lá se vão 13 anos que ele perdeu o medo do terreiro. Quem contribuiu? A música! O som!

Já houve semanas que eu girei cinco vezes, seja por estar na casa de



Ogã Gustavo e Pai Wilhiam em trabalhos externos do TVB.

(Foto: arquivo TVB)

meu filho Pai Thiago de Ogum (Casa do Pai Chico), em gira de desenvolvimento, com a gira de quinta, gira de sábado e também girando com a corrente da Ilha do Mel. Enfim, girar cinco vezes numa semana não é fácil. Tocar atabaque ou cantar cinco vezes numa semana também não é. Indiferente ao cansaço ou afazeres particulares, meu querido marido sempre está lá ao meu lado, bem como minha filha Luane... Essa Mãe Pequena incansável que antes dessa missão já era samba no terreiro. Ou seja, a música sempre esteve em nossa família.

Mas quero me recolher na reflexão do Ogã. Quem toca um atabaque, toca por quais motivos? Por amor aos espíritos e aos trabalhos desenvolvidos. Um ogã domina muito mais do que o toque nos três atabaques (rum, rumpi e lê). Ele domina o próprio ego, a falta de desânimo, os melindres, a impaciência e também o cansaço. A sua mediunidade não é menor nem maior do que o médium que incorpora, mas sua responsabilidade é tão grande quanto, pois sua ligação com os trabalhos é imensa. A energia que emana dos atabaques e do canto deve estar sempre conectada ao guia-chefe e aos trabalhos de meio. Muitas vezes, quando o ogã ou samba pensa em um ponto específico, a entidade-chefe já pede no mesmo momento. Esta conexão é prova da sintonia entre a engoma e a entidade-chefe. E sem engoma, há gira? Claro que sim. Onde houver um médium incorporado, um cambone e um consulente, há uma gira. Porém, há trabalhos que a energia do som é essencial para elevar a frequência energética.

Diante dessa importância que vejo na engoma, com ou sem atabaques, vou agora falar do canto e o que ele representa em minha existência.

Quando comecei a girar na Umbanda eu já cantava os pontos. Fiz parte da engoma e na época não era comum uma mulher tocar atabaque. Quando menstruada não podia tocar nos tambores... Enfim, explicações dadas não me convenciam e graças a Oxalá essas regras foram caindo com o tempo na Umbanda.

Cantei por muitos anos e quando fiz a primeira cirurgia na tireoide, fui alertada que poderia ficar rouca. E fiquei! Mas não me importei... Adaptei minha voz ao que podia e continuei cantando. Fiz a segunda cirurgia na tireoide e fui alertada novamente. Fiquei mais rouca... E continuei cantando! Sou, acredito eu, uma das poucas mães de santo que puxam os pontos e cantam como se fosse samba, mesmo estando no meio do terreiro. Amo o canto! Amo a função de samba! Tanto que antes das giras canto por meia hora, sendo esta a melhor maneira que encontrei para refletir e me conectar aos trabalhos.

A música sempre foi pra mim o grande instrumento de relaxamento e de poder criativo. Ou seja, toda vez que eu preciso produzir mentalmente algum projeto ou relaxar a mente, é para a música que eu direciono minha atenção.

Em muitos momentos, nos desenvolvimentos das giras no TVB, eu insiro a música com a dança como instrumento de elevação energética. Antes de iniciar o ritual da gira dançamos alegremente no terreiro, sem local demarcado para cada um, de maneira e forma totalmente livre e espontânea. O resultado? Sorrisos largos e descontraídos, aliviando a tensão do dia a dia e deixando muito mais propícios os trabalhos de incorporação e atendimento.

Saravá a música de terreiro, saravá os ogãs, saravá os sambas, saravá a Umbanda, saravá você!



Eduardo Camargo

Memórias de terreiro

Momentos que marcaram.

Mãe Lilian de Iemanjá

23.



Mayara Silva

Danielle Martins



Mayara Silva



Thiago Aguiar

Momentos do Terreiro de Umbanda Vovó Benta

(Fotos: autoria indicada em cada imagem)



Janaina Vasconcelos

Eduardo Camargo



Ralph Willians

Ralph Willians



Janaina Vasconcelos

Momentos do Terreiro de Umbanda Vovó Benta
(Fotos: autoria indicada em cada imagem)

Eduardo Camargo



Thiago Aguiar



Eduardo Camargo



Eduardo Nogueira



Ralph Williams



Thiago Aguiar



Gira em homenagem aos Erês 2017

(Fotos: Célio Olizar)



Gira em homenagem aos Erês 2017

(Fotos: Célio Olizar)

Leituras sugeridas

*Para cada momento da caminhada,
palavras de diferentes mestres.*

Mãe Lilian de Iemanjá

24.

Tambores de Angola, Robson Pinheiro.

Aruanda, Robson Pinheiro.

Grifos do Passado, Pai Fernando de Ogum.

Eu e a Umbanda, Pai Edmundo Ferro.

Causos de Umbanda: psicologia dos pretos velhos 1,
psicografado por Leni W. Saviscki

Causos de Umbanda: psicologia dos pretos velhos 2,
psicografado por Leni W. Saviscki .

Natureza: onde reinam os Orixás, psicografado por Leni W. Saviscki.

Enquanto dormes, psicografado por Leni W. Saviscki.

Dona Lilica, a benzedeira, psicografado por Leni W. Saviscki.



(Foto: Hertz Wendell)

1ª Edição *Novembro de 2019*
Impressão *Gráfica Monalisa, Curitiba*
Papel de Capa *Cartão Supremo alta alvura 250g*
Papel do Miolo *Pólen Soft 70g*
Tipologia *Nyte, Georgia e Cambria*



SYNTAGMA